

tores, que tratam a materia; e que o dño defendente nem menos tinha ouvido nomiar, quanto mais lido. Nem o Feijoo, como ja adverti, é onem capaz de se-estudarem nele, as materias: vistoque só dezingana os ignorantes: os doutos estam dezinganados, polos mesmos livros que ele leo: e nos Paradoxos é tam superficial, que só serve para os que nunca estudaram, Filozofia moderna. Em outra ocaziã propuz a um Religiozo, um a dificuldade de Gramatica; e respondeo-me, que aquillo o-dizia certo autor Francez. Eu confeso a V. P. que nam tinha lido o tal autor: mas li outros, de que ele talvez se-servise. Porem com toda esta jatancia, o Frade nam respondeo ao argumento. Onde o omem prudente, deve fugir deste estilo: pezar a razam em si, e reparar nam em quem o-diz, mas o que diz: e preparar-le para responder com razoens, e nam com diterios. O dezejo que muitos tem, de dizerem coizas novas nos-argumentos, é que faz que digam, parvoices: pois nam tendo tanta doutrina, para poderem produzir, dificuldades novas; necessariamente diram ridicularias.

Mas era melhor, que estas conclusoens no-fim de cada ano, fossem exames publicos; em que os n estres lhe proguntassem miudamente, as coizas principais, em todas as materias. Isto tem outra forã, e effeito, do-que as conclusoens publicas; em que cadaum argumenta, no-que lhe-vem à cabeça. Mas sejam como forem, deve ser um ato em cada materia, no-fim do-ano. E no-quarto ano deissois do-ultimo, dar-lhe o grao de Licenciado, ou de Doutor. Mas quando o Doutoramento, por-seguir o costume antigo, devêse ser em outro dia; trez questoes de Logica, Fizica, e Etica, que provase nam polo metodo da-escola, mas magistralmente; e uma breve oralã, em que lhe-argumentassem *ad honorem*; bastava para o dito ato. Mas estudem eles a Filozofia como devem, e façam os atos como lhe-parecer.

Da-Medicina pouco tenho que acrescentar, ao que disse a V. P. na carta em que falei nela. O Medico deve estudar Filozofia, segundo disemos: pois sem esse principio, nam pode dar um passo, na boa Medicina: nam sendo esta outra coiza mais, que a Fizica particular do-corpo humano. A Etica é meros necessaria ao Medico: e com o tempo pode estudar alguma coiza dela, para regulamento da-sua vida. No-primeiro ano de Medicina, deve estudar fundadamente, Anatomia; segundo apontei na minha carta: indo duas ou trez vezes na semana ao Ospital, ver nos-cadaveres, a materia que estuda. Parecc-me que é muito mais util, estudar juntamente a Fiziologia, ou uzo das-partes, do-que rezervala para o seguinte ano. E assim na 2. ora de menhan deve ir à escola, em que outro mestre explique, o uzo das-partes. Este estudo nam embarãsa o outro, antes o-ajuda: pois vendo bem as partes, facilmente se-conhece o uzo: e este exame confirma novamente, a ideia que tem formado, da-dita parte. Esta é a primeira parte, das-Instituisoens. No-segundo ano, estuda as mais partes, das-Instituisoens

tuifoens Medicas ; que ſam a Patologia , ſemeiotica , Hugiene , Terapeu-
tica. No-terceiro ano deve eſtudar a Pratica pola menhan , ou o tratado
de cognoscendis, & curandis morbis : indo de tarde ao Oſpital, verificar ſo-
bre os doentes, as coizas que eſtudou, tendo cuidado de nam ver muitos
doentes ; mas eſcolher alguns, para neles obſervar, o que eſtuda : e eſcre-
vendo tudo o que obſerva. Eſte metodo dá mais doutrina em trez anos,
doque o metodo com nam e n vinte. No-neſimo terceiro ano deve eſtudar,
os tratados particulares, indo ouvir os leitores, que expliquem as doenſas
das-Molheres, e Meninos : doenſas da-Cabeſa : do-Peito : do-Abdomen ou
baixo ventre : no-que ſe-compreende tudo. Neſte meſimo ano deve trez tar-
des na ſemana, ir ouvir alguma coiza, da-ſtória dos-Simplezes, que ſervem
para a Medicina : e frequentar o Oſpital, para ſe-fundar bem na Pratica.

No-ſim de cada auo, deve fazer um exame particular, das-materias
que eſtudou no-dito ano : e ſeria bom propor cada ſemana, algum ponto,
dos-nais importantes, paraque ſe-diſputaſe na eſcola. O quarto ano podia-ſe
empregar, em fazer atos : os quais eu reduziria a trez, cadaum no-ſim de
trez mezes. 1. em Anatomia. 2. nas Inſtituiſoens Medicas, ou Teorica Me-
dica. 3. nas Inſtituiſoens da-Praxe Medica. Deſte modo poderá o eſtudan-
te, tornar a ler as materias, que tem eſtudado, e profundálas : vendo nam
ſó as Inſtituiſoens, mas os melhores autores, que tratáram as materias par-
ticularmente ; para poder reſponder ſobre elas. E neſte quarto ano eu lhe-
dera, o grao de Bacharel ; e, fazendo mais um ato, de Doutor : mas com
proibiſam de nam curar, ſenam deſpois de trez anos de pratica ; provada
nos-Oſpitais, com frequencia continuada : pois neſte tempo tinha o moſo
ocaziam, de profundar as materias, e exercitar bem a ſua pratica.

Quanto ao modo de exercitar eſta pratica, agradou-me ſempre aque-
le, que obſervam os noſos Italianos, e tambem praticam outros Reinos :
em que os Medicos, deſpois de graduados, concorrem para aſſtir nos-Oſ-
pitais, uns cinco anos antes de curarem. Aos moſos que ſaíram das-eſcolas,
dam-ſe dois cazos : e dentro em meia ora, os-rezolvem por-eſcrito, na mel-
ma camera em que eſta n os prezidentes. Os que ſam melhores, preferem
aos outros, e entram no-Oſpital : o qual ſendo grande, tem quatro deſtes
Medicos, ou ainda mais. O Oſpital é obrigado a ſuſtentálos : da-lhe caza,
e veſtido : e uma boa livraria para eſtudarem : e toda a ſorte de instrumen-
tos fizicos, para fazerem as experiencias. Tem oras determinadas, em que
aſſitem por-turno : deſorteque ſempre um eſteja prompto, quando o-chama-
rem. Deve o Medico aſſistente, acompanhar o Medico do-Oſpital, quan-
do vem fazer a vizita ; e eſcrever os remedios, que eſte preſcreve aos doen-
tes, para os-mandar executar : porque a ele pertence, cuidar niſo ; e in-
formar o ſeu Medico, quando vem. Tem alem diſo o Oſpital, quatro ou
cinco incizores de cadaveres : que ſam obrigados, a abrirem todos os cada-
veres, que lhe-ordenar o Medico aſſistente. Deſta ſorte podem fazer as ſuas
obſer-

observações, quando lhe-parece, com grande utilidade sua, e da-Republica.

Mas como nem todos os Medicos podem, intrar nos-Ospitais; á outro metodo, de os-exercitar na pratica, que se reduz a isto. O Medico novo apresenta-se, ao Medico velho do-Ospital: esse o-conduz a dois, ou tres, ou mais leitos, e pergunta-lhe, qual é aquela enfermidade: e quando o novo a-acerta; encarrega-lhe a cura, dos-tais doentes. O noviso vai curálos, todos os dias: e quando torna o Medico velho; da-lhe conta de tudo, o que tem feito. Se acazo tem errado, o Medico velho o emenda: e desta sorte aprende bem. Muitos destes moços escrevem miudamente os phenomenos, das-doenças que lhe-encarregam: cujas historias conservam, e delas aprendem muito: e muitas vezes tem succedido, que estes Medicos que escrevem a historia, das-doenças que observam; tenham, em virtude delas, sido nam só bons Medicos, mas perfeitos autores. E com effeito creio que nenhum Medico, pode tirar proveito das-suas observações; se nam escreve com cuidado, tudo o que observa: para se-servir nas occasiões. Este é o metodo de fazer-se letrado.

Os Cirurgioens tambem costumam, estudar nos-Ospitais, abitando nelles da mesma forte, que os Medicos. Começam servindo os doentes: e até certo tempo, nam tem paga: mas aprendem se querem, e servem no-Ospital, a tudo o que é necessario. Todos os anos se-fazem anatomias, pola maior parte no-Inverno, ou Quaresma; onde os que estudam sam obrigados cadaum, fazer sua lista publica; mostrando alguma parte, do-corpo humano. Os Medicos tambem entram nesta lista, e desta sorte se-fazem omens. Com o tempo dam-lhe outros empregos, de algum emolumento: até que depois de alguns anos saiem Cirurgioens, e vam curar pola Cidade; ou o mesmo Ospital, lhe-dá salario. Tem alem diso mestres pagos de Anatomia, e Cirurgia, que vam dar duas lizoens cada semana, uma ora: e sempre sam os melhores Cirurgioens da-Cidade. Em algumas partes, e especialmente em Pariz, tem uma caza particular no-Ospital, em que recebem as mulheres prehes, e pobres, quinze dias antes do-parto. Os Cirurgioens vizitam-nas, e sabem tam bem conhecer, quantos dias lhe-faltam, que quasi mais se-enganam. Estas mulheres parem, diante dos-Cirurgioens: os quais nelas ensinam aos dicipulos, como se-ãm-de regular, nos-partos de tempo, e antes de tempo: como devem nos-partos dificeis, dilatar suavemente com a mam, a boca do-utero: romper as tunicas do-feto: voltar a criança que apresenta a barriga, ou costas: tirála polos pés, que é o mais seguro: tirar a placenta: purgar a madre, de algum sangue coalhado, que cauza perigosos fluxos de sangue. No-cazo que a criança morra, ou apodresa, como se-pode tirar: com que instrumentos, e tenazes &c. Esta noticia é sumamente importante, para livrar a vida a muitas mulheres; que frequentemente morrem, por-culpa dos-Cirurgioens, que ignoram, como se-fazem
estas

estas operações; e também para salvar a vida, ou ao menos a alma, a muitas crianças, que morrem no-parto: sendo certo que as parteiras, são todas ignorantísimas. Basta que V. P. leia a bela obra, que sobre os partos compoz, *M. de Mauriceau*, em Francez, 4. (que oje se-acha também, em Italiano) para conhecer, com quanta facilidade um Cirurgiam destre, pode livrar da-morte, estas inocentes criaturas. O mesmo autor compoz outro tomo, das observaçoens que fez, em varios partos. Tive particular consolação, de ler esta obra; que verdadeiramente é boa, e erudita. Quanto ao escrúpulo, que tem as mulheres Portuguezas, de nam quererem parir, em presença de Cirurgiam experimentado; nam lhe-chamo vergonha, mas parvoice. Uma mulher doente, e emperigo, nam só costuma chamar o Cirurgiam; paraque a-reconheça toda; mas em consciencia o-deve fazer. É que maior perigo, que o parto? em que periga nam uma, mas duas vidas; que frequentemente se-perdem, por-culpa desta chamada vergonha. A modestia e pejo, é mui louvavel em todos, e principalmente nas mulheres: mas á-de ser em diferente sentido: muito mais porque os Cirurgioens, sendo cazados, e tementes de Deus, tem toda a boa prezunção, pola sua parte. Para as outras coizas das-paridas, deve deixar-se o cuidado as mulheres; mas nisto dos-partos, em que sempre á perigo; nunca me-fiara das-partearas: as quais só mandam chamar o Cirurgiam, quando a criança, ou a mãy já está morta. E assim estes escrúpulos, parecem-me mui ridiculos, e prejudiciais. Esta é a pratica dos-Ospitais, em outros Reinos. Prouvera a Deus, que em Portugal se-praticasse este metodo! veria-mos sem duvida, outra sorte de Medicos, e Cirurgioens: o Publico receberia outro beneficio: e o dinheiro que nisto se-empregasse, seria o que frutaria mais às Cidades, e daria onra à Nasam.

Admiro-me quando vejo o descuido, com que se-procede nesta materia; nam digo nas Aldeias, mas nas Cidades grandes; e nela Univerfidade, e ainda na Corte. Nam sei se isto provem, porque os que administram os Ospitais; nam tem quem os-advirta, nesta materia: ou se é porque os Medicos velhos, embarasam a reforma. Mas seja como for, é grande dano para a Republica. Seria muito melhor, que parte do-dinheiro que gastam em doces, e galinhas, com tanto prejuizo dos-doentes; como advertem os omens doutos; se-converte-se em pagar a alguns Profesores bons, como também Medicos, e Cirurgioens assistentes. Sendo oje notorio, que a dieta dos-doentes, deve ser diferente da-quela, que aqui geralmente se-pratica. Isto é o que fazem, em outros Reinos; e isto é também, o que devem fazer aqui.

Tornando pois ao estudo da-Medicina, digo, que o estudante de Medicina, que frequenta a Univerfidade; deve no-3. e 4. ano ir uma vez na semana, à Chimica. Na qual escola um mestre explique primeiro, a teoria da-Chimica: depois, a pratica: e faça alguma operaçam, diante dos-

seus dicipulos. Isto nam embarata os dicipulos, e dá grande luz para a Fyzica, e Medicina. Nos-dois mezes da-Primavera do-terceiro, e quarto ano, nam deve aver lizam de tarde, mas deve o leitor de Botanica, ir ao orto Medico, mostrar as Plantas aos dicipulos: o que em outros Reinos costumam fazer, pasiando. Este orto Medico, costuma ter todas as plantas, divididas em canteiros: o leitor vai mostrando aos dicipulos, as ditas; e explicando o nome delas, e mil coizas curiozas de Fyzica. Costuma esta lizam durar, uma ora, e meia: e aprende-se mais na dita ora vendo-as, doque lendo anos inteiros, ou vendo as figuras nos-livros, que nunca chegam a representálas bem.

Pasando ao Cirurgiam, que quer estudar fóra do-Ospital; despois do-primeiro ano de Anatomia, e uzo das-partes; deve no-segundo ir pola menhan, à Teoria da-Cirurgia: e de tarde ao Ospital, ver abrir os cadaveres, e fazer as outras operaçoens. Desta forte com dois anos de teoria, (no-fim de cadaum deve fazer um ato publico, na materia que estudou: v. g. Anatomia, e Cirurgia) e quatro de pratica boa, pode ser omem grande. E antes dese tempo, nam lhe-daria licença, para curar: mas obrigaría a fazer, todos os exercicios de Anatomia, que fazem os que assistem nos-Ospitais: e sem provarem a dita assistencia, e fazerem no-fim dos-quatro anos, o seu exame de pratica, diante dos-Cirurgioens; nam os-deixaria curar.

Seguem-se as Cadeiras da-Universidade: as quais se-podem reduzir a estas. Na primeira ora de menhan, Anatomia. Este leitor só pode ler, quatro mezes d'inveruo, Dezembro, Janeiro, Fevereiro, Março: porque só neste tempo, se-podem abrir os cadaveres sem fedor, e mandar vir dos-Ospitais, as partes preparadas, para as mostrar, e explicar aos ouvintes. Deve alem disto dois dias na semana; explicar tudo no-Ospital, mostrando as partes, no-mesmo cadaver: pois só assim se-forma conceito. No-resto do ano, nesta mesma ora deve outro explicar, a Hugiene. Na 2. ora de menhan, explica outro a Fiziologia, ou uzo das-partes. Na 3. outro, Instituiçoens de Cirurgia, e suas demonstraçoens: nam só para os Cirurgioens, mas para os Medicos adiantados, que querem ter noticia, desta materia; como na verdade devem: pois o Medico é obrigado saber, a Teoria da-Cirurgia, como em outra carta disse. De tarde o primeiro leitor deve explicar, a Pathologia: o segundo, a Semeiotica: o terceiro a Praxe medica, seu de *Cognoscendis, & Curandis morbis*. Este leitor em algumas Universidades costuma varios dias, explicar a sua materia no-Ospital, sobre os doentes. E ali mesmo, despois de vizitar os leitos, em uma caza separada faz uma breve disertazion; um ano na materia de *Urinis*, outro ano na de *Pulsibus*: que sam noticias mui necessarias, para a Praxe. E isto mesmo se-devia fazer cá.

E n outra escola separada deve aver leitores, dos-tratados particulares. O primeiro de menhan, deve tratar de *morbis Mulierum, & Infantum*: explicando cada ano, uma parte daquela materia. O segundo, de *Morbis Capitis*:

pitis: o terceiro, de *Morbis Pectoris* &c. De tarde o primeiro leitor, de *morbis Abdominis*: os quais incidentemente explicam, as outras partes anexas a estas. E nisto se comprehende, quazi toda a Medicina. O segundo leitor de tarde deve explicar, os Aforismos de Ipcrates, materia utilissima: mas isto basta que se fasa, trez dias na semana. Nos-outros dias outro leitor, devia explicar na mesma ora, o tratado de *Febribus*. Na terceira ora de tarde, deve aver outro leitor de istoria Natural, que explique nam digo todas as particularidades da-Fizica; mas os Simplezes Exoticos, que podem servir para a Medicina: divididos nos trez reinos, Animal, Vegetal, e Mineral. Este leitor deve com grande criterio explicar, quais sam os que verdadeiramente tem virtude, e como se-prova: de que partes se-compoem &c. Nam pode V. P. crer, quanto isto sirva à Medicina, e quam necessario seja, para livrar os Medicos, de mil prejuizos. Mas como este leitor basta que explique, 3. dias na semana; nos-outros dois dias, nesta mesma ora deve aver outro leitor, de *Chimica*; que explique as Instituicoens della: e algumas vezes fasa, as experiencias necessarias. Esta noticia é tambem necessaria, ao Medico. Deve alem disto aver leitor de *Botanica*, como ja dise: o qual só explica, dois mezes do-ano, na segunda ora de tarde: o que faz no orto Medico, que deve ter a Universidade. No-qual seria justo ouvese tambem, uma caza vizinha, paraque em tempo de chuva, ou por-outra cauza, podese nela explicar a materia, aos ouvintes; e fazer as suas disertacoens no-principio, e fim de cada ano: como fazem em outros Reinos, e ainda em Roma: a cujas disertacoens vai assistir, alem dos-omens doutos, muita nobreza, e Cardiais. Parece-me que desta sorte, ficava tudo bem disposto, com decoro da-Universidade, e utilidade da-Republica.

Podia aqui advertir tambem, que os Ospitais se-deviam fabricar, diferentemente do-que sam: com janelas altas, defronte de outras: que se-abrissem de dia, para ventilar o ar: pois de respirar aquele ar, embebido de tam pessimo effluvio, nace mil enfermidades: como tem mostrada, alguns Medicos doutissimos. Mas esta reflexam me-conduziria mui longe, e me-empenharia falar em muitas coizas, que nam quero. Assim só-digo, que nestes mesmos Ospitais, se-pode praticar; abrindo janelas no-alto da-fabrica, para dar mais luz, e melhor ar aos corredores. Desta sorte seriam estes Ospitais mais suportaveis as olfato, doque nam sam: e mais salutiferos para os doentes, e para os que assistem neles. Em Roma nam á Ospital, que nam tenha o seu organo, para divertir os doentes quando comem: mas cá nam querem estas muzicas. Emfim deixemos de parte estas coizas ***

Sobre o Direito dise a V. P., o que me-parece bastava. Se o estudante estuda, polo modo que acima ponto; desorteque na Gramatica, e Filozofia tenha estudado, a istoria Civil, especialmente a Romana; e despois a Etica: pode intrar logo a estudar a Lei. Porem se o-nam tem feito, deve fazelo, no-primeiro ano de Leis. Primeiro deve estudar a Etica, istorica-

mente: para ver os principios, da-lei Natural, e das-Gentes. Depois no-mesmo ano, a historia Universal por-um compendio; e um bocadiuho de Cronologia, e Geografia: e especialmente deve aplicar-se, à historia Romana, tanto da-Republica, como dos-Imperadores: ao menos até o fim do-Imperio, no-Occidente.

No-fim ler a historia do-direito Romano, que serve de comentario, à Lei. Feito isto, no-principio do-segundo ano deve ler, o texto das-Instituições de Justiniano: que em dois mezes se-podem acabar maravilhozamente. Depois destes prolegomenos, deve no-restante dese ano, e no-terceiro, estudar as principais materias do-Direito, e que comprehendem muitas outras; que são os Contratos, e Ultimas Vontades. Para isto é necessario, que saiba brevemente, quais são as materias de Direito: quais as que não se-praticam oje; e quais as que mais se-uzam no-Foro. O mestre terá cuidado de explicar isto, apontando as que são mais principais: e o estudante notará brevemente, em que livros do-Direito se-acham; para saber, como se-á-de servir delas. No-quarto ano estudará outras materias principais, do-Direito. O quinto ano rezervaria eu, para duas materias, que não são da Universidade não se-tratam, mas que se-devem ensinar com cuidado: a primeira, são as Instituições Criminaes. Não sei se falei a V. P. nisto: o que sei é, que importa muito para o Foro; ou o estudante queira seguir as Varas, ou ficar no-Escritorio. Bem é verdade, que no-ultimo livro das-Instituições de Justiniano, alguma coisa se-diz desta materia, mas confuzamente. Por-cujo motivo os Leitores de algumas partes, principalmente de Italia, ditam duas Instituições: umas Civis, em que explicam tudo o que diz Justiniano, pela ordem dos-titulos, tirando os pontos criminaes: outras criminaes, em que somente se-trata, do-que é crime: e cada leitor explica as suas. A verdade é, que isto é sumamente util, e necessario, para quem á-de seguir aquella vida: pois em poucas palavras pode ver, o que deve praticar, em juizos gravissimos. Quem tem visto o Direito, estuda isto facilmente em dois mezes. O *Ursina* Romano compoz estas Instituições, com muita clareza, divididas em quatro partes: na 1. trata dos-crimes meramente ecclesiasticos. na 2. dos-meramente seculares. na 3. dos-mixtiferi. na 4. das-coizas comuns a todos os delitos. Verdade é, que é bastantemente extenso: mas dele se-pode tirar, o que for mais necessario: e se alguem fizesse este compendio, seria util para todos; e podia-se estudar tambem, no-fim do-ano das-Instituições Civis. A isto segue-se estudar, a lei publica do-Reino, ou *Jus Lusitano*, principalmente aquilo em que se-diversifica; da-lei Comum: Quais são as Regalias dos-Reis: como se podem concordar com as da-Igreja, sem ofender nem umas, nem outras: e outras coizas semelhantes, que são necessarias, e utis. E isto pode um mestre explicar, com muita facilidade, em pouco tempo: e podia tambem escrever-se, para que os estudantes se-regulassem, sem muito trabalho. No-fim deste ano os
atos, como já apontei em outra carta. Da

Daqui fica claro, quantos leitores iam necessários, para este estudo. Um de *Ética*, diferente do-que disemos na *Filozofia*. Este nam so deve explicar a *Ética*, que trata do-direito Natural; mas a *Politica*: e assim podemos-lhe chamar, leitor de *Politica*: bem que em muitas *Universidades* sejam diferentes. Um de *istoria Civil*, que tambem explique a *Romana*, no-ultimo quarto da-sua ora. O terceiro de *Instituiçoens Civis*: e estes trez lem na mesma menhan, cadaum sua ora. De tarde trez leitores: Na primeira ora, explicam-se *Instituiçoens criminais*: na segunda ora, 3. e 4. livro das *Instituiçoens Civis*: na terceira, uma materia principal das *Pandetas*; que lhe-devem asinar cada ano. v. g. um ano, *de Inofficioso Testamento*, & *de Legitima*: outro ano, *de Legatis*, & *Fideicommissis*: outro, *de Substitutionibus* &c. E estes deviam ler obrigados, acabar a materia, nam uma em dez anos, como às vezes succede; mas quando muito, acabála em dois anos, e publicála manuscrita; paraque os estudantes pobres a-pudessem copiar, e aproveitar-se dela, em falta de outros livros. Na segunda escola de *Leis*, o leitor primario devia explicar, o *Jus Lusitanum*. O segundo leitor, *Jus Feudale*: dando uma exposiçam metódica, de todo o direito Feudal. O terceiro, outra materia das *Pandetas*. De tarde o primeiro, *Codigo*: outro, *Autenticas*: e outro, alguma materia das-mais uzuais, e *utis in foro*. Deste modo, avendo dois leitores de *Instituiçoens Civis*, podia o estudante facilmente acabálas em um ano; porque tinha dois, que continuamente as-explicavam.

Quanto ao modo, com que o estudante pode frequentar, as escolas de *Direito*; claramente se-colhe; do-que disemos. No-ano, e tempo em que estuda a *Ética*, ou *istoria*, e *Instituiçoens de Justiniano*; nam deve applicar-se, a outras materias; mas a uma só: pois nestes principios, applicar-se a muitas coizas é embaraço, para saber alguma bem. Quando se-entra nos tratados do-*Direito*, entam podem-se frequentar, duas escolas no-mesmo dia, e ler duas materias juntas: e quando está mais adiantado, nam condenaria, que às vezes se-ouvir, alguma explicaçam do-*Codigo*; e das *Pandetas*. Mas a verdade é, que menos coizas se-estudam juntas, e melhor se-sabe cadauma: e eu sempre seria de parecer, ler pouco, e intendêlo; que muito, sem utilidade. Sobre a *Politica*, nam tenho que lhe-dizer; pois no-primeiro ano de *Ética*, se-aprendem os principios dela. Mas quando o estudante é graduado, ou fique na *Universidade*, ou siga os bancos; entam é que deve procurar, de ter mais noticia dela: como ja disse na carta da *Ética*, e lei *Civil*.

Ajuncto o direito *Canonico* com o *Civil*, pola semelhança que ambos tem. Ja se-sabe, que no-primeiro ano deve estudar, *istoria*, e *Instituiçoens Civis*, da mesma sorte que acima disemos: o que tudo se-pode fazer, no-dito ano. No-principio do-segundo ano, *istoria Ecclesiastica* antes, e depois de *Crislo*; especialmente esta segunda: ao principio por-*Compendio*: depois

pois mais extensa: e com o tempo, quando se-examinam as coizas particulares, é necessario profundála bem. Istoria do-direito Canonico em breve. Isto pode-se fazer, na metade do-ano. Na-outra metade, estudar as Instituições Canonicas: e se as-nam-acabar, continuam-se no-seguinte ano. No-terceiro, e quarto ano, e principios do-quinto, materias de Direito, como já disemos, sempre as mais principais: v. g. *de Sacramentis, Beneficiis, Jure Patronatus &c.* Depois os atos, como no-direito Civil: o ultimo dos-quais, fosse o grao de Bacharel. Depois disto, se quizesse fazer concluzoens magnas, com elas lhe-daria o grao de Doutor; ou no-fim dese ano, ou no-principio do-seyto: e isto sem as costumadas ceremonias, que sam as maiores afetaçoens do-mun'lo, e nam significam nada. Uma orasam que disesse o doutorando, sobre um e outro Direito: e querendo tambem, um ou dois argumentos por-ceremonia: um breve comprimento com que o-louvásse um Doutor; devia bastar, nam só para este doutoramento em Cauones, mas para as Leis, e Teologia. A sagrasam de uma igreja, ou de um altar principal, que costumam ser funçoens eternas; eu as-vi fazer ao Papa, com toda a magnificencia, em menos da-metade do-tempo, que se-gasta cá, em um Doutoramento. O aparato destes doutoramentos é estrondozo: a funsam eterna: e saie dali amofinado o que se-doutora, e os que lhe-afistem. Contudo, esta grande solenidade, examinada sem paixam, e espremida na man, nam produz nada: porque nem serve para mostrar, a ciencia do-doutorando; nem para divertimento, dos-que afistem. Isto nada mais é, que um mau costume inveterado, que os reformadores deviam emendar. Em outros Reinos mais alumiados, e mais cheios de omens doutos, chamam a isto ridicularias, e tojem delas. Tambem aquellas lisoens de ponto, tanto no-Bacharel, como no-Licenciado; deviam-se desterrar, como ja dise. Para provar se um omem sabe, basta replicar os atos, em diferentes materias; e examinálos bem nelas: isto serve ao estudante: e nam aquele ato de memoria, que nada significa. Mas quando nam quizessem deixar o estilo, da-lisam de ponto, podiam reduzila a meia ora. Ateni diso, nam deviam tirar o ponto, abrindo casualmente o livro: porque se-expoem, a achar uma materia esterilissima, e inutil no-Foro; deque nam se-pode tirar, coiza nenhuma boa. Era melhor, ter em uma bolsa, os melhores pontos, e mais secundos dos-Direitos, ou Teologia; e tirálos por forte: porque assim estava seguro de ter materia, em que pudese discorrer, e ilustrar. Sobre a pratica, nam tenho que acrescentar, ao que dise do-direito Civil. Digo somente, que o Canonista deve tambem no-quinto ano, ler as instituições Criminaes: pois sam necessarias ao dito: sendo que quazi todo o emprego do-Canonista, nas materias Ecclesiasticas, consiste, em executar as penas.

Dos-leitores de Canonica, um deve explicar na primeira ora de menhan, Istoria, e Diciplina Ecclesiastica: na segunda ora outro, as Instituições

soens Canonicas: na terecira outro, uma materia de Canonica. De tarde o primeiro, a segunda parte das-Instituiçoens Canonicas. Despois, dois leitores, cadaum seu tratado de-Canonica. Em outra escola podiam explicar os textos, e suas materias: pola menhan Graciano, e as Decretais, e Sexto: de tarde Clementinas, Extravagantes; e o terceiro, o Concilio de Trento, Regras de Cancellaria &c. Se a escola civil foise pequena, para os que estudam Instituiçoens Criminais; podiam introduzir aqui de tarde, outro leitor dela. Em algumas Universidades costumam, duplicar as escolas mais frequentadas: v. g. de Medicina, e Leis: e em duas escolas, dois leitores explicam na mesma ora, as mesmas materias: para que os estudantes que nam cabem em uma, vam à outra. E o mesmo se-podia fazer aqui.

Falta-nos somente a Teologia: da-qual porem fica dito o que basta, para saber, como se-deve regular. O primeiro prolegomeno do-Teologo deve ser, a istoria da-Igreja antiga, e nova: que ja supoem a istoria Civil, com todos os seus apendices. Aindaque o estudante tivese tido, alguma ideia desta istoria, por-compendio; devia estudála aqui eovamente, com todo o cuidado: como tambem a da-Teologia, para evitar mil erros, que cometem os Teologos, por-ignorar a istoria, da-sua profissam. Isto pode-se fazer, na metade do-ano: na outra deve ler, algumas instituiçoens da-Teologia. Parecerá isto crezia, a estes que nam sabem, que coiza é metodo; mas a verdade é, que é necessario: e nam á maior razam, para ambos os Direitos, doque para a Teologia. Se neles é necessario, para explicar em poucas palavras, o que se-acha espalhado, por-muitos volumes; e poder o estudante com facilidade, ver o corpo do-Direito, a ordem dos-tratados, e dependencia que uns tem dos-outros; isto mesmo se-verifica na Teologia: na qual quem nam tem noticia disto, nam pode formar conceito dela. Vi averá anos, um tomo em oitavo, que explicava em breve, todas as rezoluçoens da-Teologia Dogmatica, com um principal fundamento: e tambem comprehendia, o Moral. Tambem o *Danes* explica o mesmo. Seria util ter dois tominhos, um que tratáse da-Dogmatica, e outro do-Moral: aindaque para o rapaz nestes principios bastava, que lese o primeiro: nam digo que aprenda tudo de memoria; mas que o-leia bem, e veja as rezoluçoens, e ordem dos-tratados. Para isto pode servir o *Abelly*, em dois tominhos em oitavo; que segue esta ordem, com pouca diferenca. Acham-se outras Instituiçoens mais extensas, como sãam as do-*Juvenino* em 5. tomos em 12. mas tem suas coizas reprovadas: e as do-*Habert*, tambem em 5. tomos. Estas para se-lerem ao principio, sãam grandes: para se-estudarem em todos os trez anos, sãam breves: porque o estudante, que á-de seguir os estudos, necessita de noticias mais profundas. Contudo elas tem seu uzo, os autores a-fizeram para os Seminarios, em que pola maior parte se-ensinam rapazes, que devem ir instruir no-campo, ou em outra parte, os Fieis. Falo dos-que sãam-de ser Parracos fóra das-Cidades: ou tambem daqueles mosos que

que se-querem ordenar, para ficarem simples Beneficiados nas igrejas, ou simples capelaens, ou clerigos em suas cazas: e que estudam em Lisboa, ou em outra parte, onde nam á Universidades. Para estes digo, que sam otimos estes livros: principalmente o *Juvenino*, (tirando o que é mau) porque explicam em poucas palavras, os fundamentos, e as melhores difficuldades. De forte que para estes, é melhor saber aquilo, que nam saber nada.

Acham-se todos os dias destes Clerigos, e muitos Parrocos; que mal sabem ler, e nam intendem bem Latin. Alguns, com quatro cazos de Moral mal entrouxados, tem oje Parroquias; os quais, proguntados pola sua religiam, nam sabem, nam digo eu responder, ás difficuldades grandes; mas nem menos declarar isto, que crem. Neste particular devo dizer sinceramente a V. P. que a ignorancia é maior, que nam se-imagina. Nam tenho visto Clero secular tam ignorante, como o de Portugal: e isto mesmo me-confesaram ingenuamente, alguns Portuguezes, que tem visto outros paizes. É por-isto a estes se-deve acudir, nam com estudos cansados; mas facis, e breves. Os outros, que querem fundadamente estudar Teologia, necessitam nestes trez anos, estudar polo menos, duas materias cada ano; como apontei em outra carta, em que falei a V. P. na Teologia. No quinto ano deve fazer atos publicos, de trez em trez mezes: os quais eu reduziria a trez: dois em materias Dogmatico-Especulativas: e o ultimo em Moral. Determinando as materias, que cadaum devia defender, e o numero dos-pontos delas. As materias sejam as mais principais: quatro em cada ato: e em cadauma delas introduzir, nam só os Dogmas, mas tambem as istoricas, que sam necessarias, para ilustrar o Dogma. Uma das-materias devia ser a Escritura: tambem o tratado de Incarnacam, Trindade, Graça, Igreja, Sacramentos. Desta sorte, devendo o estudante repasar novamente, o que tinha estudado; podia fundar-se bem na-materia, e intendela bem. Todos estes trez atos, deviam ser de aprovasam, para se poder formar conceito, da-sua erudisam. Sendo aprovado no-ultimo, no-mesmo instante lhe-daria; o grao de Bacharel. Querendo-se doutorar, devia fazer mais outro ato publico, a que podemos chamar, conclusões Magnas: em que podia pôr, alem das materias propostas, outras diferentes. Feito isto, no-mesmo dia lhe-dava, o grao de Doutor: ou senam quando quizesse. e polo modo que acima apontamos, falando do-Direito. As outras ceremonias de atos, ja acima disse a V. P. que sam imposturas: porque os ignorantes, doutoram-se com tudo isto: e os doutos, nam necessitam disto, para mostrarem a sua capacidade.

Se os estudantes se instruissem desta maneira, veria V. P. quam diferente doutrina traziam das-escolas: e ainda aqueles mesmos que nam estudam mais, que os quatro anos de Teologia, sem se-doutorarem; (como succede em Lisboa, e outras partes, em que nam á Universidade) tirariam algu-

alguma doutrina boa: e se nam fosse Teólogos perfeitos, ao menos tendo os verdadeiros principios, podiam regular-se no-estudo, e adiantar-se. Em uma palavra, saberiam falar: o que comumente nam se-acha nestes clérigos, principalmente nos-que nam seguiram, as Univerfidades. Nam cuide V. P. que é encarecimento meu: a experiencia por-fi só fala. De um curso de trez anos, que comumente se-ensina Teologia, a maior parte deles dezempáram a escola: e acha-se o mestre no-fim do-trienio, com doze, ou quinze estudantes. Os que se-foram no-primeiro ano, ja se-sabe que nam intendem nada, de Teologia. Mas eses melmos que a-frequentam até o fim, examinados sobre ela, nada sabem disto. Quando muito responderám sobre duas, ou trez questoes mal engruladas: porque se os-apertarem, como me-succedeo anim, verá que totalmente nam respondem. Neste tempo ou ja sam Sacerdotes; ou estam em veiporas disto. Muitos, que nam tiveram mais, que o primeiro ano: muitos, que só a Filozofia: e muitos, que nem menos Filozofia, mas somente duas regras de *Larraga*; tambem se-ordenam de missa, e esta é a maior parte. Todos estes pertendem beneficios, e igrejas: e aceitarám tambem Bispos, se lhos-derem: e se V. P. investigar, o que eles cuidam, achará que julgam na sua consciencia, que sam mui capazes. Mas eu tomára que me-dilesem, com que consciencia se ordenam, e aceitam empregos eclesiasticos; aqueles que nam sabem, que coiza é ser Eclesiastico? Que digo eu ser Eclesiastico? achei ja sacerdotes, que nam intendiam, o que liam no-Breviario, e no-Missal: e pronunciavam palavras, que nem Latinas eram, nem Gregas, nem Ebraicas, mas inventadas por-eles: porque tais coizas nam se-achavam, no-Missal. Admiro-me deles: mas admiro-me muito mais dos-Bispos, que ordenam estes ignorantes. Estes Prelados sam devedores de todos os inconvenientes, que nadem desta ignorancia; e responderám em um tribunal retissimo, a todas estas objections, que nam tem resposta.

Este é um dos-motivos porque digo a V. P. que o Clero secular deste Reino, é ignorante: pois os Bispos cuidam pouco niso. Nam deviam ordenar, se nam omens capazes. Deviam fundar Seminarios, e neles mandar ensinar, nam só Gramatica, o que nem menos muitos Bispos cuidam; mas ter bons mestres de Filozofia, e Teologia, e Liturgia; que instruissem perfeitamente os rapazes na piedade, e na erudisam Eclesiastica. Isto é o que fazem os Bispos, em outros Reinos: e destes Seminarios tiram os Clerigos, para os-mandarem para as Parroquias do-Campo, e tambem da-Cidade. Eu conheci Bispos, e alguns deles Cardiais, os quais em caza sua mandaram fabricar escolas, para beneficio de todos, os que queriam seguir, o estudo Eclesiastico: e nelas avia leitores de Filozofia, Teologia, e Leis, e Canones, pagos polo Arcebispo: d'onde saiam omens grandissimos, em todo o genero: e nos-Seminarios, ensinavam as Umanidades, lingua Grega, e Ebreia. Aqui nos-seminarios Episcopais só se-aprende, algum boca-

dinho de má Muzica. a Gramatica pola maior parte, vam aprendêla fóra, no-mais nam cuidam os Bispos. Muitissimas igrejas pasam de uns para outros renunciadas; muitas vezes rapazes, ou gente como Deus sabe. Poriso os Parrocos da-Cidade sabem pouco: e os do-Campo nada.

Para instruir os Parrocos, e Confesores da-Cidade, pratica-se em Roma um meio, suave a todos, e utilissimo ao Publico. Todos os Confesores, e Parrocos das-igrejas, que estam vizinhas a um convento, onde á leitores; sam obrigados duas tardes na semana, irem ao dito convento: onde, prezidindo o leitor de Moral, cada Confesor expoem um cazo, que lhe-de-ram quinze dias; e o-defende uma ora. Cada dia segue-se outro: de forte que cadaum ou argumenta, ou defende. Desta sorte, com pouquissimo ou nenhum trabalho, se-lembra cadaum do-que sabe; e aprende o que nam sabe: e fazem-se omens doutos. Quem falta sem justa cauza, é apontado e multado. Pouho agora de parte outros exercicios, que os doutissimos Jezuitas, sempre zelozos da-utilidade dos-proximos; fazem por-sua devoçam, em muitas partes, para instruir os Sacerdotes: um deles é este. Em uma camera grande da-Caza profesa, ajuntam-se duas tardes na semana Clerigos, e outros mosos, que se-aplicam ao estudo Ecclesiastico; nam rapazes, mas aqueles que ja tem acabado as escolas, e querem exercitar-se para Confesores, ou para outro exercicio. Um deles expoem academicamente, uma questam de Teologia Moral, ou de Liturgia, ou de Canonica, ou Disciplina Ecclesiastica, segundo a distribuissam. Acabada a orasam; argumenta um ou dois, se á tempo. Assiste a isto um Jezuita de autoridade, que nam tem mais emprego, que exercitar-se nisto. Quando o defendente erra, ele o-adverte, e com toda a caridade, e cortezia lhe-ensina, como deve dizer, e responder. desta forte exercitam-se todos. Vizinho a esta caza está outra camera, com uma grande estante de livros; os quais o Padre empresta, a quem quer ver ali, algum ponto. Succedeo-me alguma vez, intrar nestes exercicios; e vi neles muita gente boa: e alguns Bispos, e Patriarcas, que por-sua curiozidade iam ouvir, e aprender. Sei, que isto se-podia tambem praticar em S. Roque, ou em outras partes: mas nam peso tanto: o que digo a V. P. é, que o exercicio dos-Confesores, é sumamente necessario, e podia-se dispor sem trabalho algum. v. g. S. Juliam, S. Justa, S. Nicolao, Martires, S. Paulo, podiam ir ao Espirito Santo: outras Parroquias, a S. Domingos: outras a S. Roque &c. Se acazo os Sacerdotes se-instruissem deste modo; os que da-Cidade partissem para o Campo, fariam a sua obrigasam: e sem tanta repetissam de exames, (que é o unico meio, que muitos Bispos julgam ser util) podiam ser Parrocos zelantes, e doutos.

Daqui pasando às Cadeiras de Teologia, digo, que com poucos Leitores, se-pode fazer tudo. Deve aver uma cadeira de Escritura, na qual se-expliquem os Prolegomenos da-Escritura, e sucesivamente os livros Sagrados pola sua ordem: explicando principalmente, o sentido Literal: re-

zoivendo todas as dificuldades istóricas, que nace[m] do-texto. E o mesmo po-
 de ir explicando cada ano, algum bocado da-Armonia Evangelica. Isto baf-
 ta que se-faça, uma ora cada menha[n]. Na segunda ora outro explica as
 Instituiçoens Teologicas: em modo tal, que cada ano deve explicar em pou-
 cas palavras, a serie, e rezolusçoens mais fundadas, de toda a Teologia; pa-
 ra dar alguma luz, aos principiantess. O terceiro Leitor deve explicar, a
 Teologia Pozitiva, continuando o curso das-materias, todos os anos. De
 tarde o primeiro Leitor explicará Moral: nam secamente, Moral de Ca-
 zos, mas de Tratados; explicando as questçoens istóricas, que incidentemen-
 te ocorrem: e mostrando os verdadeiros principios, dos-quais devemos ti-
 rar as decizçoens, dos-cazos particulares. O segundo Leitor deve explicar,
 algumas das-principais controversias, que os Catholicos tem, com os Erejes
 modernos. O terceiro Leitor deve explicar, todos os livros *de Gratia* de S.
 Agostinho, cada ano seu tratado. Este Leitor é sumamente necessario, pa-
 ra os que querem alcançar, a verdadeiramente do-S. Doutor. Em todos os
 seculos a Igreja explicou, todas as dificuldades da-Gracia de Cristo, com a
 doutrina de S. Agostinho. Onde importa muito ao Teologo saber, qual foi
 a mente do-tal Santo. Mas este Leitor nam deve explicar S. Agostinho, in-
 clinando-o para alguma particular Escola: mas declarando simplesmente,
 o sentido do-Santo, tirado dos-seus livros, com as luzes da-Istoria Ecleziasti-
 ca. Querendo introduzir mais cadeiras, podiam fazêlo em outra escola se-
 parada: e pôr nela alguns leitores, cadaum dos-quais explicáse sua mate-
 ria: os de menha[n], Pozitivo-Especulativa: os de tarde, Moral. Aquela ca-
 deira de *Escoto*, de *Durando* &c. totalmente se-devem pôr de parte: por-
 que se elas obrigam, a explicar o dito autor, é frenezia: porque nem *Es-
 coto*, nem *Durando* sã[m] textos, que devam explicar-se: e na era prezente,
 nem menos se-devem ler. Se nam obrigam a isto, sã[m] inutis; e em seu lu-
 gar se-devia ler, a verdadeira Teologia. O mesmo digo, da-cadeira de S.
Tomaz. Este santo, tambem nam é autor Sagrado, paraque devamos su-
 geitar-nos, ao que ele diz: é um doutor Escolastico. Onde, pondo de par-
 te a sua grande santidade, que veneramos como devemos; o que ele diz,
 se é em materia de Dogma, deve-se abraçar, nam porque ele o-diz; mas
 porque o-diz a Igreja: Se é em materia opinativa, devemos olhar, para os
 fundamentos que dá, e nam para quem o-diz. Pola mesma, e ainda com
 maior razam deviam introduzir, cadeira de S. Jeronimo, Ambrozio, Cri-
 zostomo, e Bazilio &c. O certo e, que nestes particulares nam devemos su-
 geitar-nos, à autoridade de nenhum; mas à razam: e defender a Teologia,
 que cre a Igreja Catolica Romana, nam a que dizem, os particulares dou-
 tores. Mas quando nam pudese[m] dispensar-se de explicar, a Suma de S.
Tomaz, ao menos para utilidade daqueles, que juraram as ditas opinioens;
 podia-se explicar nesta segunda escola, uma ora de tarde: nam introduzi[n]-
 do opinioens novas, nem comentarios; mas explicando a pura mente do S.
 Doutor, que sempre é a mais racional

Neste

Neste lugar ocorre-me dizer, que nos-outros Reinos da-Europa, o primeiro dia, que se-abrem os estudos em Outubro, cada escola tem a sua oração Latina, a que chamam *augural*. v. g. um Leitor recita a de Teologia: outro das-cadeiras maiores, outro de Medicina, Lei Civil, Canonica, Filosofia, Historia, Retorica &c. o que muitas vezes se-faz, em dias seguidos, para que todos as-posam ouvir. Isto é digno de um estudo publico: e sempre se-faz, com grande concurso dos-doutos, da-Nobreza, e às vezes Cardiais. E em alguma Universidade, como Padua, nam a-faz o Leitor, mas um dos-melhores discipulos; para o-acostumar a falar em publico: e nam é o mestre que a-faz, mas ele mesmo. Cada ano tem seu assunto diferente, o qual a Universidade às vezes costuma afinar, ao Orador. Tambem em varias Universidades, morrendo um Professor, lhe-fazem exequias publicas, com a assistencia da-Universidade: e um Leitor recita o seu elogio funebre, em Latim. E tambem isto é decoroso, e util, para animar os omens, a que figam a virtude. Seria tambem mui louvavel, que se-introduzisse este costume nesta Universidade, e semelhantes lugares de letras, e virtude.

Concluo lembrando a V. P. que em outros Reinos, tem-se fundado Seminarios seculares, para os Nobres: onde os rapazes aprendem, nam só as Ciencias; mas as partes de cavalheiros, e artes liberais; dançar, tanger, cavalgar &c. Tem oras determinadas, para o estudo: nas outras, estuda cadaum aquella arte liberal, que quer: e com grande destreza, e prudencia manejam as inclinaçoens, daqueles meninos. De tarde, acabado o estudo, vam passar em ranchos de dez ou doze, com o perfeito. Muitos destes Seminarios, sam governados por-alguns Religiozos: v. g. Jezuitas, das-Escolas Pias, Barnabitas &c. todos e lerigos Regulares. Outros por-sacerdotes Seculares: e os colegiais vestem de abade de curto. Esta instituiçam é famosa. Ali Fidalgos, e Principes metem os seus filhos: nam tem os apertos, que ca vemos em Portugal: e saiem omens feito, ou ao menos muitos eruditos, e cultos. Prouvera a Deus, que ca se-introduzisse este costume, para civilizar a Mocidade.

Isto é o que me-parece, basta dizer agora, sobre a disposiçam dos-estudos altos: nam só porque V. P. comprehende mui bem, todas estas coizas, sem que eu lhas-diga; mas tambem, porque nas cartas que tenho mandado, (se é que as-conserva) unindo as a esta, achará tudo o que dezejava saber, nesta materia: e assim nam direi mais.

E S T U D O D A S - M O L H E R E S.

Ma, antes que acabe, tocarei um ponto que se-deve unir, aos estudos que apontamos; e vem a ser, o estudo das-Molheres. Parecerá paradoxo, a estes Catoens-Portuguezes, ouvir dizer, que as Molheres devem estudar: contudo se examinarem o caso, conhecerám, que nam é nenhuma parvoice, ou coiza nova; mas bem uzual, e racional. Polo que toca a capacidade, é loucura persuadir-se, que as Molheres tenham menos, que os Omens. Elas nam sam de outra especie no que toca a alma: e a diferença do-sexo nam tem
parent-

parentesco, com a differença do-intendimento. A experiencia podia, e devia dezinganar estes omens. Nós ouvimos todos os dias molheres, que discorrem tam bem, como os omens: e achamos nas istorias molheres, que souberam as Ciencias muito melhor, que alguns grandes leitores, que nós ambos conhecemos. Se o acharem-se muitas, que discorrem mal, foé argumento bastante para dizer, que nam são capazes; com mais razam o-podiamos dizer, de muitos omens. Compare V. P. uma Freira moça da-Corte, com um Galego de mezes; e verá quem leva ventagem. De que nasce esta differença? da-aplicação, e exercicio, que um tem, e outro nam tem. Se das-molheres se-aplicassem aos estudos tantas, quantos entre os omens, entam viriamos quem reinava.

Quanto à necessidade, eu acho-a grande, que as molheres estudem. Elas, principalmente as mães de familia, são as nossas mestras, nos-primeiros anos da-nossa vida: elas nos-ensinam a lingua; elas nos-dam, as primeiras ideias das coizas. É que coiza boa nos-ão-de ensinar, se elas nam sabem o que dizem? Certamente, que os prejuizos que nos-metem na cabeça, na nossa primeira meninice; são sumamente prejudiciais, em todos os estados da-vida: e quer-se um grande estudo, e reflexão, para se-despir deles. Alem disso, elas governam a casa: e a direção do-economico, fica na esfera da-sua jurisdição. É que coiza boa pode fazer uma mulher, que nam tem alguma ideia da-economia? Alem disso, o estudo pode formar os costumes, dando belissimos ditames, para a vida: e uma mulher que tem, alguma noticia deles, pode nas horas ociosas, empregar-se em coiza util, e honesta; no-mesmo tempo que outras se-empregam, em leviandades reprehensiveis. Muito mais, porque nam acho texto algum da-lei, ou Sagrada, ou Profana; que obrigue as Molheres a serem tolas, e nam saberem falar. As Freiras ja se-sabe, que devem saber mais alguma coiza; porque são-de ler livros Latinos. Mas eu digo, que ainda as cazadas, e donzelas, podem achar grande utilidade, na noticia dos-livros. Persuado-me, que a maior parte dos-omens cazados, que nam fazem gosto, de conversar com suas molheres; e vão a outras partes, procurar divertimentos pouco innocentes; e porque as-acham tolas, no-trato: e este é o motivo, que aumenta aquele desgosto, que naturalmente se-acha, no-continuo trato de marido com mulher. Certo é, que uma mulher de juizo exercitada, saberá adotar o animo agreste, de um marido aspero, e ignorante: ou saberá entreter melhor, a disposição de animo, de um marido erudito; doque outra, que nam tem estas qualidades: e desta sorte reinará melhor a paz nas familias. O mesmo digo das-donzelas, a respeito dos-parentes. Emfim esta materia é de tanta consideração, para a Republica, que um homem tam pio, e douto, como M. de Fenelon Arcebispo de Cambrai; compoz um belissimo tratado, sobre esta materia: (e depois dele alguns autores Francezes, e Italianos, que eu li) em que ensina, como se-deve regular este estudo: e as utilidades que dele se-podem tirar. Ao que eu podia acrescentar, algumas experiencias, e reflexões minhas, feitas sobre as applicações que observei, em algumas molheres.

Reduzindo pois em pouco, o que se-pode dizer nesta materia, principalmente acomodando-me ao estilo de Portugal; digo, que com as molheres se-deve praticar o mesmo, que apontei dos-rapazes. O primeiro estudo das mãys deve ser, ensinar-lhe por-si, ou, tendo possibilidade, por-meio de outra pessoa capaz, os primeiros elementos da-Fé. &c. explicando-lhe bem todas estas coizas: o que podem fazer, desde a idade de cinco anos, até os sete. Depois, ler, e escrever Portuguez corretamente. Isto é o que rara molher sabe fazer, em Portugal. Nam digo eu escrever corretamente, pois ainda nam achei alguma, que o-fizesse; mas digo, que pouquissimas sabem ler, e escrever; e muito menos, fazer ambas as coizas correntemente. Ortografia, e Pontuação, nenhuma as-conhece. As cartas das-molheres sam escritas, polo estilo das-Bulas, sem virgulas nem pontos: e alguma que os-poem, pola maior parte é fóra do-seu lugar. Este é um grande defeito: porque daqui nace o nam saber ler, e por-consequencia, o nam intender as coizas: deve-se emendar com cuidado, este defeito. Neste tempo explicam-se melhor, os misterios da-nossa Fé: ornando-os com algumas istorias do-testamento Velho, e novo: que servem para impresos bem, na memoria. Sei, que neste paiz nam á livros vulgares, que expliquem bem estas coizas: e era melhor, que alguns Religiozos, em lugar de comporem tantas novenas, e outras coizas efcuzadas; compuzesem um breve Catechismo istorico, util para a Mocidade: porque a chamada *Cartilha* do mestre Inacio, é coiza indigna: ou polo menos traduzir de alguma lingua estrangeira, belissimos livros que se-acham nesta materia. Principalmente seriam utilis, os livros que tem figuras; como um Francez, que se-intitula, *Figuras da-Biblia*: e traz a istoria toda da-Escritura em figuras, com breves explicaçoens. Nam é crível, quanto este estudo entre na-cabeça dos-meninos, sem parecer que estudam, mas que se-divertem. Este é o ponto principal, nos-estudos dos-rapazes: nam amofinar-lhe a paciencia: mas instruilos como quem se-diverte. Por-isto me-agrada aquele metodo, que alguns observam, ainda antes de lhe-ensinar a escrever; pintar as letras do-Alfabeto, nas costas das-cartas de jogar, e por-modo de divertimento jogar com eles; ensinar-lhe que letra é: mandar-lha proferir: e ilas ajuntando. Desta forte, quando aos sete anos se-ensina a ler, tem a crianca vencido, a metade da-dificuldade sem o-advertir, e facilmente lerá.

Quando a menina sabe ler, e escrever sofrivelmente, deve-lhe o mestre dar alguma ideia, da-Gramatica Portugueza: a qual neste principio se-reduz, a pouquissimas coizas. Mostrar-lhe nos-livros que le, as oito partes da-orasam: ensinar-lhe, a forsa delas: a declinaçam do-Nome: e alguma coiza da-conjugaçam dos-Verbos. Que o Verbo pede cazo &c. e outras coizas gerais. Em terceiro lugar a Pontuação, e Ortografia correta. Isto compete a rapazes, e raparigas: mas eu principalmente o-digo, das-femias: porque os rapazes, que am-de seguir os estudos, devem nas escolas estudar mais.

Depois disto, devem-lhe ensinar, as quatro primeiras operasoens de Aritme-

Aritmetica : as quais são todos os instantes necessarias , para a economia da-
caza. Isto aprende-se em quinze dias , com facilidade , avendo um mestre , que
o-saiba explicar bem : pois bem se-ve , que do-ler para diante , requer-se mei-
tre : vistoque as mãys nam tem todo o tempo , ou paciencia , ou doutrina pa-
ra iso.

Posto isto , que é o fundamento de toda a educaçam , e a que nem menos
se-deve dar , o nome de estudo ; tem lugar um estudo mais solido , que é o da
Istoria. Isto deve cometar , por-uma carta Geografica: na qual o mestre va most-
rando , as principais partes do-mundo , especialmente a Palestina , e tudo o
que pertence à istoria Santa. Isto faz-se brevemente : e tendo cuidado de pro-
curar na carta , as Cidades de que se-fala ; sabe-se quanto basta , para o prezen-
te cazo : e sendo este exercicio continuo , pode com pouco trabalho , aprender
muita coiza util. Depois , dilatará aquela ideia da-istoria Santa , que aprende-
ra no-catechismo ; explicando cada dia , um passo de-istoria : e no seguinte dia
mandando-lhe repetir , a sustancia dela. Com esta ocaziã pode incidentemen-
te explicar , a divizã dos-tempos , e ferie deles , e as mais famozas epocas ,
do-Antigo testamento ; para estabelecer o fundamento da-Istoria : sendoque pa-
ra este estudo que apontamos , basta uma ideia : e nam é necessaria , uma es-
crupuloza Cronologia. Esta istoria da-Biblia regúla o estudo , de qualquer ou-
tra : e serve de confirmar qualquer pessoa na sua fé , e religiam : que nada mais
é , que uma coesã de verdades , reveladas em ambos os Testamentos : e ser-
ve tambem , para intender os sermoens , e deles tirar fruto.

Segue-se explicar-lhe em um Compendio , de proporcionada extensã , a
istoria Profana , especialmente a Grega , e a Romana : nas quais se-acham fa-
mozos exemplos , de todas as virtudes morais , propios para regúlar as afoens ,
e animãlas. Estas istorias devem-se ler devagar : e nos-passos famozos devem-se
fazer , as necessarias reflexoens : porque sem isto é ler , como o Papagaio. Tam-
bem é coiza util , mandar-lhe escrever o compendio , ou rezumo de algum pa-
so que lerã. Desta sorte imprime-se na memoria o que se-estuda , e aprende-
se a escrever bem : porque o mestre pode emendar os defeitos de escritura , se
é que os-tem : e ensinar-lhe a pôr em poucas palavras , e com clareza , o seu
parecer ; sem deixar circumstancia essencial. Isto serve muito para as conversa-
foens , para tratar negocios , e fazer mil outras coizas , que todos os dias são
necessarias nesta vida.

Depois da-istoria Universal , segue-se a particular de Portugal. É justo ,
que as molheres saibã , a istoria da-sua patria : e vejam o que tem avido bom ,
e mau , na istoria do-seu Reino. Nam digo , que devam ler tudo , o que se-vã
escrevendo na Academia Real , sobre esta materia : basta que se-firvam de um
Compendio : ou leiam , o de Faria &c. No-mesmo tempo aprendem , ou se-
aperfeisoam , na lingua Espanhola ; que serve muito para ler as istorias , e ou-
tras obras daquela Nasã.

Estes estudos tem a particularidade , de nam impedir os mais necessarios ,
e que

e que são proprios das-mulheres : falo da-economia , que se-pode aprender no mesmo tempo , que se-faz o outro. Diz M. Rolin com razam , que este é o fim , para que a Providencia as-poz neste mundo ; para ajudarem os maridos , ou parentes ; empregando-se nas coizas domesticas , no-mesmo tempo que elles se-aplicam , ás de fóra. Por-este nome de Economia intendo , saber o preço de todas as coizas , necessarias para uma caza , e a melhor qualidade delas : como tambem , em que tempo se-devem fazer , as provizoens de caza : o que importa muito , para poder poupar. Tambem , como se-deve preparar um jantar , e com a menor despeza , em cada tempo do-ano : e outras coizas destas. Isto nam parece nada , aos ignorantes : mas parece importante , a quem reflete , que da-falta destas coizas nasce , fazerem-se gastos superfluos , com ruina das-familias. Vemos todos os dias , muitas Senhoras , e V. P. conhece alguns , arruinarem as suas cazas e rendas , com coizas , que talvez nam são superfluas , mas porque nam-sabem gastar : e assim empregam dez , no-que vale trez. Isto nam é grandeza , é ridicularia , e ignorancia. Grandeza chamo eu , saber gastar quando se-deve , e como se-deve : dar esmolas proporcionadas : ajudar os aflitos , e benemeritos : pagar as dividas de algumas pessoas onradas , oprimidas com este pezo : e outras coizas destas. Pelo contrario , quando vejo deitar o dinheiro na rua , e gastá-lo sem reflexam , chamo-lhe solenissima loucura. Alem disto deve uma donzela aprender a ter , o seu livro de contas : em que asente a receita , e despeza : porque sem isto nam á caza regulada. Deve tambem ter alguma ideia , do-modo de conservar , e aumentar ás rendas , das-suas fazendas. Succede todos os dias , que as Senhoras fiquem viúvas , e tutoras de seus filhos ; ou senhoras absolutas de muitas fazendas : e neste cazo , se nam tem alguma ideia , e conhecimento destas coizas ; nam podem deixar de arruinar os seus bens , ainda que lhes-pareça , que tem feitores de conciencia. Esta é uma erudição que uma mulher de juizo , pode facilmente ir suministrando , ás suas filhas , e filhos ; porque em todo o tempo serve. Conheci uma Princeza , que era exatissima nesta materia de Economia : e sabia tanto , como um homem bem instruido. Mas esta Senhora tam economica por-uma parte , tanto nos-vestidos , como no-de-mais ; era tam grandioza em outras coizas , que eu sei com toda a certeza , que empregava todos os anos , cincoenta contos de reis , em esmolas : parte , que dava aos seus vassallos , nos-feudos que tinha : e grande parte , na Cidade em que assistia : e a ella recorriam todos os aflitos , como a verdadeira maens : e avia muita gente onrada , que tinham mezadas determinadas , com que sustentavam , grandes familias. Isto é o que eu chamo , fazer bom uzo da-economia. Nem todos o-podem fazer : confesso : mas todos podem saber de economia quanto basta , para nam se-arruinarem.

A segunda parte da-economia ponho eu , no-trabalho das-maens. Este emprego é mui necessario , para tirar o ocio ; e tambem para saber administrar bem a caza : e para os pobres , é sumamente necessario , aprender a cozer bem , fazer bem meias , romendar , e outras coizas de caza. Acham-se mulheres plebeias ;

plebeias, e eu vi algumas, que o-nam-sabem fazer: o que cauza fumo prejuizo, em uma familia. Mas quando a Senhora fosse tam rica, que nam necessitasse diso; sempre o-devia aprender, para conhecer bem, as coizas de que necessita &c. e podia empregar o dito trabalho, em esmolas de pobres, de igrejas &c. Tambem nisto à muita preocupasam, neste Reino. As Senhoras ou desprezam o trabalho, ou só fazem coizas, que era melhor que as-nam fizessem, porque sam vaidades ridiculas. Nam condeno a grandeza, e aseo nos-vestidos, que sam proprios do-seu grao: aprovo, e louvo: o que condeno é, aquella machina de vestidos escuzados, e outras coizas por-todos os titulos superfluas. Neste particular a Istoria, pode comesar a servir, às ditas Senhoras; para lhe mostrar, que muitas nam só nobres, ou fidalgas; mas alguns furos asima, Princezas soberanas, Imperatrizes &c. se-aplicavam a tecer, e outras obras de maons: e julgavam ser esta uma parte principal, da-sua educasam. *Otavo ano Augusto*, que nam era um Rei pequeno, mas o mais potente dos-Imperadores, e omem de juizo perfeito; tendo particular cuidado, da-educasam de sua filha *Julia*, para a-constituir Princeza digna, de lhe-suceder no-trono; especialmente lhe-ordenava, que trabalhásse em coizas de lan: e com efeito nisto se-empregou nos-primeiros anos, imitando a sua maen. A istoria Romana, por-nam falar agora na Grega, nos-suministra, mil exemplos destes. As Senhoras Romanas tinham isto por-grande gloria: e os omens prudentes da-Republica, quando elogiavam as molheres; (isto sucedia nos-elogios funebres, que pronunciavam os parentes, ou nas istorias) punham isto, na cabeseira da-lista. *Livio*, que era um omem tam prudente, e de grande mente, avendo de louvar *Lucretia*; nam descreve a sua beleza, ou alguma das-muitas prerogativas que possuia: mas diz, que se-entretinha com as suas aias trabalhando em lan: *Lucretiam nocte sera non in convivio luxuque, sed deditam lana, inter ancillas sedentem inveniunt*. E se decemos a estes ultimos tempos, veremos um grande Imperador, que foi o *Cezar Pedro*, (nem menos os omens desprezaram isto) aplicado a fabricar com as suas maons um navio, em uma terra estrangeira; para poder regular os arsenais, nas suas terras: o que lhe-frutou muito bem. E eu vi algum Rei, e Principes Soberanos, que nas oras de descanso, se-aplicavam a algumas artes, nam só liberaes, e pertencentes à guerra; mas a outras galantarias, em que trabalhavam com toda a perfeisam: e vi alguma Rainha, que tambem fiava. Emfim isto é tam claro, que cuido que com dificuldade se achará, quem o-negue.

Quanto ao cantar, e tocar instrumentos, nam me-parece ser de preciza necessidade às molheres, ainda civis. Se se-aprendesse quanto bastava, para entreter, ou no-campo, ou em caza, a sua familia; nam o-condenaria. Succede algumas vezes, que uma filha que canta, e toca, diverte um pai, ou maen, que padece enfermidades abituais: neste cazo o ter estas prendas, pode ser virtude, e ter merecimento. Pode tambem uma senhora, aprender estas partes, para se-divertir a si, nas oras ociozas, e entreter-se modestamente: e disto digo

o mesmo. Mas empregar dinheiro, e tempo consideravel nestas coizas, uma donzela que pola maior parte nam se-serve disto, depois de cazada &c. nam me-parece louvavel. Quanto às que se-destinam para Freiras, é justo que aprendam o que é necessario, para os tais empregos: principalmente tocar organ. Nas senhoras Grandes nam é tam condenavel, aplicar-se mais a estes divertimentos innocentes; se o-fazem com o fim, de nam estarem ociozas. O que porem me-parece necessario, a uma Senhora que tem boa educacão, é, aprender alguma coiza a dançar: nam para se-servir de todas as galantarias, que ensinam os mestres; mas para aprender o que é necessario, a uma pessoa, que á-de tratar com gente bem educada, e de nascimento. Por-falta deste exercicio, vemos muita gente, que anda torta, e com alcorcova: outras nam sabem fazer uma mezura: e quando entram em uma camera, em que está gente, nam sabem encontrar as pessoas: comprimentar com boa maneira: e em uma palavra, faltam a todas as ceremonias, que iam necessarias, a gente bem educada. Isto porem é uma coiza, que ofende muito a vista. E assim a maen devia cuidar, que o mestre ensinasse estas coizas, e as-instruisse bem. Daqui para diante, nam me-parece que seja util; tirando que ja disse, de aprender o que basta, para que em uma ocazião de quinta &c. possa dançar um minuete, e divertir-se com os seus parentes, e conhecidos. Deste parecer é tambem, o douto M. Rolin.

Proguntarmeá V. P. o meu parecer, sobre o estudo da-lingua Latina: no que á diversidade de pareceres, ainda entre omens muito doutos: alguns, que absolutamente o-proibem: outros, que o-querem. Eu, sem intrar agora a disputar o caso, direi o que me-parece. Ja se-sabe, que nam falamos das-mulheres ordinarias: porque estas basta que saibam, as coizas de caza; e ler em um livro &c. Historia, Latim, e outras destas coizas, nam sam tanto necessarias. Falo das-pessoas civis, e nobres: e destas digo, que o estudar Latim: a algumas é necessario; e sam as Freiras: porque me-parece ridiculo, que leiam continuamente Latim, sem o-intenderem. Das-outras as que tiverem mais tempo, nam me-parece improprio, que o-estudem. E porque nam á-de uma Senhora, que le a Historia, intender um bocado de Latim, para ler a dita, na sua lingua original? porque nam poderá uma Senhora, inclinada á piedade, ler a Escritura, principalmente o Ecclesiastico &c. em Latim? Ponho de parte, tantos exemplos de mulheres doutas, que podia citar, algumas das-quais eu conheci, e tratei: e talvez, que alguma delas souberse mais Latim, do que muitos profeso-res, que nós conhecemos ** Falo somente da-razão intrinseca: e respondo, que nam acho incoerencia alguma, mas antes é coiza mui louvavel. Mas neste caso deve-se seguir uma estrada, diferente da dos-rapazes, e só propria para mulheres. A Gramatica seja tam breve, quanto pode ser: a qual o mestre deve encurtar ainda mais, explicando em voz, muitas coizas: e logo intrar na explicacão, de algum autor facil. As mulheres nam é necessario, que salem o Latim: basta que o-intendam: o que se-deve, e pode fazer, polo modo mais breve do-mundo. Desta forte intenderiam as Freiras, o que lem: e muitas Seculares teriam

riam mais gosto, e tirariam mais utilidade, de ler os livros. Isto é o que me ocorre em breve, e tenho também lido em alguns autores. Certamente, que a educaçam das-mulheres neste Reino, é pessima: e os omens quazi as-consideram, como animais de outra especie: e nam só pouco aptas, mas incapazes de qual-quer genero de estudos, e erudicam. Mas se os Pais, e Maens considerásem bem a materia, veriam que tem gravissima obrigacam, de as-ensinar melhor: e que de o-nam-fazerem, rezulta gravissimo prejuizo à Republica, tanto nas coizas publicas, como domesticas.

Com isto acabo a prezente carta, e o que V. P. me-tem pedido, sobre o metodo dos-estudos: que, se bem me-lembro, cuído que os-temos corrido todos. Nestas cartas tenho dito a V. P. o-que me tem ocorrido, parte escrevendo em presa; e parte nam podendo, por-falta de livros, examinar tudo o que queria: que é o mesmo que dizer, que escrevi, expondo-me a cometer muito erro. Contudo como quer que a sustancia se-configa, os erros me-perdoará V. P. O que lhe-peso é, que ou nam comunique estas cartas, ou o-fala com muita cautela. Sam infinitos os ignorantes: e nesa Cidade nam á poucos: e estes seram os primeiros, que diram mal, e censuraram uma materia, que eles nam intendem pataca. Fuja V. P. desta casta de gente: ou ao menos tape-lhe a boca, examinando primeiro, se tem todos os requizitos, que a Logica ensina serem necesarios, em quem á-de julgar, das-materias alheias. Aos outros amigos nosos mais capazes *** diga-lhe o que lhe-parecer: mas nam se-interne muito, sem primeiro lhe-tomar o pulso: pois dise, e torno a dizer, que muita gente as-nam entenderá: e estes seram os primeiros, e mais rigidos censores. A mim pouco me-importa iso, porque a verdade triumphá: contudo nam quero desgostar ninguém. Se pois succeder que V. P. com o tempo, o que dezejo, subir a maiores cargos, ou tiver introduzam com pessoas Grandes, Principes &c. nese cazo pode insinuar-lhe, algumas destas noticias, como coiza sua: e se agradarem, e tiverem efeito, *te patrem patria appellabo*. Mas peso-lhe que oculte sempre, o nome do-autor: porque se aqui se-souber, que um Estrangeiro dise iso, acabou-le a razam, e parecerá muito mal. Isto que digo aqui, nam prejudica à nossa amizade. V. P. nam me-poupe, em coiza nenhuma de seu gosto: pois com toda a sinceridade de amigo direi, se o-poso fazer, ou nam; ou responderei quando puder. Sobre os outros pontos de Filologia, em que me-fala nesta ultima carta; responderei na primeira conjuntura. Nam quero agora confundir uma coiza, com outra: e tambem quero poupar-lhe a matraca, de ler carta ainda mais comprida. Guarde Deus a V. P. muitos anos.

F I M

DO SEGUNDO TOMO.

ADVERTENSIA.

TEndo achado, que estes erros sam mais frequentes nesta edisam; por isto dou uma regra geral, para se-emendarem.

Achando-se

engano, deengano, enganar, deenganar

comprimir, imprimir, oprimir admitir, permitir, e outras vozes, que se formam destes Infinitos: tirando algumas que o autor excetua.

entrar, encontrar, emportar, enformar, engenhar, engenho: e vozes, e nomes que destes nacam.

O acento que se acha nos monosilabos já, lè, vè, cá, lá; tambem é erro do corretor: porque o autor só o-poem em dè, dá, dás más só pòr *verbo* &c. para os distinguir das particulas e vozes semelhantes. Como tambem em pé, pés, e outra rarissima.

Leia-se

ingano, deingano, inganar, deinganar.

compremir, impremir, opremir &c.

intrar, incontrar, importar, informar, ingenhar &c.

REFLEXOENS
A POLOGETICAS

A OBR A INTITULADA

VERDADEIRO
METODO DE ESTUDAR

DIRIGIDA A PERSUADIR HUM NOVO

metodo para em Portugal se ensinarem, e aprenderem as sciencias,
e refutar o que neste Reino se pratica;

EXPENDIDAS PARA DESAGGRAVO

*dos Portuguezes em huma Carta, que em reposta de
outra escreveo da Cidade de Lisboa para a de
Coimbra*

O P. FREY ARSENIO DA PIEDADE,

Religioso da Provincia dos Capuchos;

E offerecidas

AO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. JOAÕ JOSEPH

ANSBERTO DE NORONHA

Conde de S. Lourenço, do Conselho de S. Ma-
gestade, &c.

Por NICULAO FRANCEZ SIOM.



V A L E N S A

NA OFFICINA DE ANTONIO BALLE.

ANNO MDCCXLVIII.

COM TODAS AS LICENSAS NECESSARIAS, &c.

REFLEXOENS

APOLÓGICAS

VERDADEIRO

METODO DE ESTUDAR

DE RIGOR PARA PERSEGUIR UM NOVO

EXPERIENCIAS PARA DESAGRAVO

das Portuguezas em huma Carta, que em resposta de
outra epterea da Cidade de Lisboa para a de

Coinbra

O. P. FREY ARSENIO DA PAZIDADE,

Religioso da Provincia dos Capuchos;

E Operecidas

AO ILLUSTRÍSSIMO, E EXCELENTÍSSIMO SENHOR

D. JOÃO JOSEPH

ANSBERTO DE NORONHA

Conde de S. Lourenço, do Conselho de S. M.

gestade, &c.

POTIICULAO FRANCIZIOM



VALLISA

NA OFFICINA DE ANTONIO BARRA

COMPRADO NA BIBLIOTECA DE S. M.

pro
blic
to e
nel
ma
tud
su
que
nes
Ma
deç
mo
em
resp
resp
men
em



ILLUSTRÍSSIMO, E EXCELENTÍSSIMO SENHOR.



E costume inviolavelmente praticado implorar a generosa protecção dos Sabios, e dos Grandes para beneficio das obras, que sahem ao publico. E havendo de apparecer agora na Republica literaria a presente Obra, justo era que recorresse unicamente á benigna protecção de V. Excellencia, porque só nella poderia eu encontrar o desejado favor, e amparo. Apareceo nesta Corte huma Obra dividida em varias Cartas, com o titulo, Verdadeiro Methodo de estudar, intentando seu Author debaixo de hum zelo tão fingido, como o nome, persuadir aos Portuguezes hum novo modo para aprender, e ensinar as Sciencias, que ordinariamente se praticaõ, e refutar o que atégora por tantos Mestres insignes, e que chegarão a ser grandes entre os mayores, se tem praticado neste Reino. Mas como não ha obra fóru das mãos de Deos, que seja tão perfeita, que não padeça alguns defeitos, pelos quaes esteja sujeita á rigorosa severidade da Critica moderna, e como se os argumentos, de que o Author se vale, não sejam fundados em razoes tão solidas, e evidentes, que se não possa facilmente descobri-lhes a resposta; houve entre os Sabios da nossa Corte hum dos que veneramos com mayor respeito, que com verdadeiro zelo quix desaggravar o credito da Nação ingratamente offendida pela livre mordacidade de hum Critico, que talvez como monstro em si alimentou, mostrando com subtilissimas Reflexoens os muitos erros, e alguns

perniciosos, que pretendia simuladamente introduzir: podendo-se applicar ao Author do novo Methodo a Copla, que fez huma Musa picante, vendo o máo caracter de letra, que formava certo Paroco, com quem por particulares razoes se não corria bem.

He cousa de admirar
E muy difficil de crer,
Que quem não sabe escrever
Diga nos quer ensinar.

Sendo pois as presentes Reflexoens huma obra, que para a sua estimaçãõ, e censura requer hum talento perfeitamente versado em todas as Sciencias, he certo que só na grande comprehensãõ, grande talento, e vasta erudiçãõ de V. Excellencia podia achar ou merecer a devida estimaçãõ, e censura. Desta verdade podem ser irrefregaveis testimuuhas não só todos aquelles Sabios, que já venerãõ a V. Excellencia como Sabio, e como Oraculo; confessando ao mesmo tempo, que em V. Excellencia se verifica o conceito, que para semelhante expressãõ disse o Poeta de começar pelo fim, em que os outros gloriosamente acabãõ; mas tambem todas as eruditas fadigas, com que V. Excellencia continuamente enriquece, e anima o Corpo da Real Academia, aonde resplandece com tão intensas luzes de sabedoria, que o constituem superior a todos os Astros, que compoem aquelle erudito, e sublime Firmamento.

O generoso, e coroado sangue, que V. Excellencia nas veas recebeo de tantos, e tão illustres Ascendentes, tambem era hum principio infallivel para eu buscar a protecçãõ de V. Excellencia; mas como a grande modestia de V. Excellencia me impede mostrar eu o fundamento desta certeza, deixo de referir o que todos sabem; pois o illustre esplendor de V. Excellencia não necessita de se ajudar com hum tão pequeno brado.

Conte pois V. Excellencia tão larga duraçãõ na chronologia dos annos, como ha de contar na da Fama, que occupada toda no Elogio de V. Excellencia publica pelo mundo literario, que na sua grande Pessoa tem os Estudiosos hum sabio Mecenas, e a Patria hum poderoso Defensor. A Excellentissima pessoa de V. Excellencia guarde Deos como desejo &c.

Criado de V. Excellencia.

Niculaõ Francez Sient.



CARTA,

QUE EM REPOSTA DE OUTRA ESCREVEO
 o Padre Fr. Arsenio da Piedade Religioso Capucho,
 morador em Lisboa, a outro Religioso da mesma
 Provincia, assistente em Coimbra.

MEu Irmao charissimo. Li a vossa Carta com aquella alegria, que me costumaõ causar as novas da boa saude, que lograis, e que desejo gozeis por muitos annos, e igualmente estimo conserveis para comigo a amizade, que ha muito tempo cultivamos. Sinto vos causasse tanto cuidado o titulo do livro, em que me fallais, por ler no seu frontispicio ser seu Author hum noso Irmao da virtuosa Refórma dos Reverendos Barbadinhos de Italia. Motivo grande tinha a vossa dor, se o titulo fosse verdadeiro; pois como tao zeloso do credito da nossa Religiao, vos lastimais, que vestisse o habito de nosso S. P. quem se atrevesse a dar a publico obra semelhante, que seria para nos de grande descredito. Para aliviar o vosso cuidado me pedis, saiba se he verdadeiro o titulo. A' volta desta pergunta vos entrou a curiosidade de querer saber o juizo, que formo desta inculcada refórma geral dos estudos. Se vos contentasseis com huma resposta breve, em duas palavras satisfaria a ambas as perguntas. A' primeira diria, que o titulo do livro he mentiroso. A' segunda responderia, que o que se promette no titulo da obra, he *titulus sine re*, e se lhe pode applicar o que de outro grande titulo disse Horacio: *Parturient montes, nascetur ridiculus mus*. Isto bastaria para satisfazer á vossa peticao; mas como vos conheço o genio, e desejo darvos gosto, respondo por partes.

Reflexoens
R E F L E X A M I.

Do mesmo livro se mostra não ser o Author Religioso Barbadinho.

COm muita razão se diz, e o mostra a experiencia, que até para mentir he necessario ter habilidade. Se este homem reparasse, que manifestando as suas Cartas noticias modernas, e não havendo ahi memoria de Doutor Barbadinho Italiano, poderia fingir cousa mais verosimil; e isso sabeis vós, que assistis ha muitos annos nella Univerfidade, onde não encontrarieis com tal curioso, salvo fosse algum Sebastião encuberto vindo da Ilha Antilia, e ahi, como outro Eneas, anda dentro de alguma nuvem observando sem ser observado, & *nube cava speculatur amictus*. Mas se na ficção só houvesse esta simples mentira, eu lhe perdoara a venialidade. O peyor he, que para tecer huma satyra descomedida, fingisse ter sahido dos Claustros observantissimos de tão estimavel Refórma. Desta sorte faz injuria á nossa Religião Serafica, e a todos os sujeitos, a quem ousadamente satyriza; porque a maldade do livro redundando em descredito do seu Author. E talvez andará muito satisfeito do que fez, por não reparar nos inconvenientes, que da suas ficção se seguem; mas quando a paixão he predominante, cega a razão, e causa semelhantes delconcertos.

Tende pois a consolação, que não nos pertence quem escreveo ás Cartas, nem queremos tanta soberba nos nossos Conventos, em que se professa humildade. Elle bem se dá a conhecer, e já muitos o vão descobrindo, porque as Cartas são retratos, que representaõ o seu original; e assim como pela falla conheceraõ por Galileo a S. Pedro os que estavaõ em caza do Principe dos Sacerdotes: *Nam & loquela tua manifestum te facit*; assim pelo estylo desta util obra se reconhece o Galileo, ou Galileos, que a ordenaraõ. E quem se havia de persuadir, que entre os filhos do numerosa familia Serafica houvesse hum, que se atrevesse a dizer mal de Escoto? O Doutor Sutil he venerado em todo o Orbe literariõ, e seguido por huma Religião tão dilatada como o mundo. He hum Author, a quem nunca a Igreja Catholica achou proposição, que notar, nem sentença, que excluir: Houveraõ sim muitos Pontifices, que louvaraõ a sua doutrina, muitos Sabios, que a admiraraõ, e muitos, que a seguiraõ. Foy tal o applauso, que adquirio, que nas melhores Univerfidades se instituirã cadeiras publicas para o explicarem.

Cauza não pouca admiração ver a audacia, com que contra hum gigante da sabedoria se atreve hum pigmeo, sem mais autoridade que a sua vaidade; e sem mais fundamento que o da sua idéa, queira lançar fora das aulas das Univerfidades a tão grande homem. La sahe com quatro livrinhos Francezes, talvez em doze, para caberem no-bolso; e maude Deos não sejam alguns nascidos em Hollanda, ou Inglaterra, feitos criticos da moda; sendo

fendo que em materias Theologicas metidos todos em huma imprensa, laucão tanto fucõ como hum limaõ seco. Humas vezes causa rizo o que diz, e outras me compadeço, porque em fim he noffo proximo.

A' volta do desprezo de Escoto tambem trata com o mesmo a Soares Granatense, Vasques, e outros desta grandeza. A Sciencia media, o decreto predeterminante, ou concomitante faõ para elle sonho. Seja Deos louvado! Bem podera fazernos graça de explicar, como se concilia a predestinação do homem com a sua liberdade; a efficacia com que Deos move a noffa vontade sem a necessitar; a impeccabilidade de Christo com a liberdade com que morreu por nós, tendo para isso preceito do Eterno Pay. Explique estas, e semelhantes questoes, sem se valer de alguma destas, ou semelhantes doutrinas especulativas, que com tanta arrogancia despreza.

E que direi da fatuidade com que critica a doutrina de Santo Thomaz? Este Santo Doutor he o mesmo, a quem a Cabeça da Igreja, e os melhores Sabios reconhecerãõ por Anjo das escolas. Pois até a innocencia lhe quiz este presumido Critico tirar, porque disse hum *quidam homo*, que vale tanto como individuo vago, que o Santo peccara em suppor idéas de Aristoteles. Muita dissimulação tem o Mordomo do Hospital, e bem podia por charidade darlhe lá huma casinha. He possivel, que os louvores, que tantos Summos Pontifices tem dado a este Santo Doutor, haõ de valer menos, que hum par de criticas à moda impressas talvez para ganhar dinheiro, e que o seu estylo he contradizer tudo o que pòdem, e não pòdem! Sempre tenho suspeita, que os taes modernos não sejaõ firmes na Fé, porque os vejo concordar muito com as invectivas dos hereges contra todos os Doutores escolasticos, e como não podem com razoes desfazer a doutrina, procuraõ desfazer nos Authores; e com estas novidades se introduzem na estimacão de quatro ignorantes, que attrahidos com as promessas de que com pouco trabalho, e em breve tempo ficarãõ grandes letrados, peccado em que cahe este noffo amo, os começaõ a louvar, e pôr no Seteestrello, sendo muito inferior o lugar, que merecem.

He tambem boa prova de que este pobre homem nada tem de Religioso, reparando na sua Carta 15. fol. 201. onde diz, que devem os Papas diminuir os privilegios concedidos ás Religioens. Vede que bom filho de S. Francisco! Funda-se em huma razãõ falsa, e logo se contradiz. A falsidade he dizer, que já cessaraõ os motivos, porque se concederaõ. He boa ignorancia! Os motivos foraõ os serviços, que fizeraõ á Igreja, e supponhamos, que não tiverãõ outros. Se estes motivos foraõ verdadeiros como haviaõ de cessar? Deixando o preterito de ser preterito? Igualmente se contradiz; porque dizendo lhe foraõ concedidos, a poucos passos diz, que os Regulares os usurpaõ. Acharia em algum dos escaninhos da sua erudição, que usurpa, quem aceita o que lhe daõ?

Finalmente bem mostra não ser Religioso Barbadinho, salvo se tem
A ii
barbas

barbas postigas, como as do terço do General Carracena para meterem grande medo aos Soldados Portuguezes. He, digo, indicio certo de não vestir o habito da Ordem Serafica o mal que diz da Religião da Companhia de Jesus, em toda esta solemne Obra, e muito em particular na Dedicatoria. E assim como nas Cartas quiz introduzir hum novo methodo de estudar, na Dedicatoria apparece com hum estranho modo de elogiar tirando da sua celebre Rhetorica, que diz está para se imprimir, a figura da Invenção tão galantemente adornada, como huma velha de cem annos com polvilhos na cabeça, e finaes na cara.

Começa a louvar esta estimada Religião, a quem confessa a educação, e ensino, e sendo os louvores diminutos para os seus merecimentos, logo se enfada de fallar, ou fingir, que falla verdade, e com muita gracinha, e sem ceremonias se desdiz, desfazendo-se em vituperios. Criaí o corvo tirarvosha o olho! Eu não pretendo defender esta sagrada Familia, porque não necessita de tão fraco defensor, como eu. Se a não impedisse a modestia, facil lhe seria descobrir este mascarado, e pôr em publico donde vem a sua erudição de Quesnel, e Talmud, que pretende introduzir neste seu novo Methodo.

Estes Reverendos Padres, correndo a fortuna de seu Santo Patriarca sempre foraõ perseguidos de hereges, e invejosos; daquelles porque descobrem os seus erros, destes porque lhe assombraõ as luzes furtadas, com que pretendem resplandecer. Tenha a certeza esta sagrada Religião, que sendo, como disse o Oraculo do Vaticano, o braço direito da Igreja de Deos, não deve temer, nem aos mesmos Alexandres vencedores na Asia, nem a Sertorios, e Viriatos entre nós celebrados na valentia. Digaõ os satyricos o que quizerem, que as suas idéas nada significão; as tuas lettas não chegaõ ao Sol, e as suas palavras, são badeladas em fino de cortiça, que não tem som, nem tom.

O mesmo digo dos mais sujeitos da primeira esfera tanto na nobreza, como na erudição, e sciencia, que arrojadamente se nomeaõ, e descortezmente se criticaõ nestas tão ridiculas Cartas, que confesso a Vossa Charidade me em envergonho de as ter lido; mas já que as li, hey de dizer, o que julgo dellas, por vos dar gosto. Antes de acabar esta Reflexão, quizera advertir a este satrapa do outro mundo, que as Dedicatorias não tem parentesco com os Prologos, e se devem separar no principio do livro. O Prologo he para todos os leitores, dando-lhe razão da obra, do estylo, e divisão della, e talvez reconhecendo a sua insufficiencia (se a cazo tem humildade) e sujeitando-se á correção dos que melhor o entendem. A Dedicatoria deve ser toda dirigida ao Patrono, declarando a causa que o moveo para lhe offerecer o livro. Ajuntar estas duas cousas em huma, he de fôrde contra a boa Rhetorica, em que este selecto Critico se nos inculca singularmente instruido: *mas non quodcumque minabitur Euris, hoc faciet.*

REFLEXAM II.

Juizo, que se deve formar do Author, e da sua obra em geral.

HE a soberba vicio fecundo, da qual nasce a presumpção, vaidade, e desprezo. Tudo se vê no Author, que fingindo-se elevado á maior esfera, entende que os mais homens presentes, e passados lhe ficam a perder de vista, e muito inferiores. He o que experimentaõ os que querem servir-se de hum oculo de ver ao longe, e uzaõ d'elle ás avessas, que todos os objectos se lhes representaõ pequeninos, e ainda que estejaõ perto, lhes parecem muito distantes. Cheya pois a cabeça do soberbo com huma espessa nuvem de fumaças, feito outro Narciso, entra a contemplar os grandes talentos, com que cuida o tem adornado a divina Providencia, cheyo de vaidade parece-lhe, que as palavras, que profere, são sentenças de Seneca; as ideias, que lhe occorrem são a quinta essencia de Platon; as suas resoluções são Canones do Tridentino; as suas praticas com os amigos são bocados de ouro, que lhe sahem da boca, e as vezes lastimosamente perdidos, por não encontrar quem os aproveite; se disse huma graça, foy com tanto íal, que excede as marinhas de Setuval, se escreveu huma Carta, elle só ganha todas as de Cicero no estylo epistolar, como se fosse o zápete no jogo do trinque, ou espadilha na arrenegada, se o vefinho, ou adherente o vay consultar para saber como se ha de desembaraçar de hum negocio embaraçado, o conselho, que lhe dá, encerra tanta prudencia, que a não leva hum carro; se escarra, ninguem o faz com mais limpeza; se se meneya, não ha mais gravidade; e se se poem á fizuda, não ha Cataõ, que lhe chegue.

Daqui lhe nasce hum geral desprezo de tudo o que não he seu, ou dos seus. Os conceitos alheios, se não se accomodaraõ com os seus, são partos informes de hum entendimento offuscado; e se ouve fallar em opinião oposta á sua, he delirio. Se a pessoa, que lhe falla, he de mayor respeito, e não póde contradizello, lá o faz para com os seus botocens, e diz entre si: Ah pobre homem, que não sabes o que dizes, nem entendes, o que me ouves; compadeçome da tua ignorancia! Outras vezes, se não aceitaõ as suas razoes, logo assenta comfigo, que o tal sujeito não he capaz de fallar com quem entende as cousas, e que se ouve os seus discursos, he por se divertir hum pouco, e aliviar o grande pezo de negocios, em que anda metido. A muitos com huma pergunta confundio de modo, que lhe não souberaõ responder; e encontrou Mestre de Latina, a quem perguntando, como se entendia aquelle verso de Virgilio: *At Regina gravi jam dudum saucia cura*: ficou confuso, sem saber que dizer. Finalmente para instrucção da mocidade Portugueza sabe de hum amigo (e será elle, que por humildade se não declara) que tem huma Rhetorica, huma Fyfica, e outras obras, com que pasmará o mundo.

Aqui

A qui tem vossa Charidade este retrato tirado das mesmas Cartas do Author, que veyo a este mundo para fortuna nossa, credito da nação, assombro, e inveja dos estrangeiros; lá lho accommode, que he vera effigies. Passo agora ao conceito, que fórmo da sua obra. Para me explicar, he preciso fazer huma digressão. Os hereges modernos, como Luthero, e Calvino para de algum modo capearem os seus erros, quizerão persuadir aos ignorantes, que a Igreja Catholica Romana tinha cahido em varios erros, e abusos, os quaes elles pertendiaõ emendar, notando de caminho, que os Papas tinhaõ usurpado mais ampla jurisdicção da que lhes fora concedida por Christo: e por lhe ser preciso afinar algum tempo, em que a Igreja estivesse sem erros, e abusos, para nesta supposicção cahir melhor a sua sonhada refórma, se fingiraõ devotos dos Santos Padres dos primeiros seculos, como Santo Ambrosio, Agostinho, Jeronymo, Gregorio, &c. O mesmo intento levou Jansenio, protestando, que as suas cinco famosas proposicoens eraõ expressamente tiradas de Santo Agostinho, aquem seguiraõ outros, e finalmente Quelnel com cento, e huma proposicção, todas filhas daquellas cinco.

Lançando este primeiro fundamento, e vendo, que os Santos, e Authores mais modernos tinhaõ reduzido as materias Theologicas a boa fórma, separando para cada huma o que lhe pertencia, a que deu grande luz Santo Thomaz; advertindo tambem, que nas taes obras se achavaõ firmadas as resoluçoens oppostas ás suas heresias, tomaraõ o cuidado de fazer criticas contra todos estes Authores, accusando-os de não seguirem aos primeiros Santos Padres, mas se desviavaõ delles, e que as suas obras se deviaõ desprezar, como cheyas de questoes impertinentes, e ignorancias. O primeiro tiro foy contra Santo Thomaz por hum discipulo de Luthero, e logo contra os mais celebres Doutores, e destas criticas sahiraõ innumeraveis compostas com muita elegancia, e ordenadas com grande erudição principalmente de historia sagrada, e profana.

Tambem appareceraõ varias feitas por lisonja, e conveniencia propria, como a de Fr. Paulo Sarpo em Veneza, deprimindo, a authoridade Pontificia, e affirmando, que não podia censurar, nem privar de seus dominios aos Principes, e Republicas soberanas, ponto em que lisonjeava a de Veneza, entaõ desobediente ao Summo Pontifice, livro, que muito agradou em Hollanda, onde logo se verteo em Francez. Sahio á luz outro, fingindo-se grande devoto de S. Paulo, querendo igualallo na authoridade a S. Pedro, para com toda a sua devoção diminuir a authoridade de seus Successores; e logo outro, querendo fundar a authoridade da Igreja igualmente em hum, e outro Santo, e ambos condemnados por Innocencio X. e desta casta tantos, que podiaõ fazer grandes fogueiras. Agradou o estylo critico a muitos, ainda que Catholicos, e sem advertirem no veneno, huns dando ao prelo, por mostrarem engenho, outros por serem inclinados a novidades, e tam-

Apologeticas.

bem alguns criticando os mais, para mostrarem, que sabião mais que elles. E até o nosso Critico julga ser acertado ler as obras dos hereges, para delles se aprender o methodo, como se entre as flores se não escondessem os aspides, e nas rozas se não encontrassem espinhos.

Reina esta moda muito em Inglaterra, França, e Flandres. E posto que muitos destes sejaõ Catholicos, he necessaria grande advertencia para os separar dos que são suspeitos na Fé, ainda que ordinariamente se achaõ em Francez, porque nesta lingua sahem de outras partes; e ainda que sejaõ nascidos em França, bem sabido he, que lá não faltaõ Jansenistas. Continuando esta grande moda, depois de se desenfadarem contra a Theologia, passaraõ as criticas contra as mais sciencias. Sahiraõ contra a Filosofia huns Carthesianos, outros meyo Carthesianos, fizeraõ os animaes viventes automatos, e como machinas artificiaes insensiveis, e em recompensa o nosso Critico os faz discursivos; desterraraõ os accidentes, extinguiaraõ as cores, fazendo os objectos visiveis por força de luzes furtadas; tiraraõ a definição ao homem duvidando, como faz este nosso Critico, que se define: *Animal racional*. O globo da terra, que até agora tinhamos por redondo, appareceo ovado, e em continuo movimento na nova idéa de Copernico, ficando o Sol parado, sem ser a rogos de Josué; ao ar deraõ-lhe hum grande pezo; e á pobre da alma racional lá a prenderaõ na cabeça, sem consentirem, que visitasse as mais partes do corpo humano.

Todos estes livros tiveraõ grande applauso entre muitos principalmente moços, e isto por tres razoes. Primeira, por serem livros de estrangeiros, cujas modas tem grande sahida entre nós, ainda que com ellas, nos levem todo o ouro das Minas, depois de nos terem despojado da prata. A segunda, porque não tendo animo para se cansarem no estudo das materias *exprofesso*, e vendo que as sciencias são muito mais largas, que a vida, desejando por outra parte abarcar todas, applicaõ-se com muito gosto a estes livrinhos, e em lhe dando hum par de voltas, entraõ a fallar em toda a casta de Theologia, e Direito, Filosofia, Mathematica, Rhetorica, Humanidades, e outras cousas mais, com tanta satisfação propria, que não se lhe póde tirar da cabeça, que estaõ consumados em toda a literatura.

A terceira pelo que respeita á Fysica, porque com muitas habilidades fizeraõ instrumentos realmente agradaveis pelo seu artificio: com hum persuadem, que tiraõ o ar da garrafa, por cuja falta a mosca, que está dentro, fica amortecida; e logo dando liberdade ao ar, para que torne para sua casa, se levanta a mosca como resuscitada. Porque a bomba não tira agoa se não em certa altura, entraõ a demonstrar, que não sobe mais, porque o ar não tem mais pezo; e se algum quer contradizer a sua idéa, e diz que o ar faz huma abobeda, com que cerca este globo da terra, e por isso não carrega em parte nenhuma da terra, e por conseguinte não he essa a causa porque a agua sobe na bomba, Deos nos acuda, que o curioso he: diota.

e não sabe o que diz. Para mostrarem, que os animaes são puras machinas, fizeram huma ave de metal, que se movia, como fazem os relogios, com o bico apanhava o milho posto em determinado lugar, e descendo ao bojo, dava em hum moinho, que o partia, e logo, como se o digerisse, lhe sahia pelo rabo. Vedes pois, diziaõ, que se a arte humana faz huma tão galante machina, quanto melhor a fará Deos? A' vista deste, e semelhantes artefactos, pasmaõ os aprendizes, e daõ a couza por provada; e corra a paga ao Mestre tão bem merecida, como a que se dá por ver por hum buraco a perspectiva de Versalhes. Tudo lhe faça bom proveito no corpo, e alma, que he frase de que usa o nosso Critico mór.

Esta digressão com pouco trabalho mostra o juizo, que se deve formar de toda a obra, a qual impugnando tudo, nada conclue, que he sentença do senhor Author na Carta 6. fol. 157. Reparastes já na obra de hum alfayate? Consiste v. g. para sahir huma casaca, em dar tisouradas na pezza de panho, repartir em partes o forro, e o mais necessario para a obra; e contra logo o senhor Mestre, e algum official a coser aquelles retalhos, e apparece huma casaca á moda, e toda França. E qual he o artificio da obra? em cortar pelo alheyo, e coser os pannos cortados. Aqui tendes a idéa da obra. Corta-se pelas sciencias sem alma, e o que nelles ha de agudeza, chama-se rapaziada: de sorte que o discurso de hum bom entendimento, combinando humas razõens com outras para especular alguma resolução, he futilidade: porém lidar com a siringa, bomba, fogo para quebrar as pedras, garrafas de que se tira o ar, barometros, termometros para ver subir o espirito do vinho, e o azougue, reparar nas habilidades, que tem o caõ do cego, para daqui colher algumas noticias da Fyfica experimental, são diligencias muito graves! Seja por charidade.

Tambem a obra corta pelos Authores de melhor nota, e estimação; e não se busca o bom, ou o melhor delles, mas se appareceo alguma couza má, ou menos ajustada, lá vay a tisourada. Só a sagrada Escriitura he optima, o de mais *nihil est ab omni parte beatum*. Os Authores, ainda que sejaõ os mais avultados na sciencia, por fim de contas são homens, e não há que espantar falem em alguma couza; pois como disse Quintiliano: *Summi enim sunt, homines tamen*. Eu já por honra de N. P. S. Francisco lhe perdoõ de todo o coração estas tisouradas; mas vejo que quasi todos os cortes entraõ pelo melhor dos Authores, e esses não lhos posso perdoar: mas já me desdigo; se elle cuida, que corta bem, não há mais remedio, que encommendallo a Deos.

Depois de se cortar, entra-se a coser a obra. Aqui he ella. O homem tem a vista cansada, como quem tem cosido de noite muito panno preto. Que remedio? Ajuntem-se officiaes para a obra: huns ou parentes, ou adherentes, cosão huma Critica, outros outra: daqui tirem so discurso, que já se fez sobre huma materia, dalli outra, que quem não tem muito cabe-

dal vira o vestido de dentro para fóra, ou ao menos de huma capa enge-
nha huns calçoens. Venha da qui o memorial, que se deu em tal tempo;
venha de lá o arbitrio que deu fulano, e sicrano: o Author poem as linhas
de casa, e temos obra. Mas a sciencia do mestre Alfayate he como a sua
gaveta, onde se não acha peffa inteira, tudo são retalhinhos de bayeta,
panno, seda, e de varias cores; da qual apenas se póde tirar com que se fa-
ça huma carapuça de saloya, ou barretinho para criança.

O modo de fallar he contra toda a Rhetorica, ainda que se nos incul-
ca muito adiantado nella. Porque quem quer persuadir alguma cousa, pro-
cura ganhar a benevolencia do ouvinte, ou leitor; porém satyrisar toda hu-
ma nação, e os melhores sujeitos della, para os attrahir ao seu partido, he
querer buscar hum circulo pela ponta. Vá hum Portuguez a Inglaterra tra-
tar hum negocio importante, e que depende dos votos do seu Parlamento,
e tome por preambulo dizer mal daquella nação, e experimentará o bom
despacho, que traz.

Se o zelo da utilidade publica foy o motivo desta obra, eu lhe daria
a materia mais util, e agradavel para ambos os seus tomos. Mude a ulti-
ma palavra do titulo, e diga: *Verdadeiro methodo de trabalhar*. Deste he
que temos grande necessidade. Sem sahir da nossa Corte, lhe darey grande
campo, em que se dilatam os seus arbitrios. Repare nas lamas, que fazem
impraticaveis as ruas, não obstante a grande despeza, que se faz em se var-
rerem. Se se lançaõ junto da Cidade, fazem monturos, e se no rio, dizem
que entulhaõ a barra; e tudo isso nasce da falta de methodo. As calçadas
custaõ muito dinheiro para se concertarem, e duraõ pouco os seus concer-
tos; os carros abalaõ as cazas, e fazem-se taõ pezados, que não faz pouco
huma junta de bois para os mover, ainde estando vazios. Os agnadeiros com
as suas cangalhas, e as saloyas com os seiroens mayores, que donaires, são
prejudiciaes aos que andaõ a pé, ou a cavallo: as ruas humas são estrei-
tas, outras tortas; e tudo isto carece de novo methodo. Tal vez não ha-
ja Corte, em que aconteçaõ tantos roubos, e mortes como na nossa. Ar-
brite o meyo, com que se evitem.

Que diremos dos officiaes mechanicos? Que mentiras não prégaõ des-
culpando a tardança das suas obras; e o que mais he, cada anno accrescen-
taõ os preços, e dizem que lhe custaraõ muito a fazer, e que estaõ caros
os materiaes; a verdade de tudo he a falta de methodo, tanto em traba-
lhar, como em comprar. Tambem as lavadeiras necessitaõ de algumas li-
coens, porque destroem a roupa com a roimper, e uzaõ de pedra em lugar
de sabaõ. Discorrendo pois por estes, e semelhantes argumentos, não lhe
faltará materia para o primeiro tomo.

Para o segundo trate de idéas mais nobres. As nossas searas apenas
daõ seis por hum, produzindo mais em outros paizes, e tudo isto nasce de
não saberem os lavradores o verdadeiro methodo de as cultivar. Subindo

mais alto; he grande desconfolação ver o eſtrago, que fazem alguns rios nos campos enchendo-os de arcia, que os faz eſteris. A ponte de Coimbra dizem eſtar fundada ſobre outra, e com tudo iſto eſtá entupida, que já os barcos não pôdem paſſar por baixo dos ſeus arcos. A barra do Porto he perigofa por apertada com os rochedos, que a cercaõ de baixo da agua; as de Vianna, Villa de Conde, Aveiro, Buarcos, e em parte eſta de Lisboa padecem o infortunio de irem as areas prevalecendo contra ellas. Boa occaſião para enſinar o verdadeiro methodo de acudir a eſtes damnos. Tambem ſeria grande gloria ſua demonſtrar a decantada quadratura do circulo, os pontos fixos para a navegação de Lette a Oeſte, e o deſejado moto perpetuo, para o que ſe tem propoſto grandes premios, com que ſe animem os homens de grande talento; e quando não queira o premio, ſempre ficará com a gloria, que para animos nobres vale mais. E com eſtes, e outros ſemelhan-tes methodos fará ſegundo tomo, que quanto os das ſuas Cartas não vallem a tinta, com que ſe elcreverão.

R E F L E X A M III.

Propoſiçoens, que ſe achão no livro, dignas de grave cenſura.

NÃO vos pareça, que eſta Reflexão ſe ordena a moſtrar, que o Critico mór he hereje, porque a iſſo me não perſuado; he ſim para confirmar o que já inſinuey, que elle ſe aproveitou de muitas criticas, particularmente na lingua Franceza, nas quaes ás vezes ſe acha muita ſizania miſturada com o trigo; e como não he bem iſtruido na Theologia dogmatica, por mais que cuide o contrario, cahio nos erros, que aqui vos quero apontar; e tal vez, que cahiria em muitos outros, em que eu não repararia, tanto pela preſſa, como pelo faſtio, com que li as Cartas, que logo as lancei de mim enfadado de ler tanto diſparate junto.

Apontei as ſeguintes propoſiçoens. Primeira: *O peccado de neſſo primeiro Pay nos trouxe por caſtigo ſermos ſujeitos ao engano.* Aſſim ſe lê na primeira parte fol. 253; e logo diz a ſegunda no meſmo lugar: *Por iſſo nós peccamos, e peccando nos deſviamos da verdade da ley divina, que he tão confôrme á boa razão, porque não damos attenção á dita verdade.* A qui há falſidade, e *aliquid ſuprens hæreſim.* Na primeira ſe dá a entender, que noſſos primeiros Pays antes do ſeu peccado não eſtavão ſujeitos ao engano, porque como neſſe tempo não tinhaõ peccado, tambem ainda não tinhaõ incorrido na pena: e com tudo iſſo, antes de eſtarem ſujeitos ao engano, peccarão; ſegue-ſe logo, que he falſa a ſegunda propoſição, em que ſe requer a inadvertencia para o peccado. Quanto mais, que antes de Eva peccar, a enganou a Serpente, como ella confeſſou claramente: *Serpens deſepit me.* E Adaõ levado das palavras de Eva cahio no meſmo engano, e
iſto

isto antes de provar o pomo prohibido. E quem disse a sua Reverencia, que se Adão não peccara, seus filhos não cahiriaõ em algum engano não só físico, mas moral? Fallando em geral dos maais homens nos termos da segunda proposição, supponhamos este cazo, que não he metafyzico. Pedro se acha com opportuna occasião de furtar huma bolsa, e se ve tentado a fazer o furto por ser costumado a semelhantes destrezas; porém illustrando-o Deos com hum claro conhecimento daquella maldade prohibida pela *ley divina*, e natural *taõ conforme á boa razão*, venceo a tentação, e não lançou mão da bolsa. Isto supposto, pergunto ao senhor Doutor: Pedro mereceo na victoria desta tentação, ou não? Parece que sim, e tambem deve conceder, que a resistencia foy livre, porque sem liberdade não há merecimento, como está definido contra Jansenio na sua terceira proposição. Pois se Pedro resistio livremente á tentação, podia não querer resistir furtando a bolsa: logo teado o claro conhecimento da maldade do furto, podia peccar, não obstante o que diz na tal segunda proposição. E há muitos ladroens, que não são rusticos, e bem sabem, quando furtaõ, que obraõ contra o setimo mandamento, e contra hum dictame natural: *Quod tibi non vis, alteri ne facias*, e com tudo peccaõ.

Terceira proposição, 2. p. fol. 11. *O accidente da cor . . . que he o mesmo que dizer, que não he huma entidade distincta da substancia.* Tomada ao pé da letra, e applicada á Hostia consagrada pouco se ajusta com a condemnação da segunda proposição de Wiclef condemnada no Concilio Constançiente anno de 1418. na sessão oitava, da qual fallaremos na Reflexão decima. Por ora digo, que o contrario se lê nas liçoens approvadas pela Igreja no Officio divino deste Sacramento, que são de Santo Thomaz, e dizem assim: *Accidentia autem sine subiecto in eodem subsistunt, dum invisibile sumitur sub aliena specie occultatum, & sensus á deceptione reddantur immunnes, qui de accidentibus iudicant sibi notis.* Se na Eucharistia não ficaõ accidentes, por serem o mesmo com a substancia do pão, e vinho; devena dizer, que alli nem há cor, nem cheiro, nem sabor, mas huma mera apparencia de tudo illo; mas neste cazo, fallõ he dizer que *Sensus á deceptione reddantur immunnes.*

Quarta, na 2. p. fol. 13. *A natureza humana de Christo unida á Pessoa do Verbo, não he pessoa humana, mas divina.* Vamos vendo o sentido, que póde ter. Se quer dizer, que a natureza humana, a qual se unio á Pessoa do Verbo, mas tomada *se sola*, não he pessoa humana, porque nestes termos se considera *in abstracto*, e como *humanitas*, concedo le não há já de chamar pessoa humana, porque ainda se não toma *in concreto* com subsistencia; mas neste sentido he heresia, o que accreicenta dizendo ser *Pessoa divina*; pois he claro, que a humanidade he creada, e nem he, nem póde ser pessoa divina. Se quer dizer, que da natureza humana unida á Pessoa do Verbo, só resulta pessoa divina, e não humana, porque julga que sem

subsistencia humana, não he Christo verdadeiro homem; profere huma blasfemia heretica, pois se acha na confissão da Fé escrita no Symbolo de S. Athanasio recebido pela Igreja Catholica ibi: *Homo est ex substantia Matris perfectus Deus, perfectus homo.*

Finalmente se confessa, que da natureza humana unida á Pessoa do Verbo resulta perfeito, e verdadeiro homem, mas que este se não póde dizer pessoa humana, porque para isso he necessario, que tenha subsistencia humana, diz huma grande falsidade; porque para huma pessoa se chamar humana, só se attende á natureza, seja ou não seja humana a sua subsistencia; tanto assim, que estas palavras *homem*, e *pessoa humana*, são synonymas. Nestes termos a sua proposição he temeraria, porque destituida de fundamento, e em materia tão grave opposta ao sentir dos Teologos. He escandalosa, porque *præbet fidelibus occasionem errandi.* He male sonans, porque o seu sentido obvio he mais proprio para significar herezia, *U' ex verbis inordinatè prolatis iacurritur hæresis.* E he erronea, porque se oppoem á huma conclusão Theologica, a saber: *Est homo: ergo est persona humana,* assim como pela mesma razão dizem os Teologos ser erronea esta. *Non est risibilis*, por ser opposta a esta: *Christus est homo: ergo est risibilis.*

Quinta, na mesma folha: *Quando a natureza criada se une a huma pessoa divina, perde o alto dominio, que tinha nas suas acçoens.* Construida ao pé da letra he heretica, porque vem a dizer, que Christo em quanto homem não tem liberdade, a qual requer dominio para a acção ser livre. E como podia Christo ter actos meritorios sem liberdade? Querernos-ha o Senhor Doutor persuadir, que *ad merendum sufficit libertas á coactione?* Mas isso he condemnado na terceira proposição de Jansenio. Se basta na sua opinião, que huma acção, que he voluntaria, se possa dizer livre, he cahir na proposição 39 de Baio condemnada por Gregorio XIII.

Sexta, na p. 68. ibi: *Homem, que não despe todos os vicios do animo todas as acçoens deste homem não são officios, mas vicios, e maldades.* Não reparo na má gramatica, com que aqui se explica. Vou ao ponto, e pergunto: Se este tal homem, advertindo no seu máo estado, pedir a Deos lhe dê resolução, para despedir os vicios do seu animo, será esta petição vicio, e maldade? Se no tempo, em que anda com tantos vicios, matar hum homem, peccará? Não póde dizer que não; como porém fez o homicidio livremente, aliás não peccaria matando, podia resistir á tentação? Se resistisse, seria esta resistencia vicio, e maldade? Se diz, como deve, que não, lá vay á sua proposição. Se diz, que sim, vem a dizer, que o tal está necessitado para peccar: o que he condemnado na proposição 35 de Baio. E a proposição supra he heretica, e coincide com a 25 do mesmo Baio, tambem condemnada: *Omnia opera infidelium sunt peccata.*

Setima, na p. 161: *A Theologia fundada sobre as formas substanciaes, e accidentaes, he prejudicial aos dogmas da Religião.* Se falla da Religião Luthe-

Lutherana, ou outra semelhante, seja o que quizer: se falla da Catholica, he propozição temeraria, erronea, e mal loante. Bastaõ por todos Santo Thomaz, e Escoto, que seguindo na sua Teologia o systema das taes formas, foraõ muitas vezes louvados pelos Summos Pontifices; e he temerario, e alguma cousa mais, dizer que os Papas louvaraõ muitas vezes huma Teologia opposta aos dogmas da Religião Catholica. E se ella se opoem aos taes dogmas, tambem se oppoz o Concilio Lateran. *Sub Leone X. Sess. 8.* que chamou á alma racional fórma do corpo. E o Tridentino *Sess. 6. c. 16. can. 11.* que disse, ser a graça habitual inherente á alma: e que os habitos das virtudes se infundiaõ com a graça santificante; como tambem o Moguntino *cap. 7.* de que se infere com evidencia serem fórmas acciden-
taes. Veja que consequencias se seguem da sua propozição.

Oitava, p. 163. *Deos no estado da innocencia ensinou aos homens muitas verdades.* Tomara me dissera, que homens eraõ effes no estado da innocencia; porque eu no Genesis só acho hum, que he Adaõ. Se quer dizer, que aquelle estado durou até Eva parir filhos, diz huma heresia.

Nona, p. 180. *Da Tradição nasce a authoridade da Igreja Universal, dos Concilios geraes, e da Igreja Romana.* Dizer, que a authoridade da Igreja nasce da Tradição, he heresia; porque nasce de Christo, quando disse a S. Pedro: *Tu es Petrus, & super hanc petram edificabo Ecclesiam meam. . . . Pasce oves meas.* Aqui deu a authoridade a S. Pedro, como Cabeça da Igreja, e nelle aos seus successores. Antes pelo contrario, para a Tradição ser legitima, e authentica, devia primeiro ser approvada, e declarada pela Igreja. Assim como ella he, a que nos declarou, quaes eraõ os livros da Escritura sagrada, e quaes os que o não são, como *Evangelium Thadai, & Periodi Tecla.* E como haviamos crer firmemente nas definições do Tridentino, se a Igreja nos não certificasse, ser aquelle Concilio legitimo; assim como não cremos, nos que declarou por conciliabulos? Veja o que diz o Author da Bibliotheca erronea *dub. 1. §. confirmatur, ibi:*

Nunquam Ecclesia controversias fidei judicare certò poterit ex verbo Dei scripto, vel tradito, quandiu incerta erit, vel de libris, quibus verbum Dei scriptum continetur, vel de monumentis, quibus ad nos verbum traditum transmittitur: fundamenta Religionis concutiunt, qui hanc authoritatem de Ecclesia tollunt. . . . ex quo manavit communis illa certissima persuasio Catholico omnium, Ecclesiam distinguendo libros Canonicos ab apocryphis, Concilia legitima a non legitimis, non posse decipi. Eis aqui como fallaõ os que sabem o que dizem.

Tambem não soa bem o distinguir, como se fossem tres cousas diversas, Igreja Universal, Igreja Romana, e Concilios geraes. Tudo isto tomado em sentido catholico, unido com a Cabeça da Igreja, que he o Papa, faz huma só cousa, a que chamamos: *Unam Sanctam Catholicam, & Apostolicam Ecclesiam.* Se as toma sem a tal uniaõ, nem he Igreja Catholica.

ca, e Romana; mas Scifinatica, como a da Ruffia; nem Concilio legitimo, mas acephalo, e conciliabulo. O contrario será cahir na 25 proposição de Luthero condemnada por Leão X. a qual dizia: *Romanus Pontifex Petri successor, non est Christi Vicarius super omnes totius mundi Ecclesias ab ipso Christo in B. Petro institutus.* Vaime parecendo, que esta divisaõ de Igreja, e Concilio foy tirada dos que em França appellaraõ *ad futurum Concilium* contra a definição da Bulla *Unigenitus*.

Decima, pag. 192. *Depois do Seculo sexto, dilatando-se a jurisdicção dos Pontifices não sô sobre os Seculares, mas tambem sobre os Ecclesiasticos.* Semelhante erro he proprio dos que não querem reconhecer a jurisdicção do Vigario de Christo, como se os Pontifices não recebessem logo de Christo toda a sua jurisdicção, o que directamente se oppoem ás palavras do Senhor: *Tibi dabo claves regni calorum. . quodcumque ligaveris, & quodcumque solveris, &c.* Não ha duvida, que os Pontifices nos primeiros seculos não exercitaraõ toda a sua jurisdicção, por ser perdominante o Gentilismo, assim como agora a não exercita contra os Turcos, e Gentios da Asia, por não terem o bautismo, com que ficão subditos da Igreja. nem ainda muitas vezes contra os Christãos, por reconhecerem nisso inconvenientes; mas he cousa muito diversa não exercitar a jurisdicção, ou não a ter; e este ultimo sentido faz a proposição acima notada, e por isso he mal soante.

Undecima, na p. 181. *A authoridade dos Padres antigos he infallivel.* Grande erro! Esta prerogativa só pertence á sagrada Escriitura, e definiçoens da Igreja. Veja o Senhor Doutor a proposição 30, condemnada por Alexandre VIII. sómente por dar authoridade infallivel a Santo Agostinho ibi: *Ubi quis invenerit doctrinam in Augustino clarè fundatam, illam absolutè potest tenere, & docere non respiciens ad ullam Pontificis bullam.* Isso he que queriaõ os Jansenistas.

Tambem he digna de nota a proposição, que traz fol. 230, e diz: *A Cartilha chamada do Mestre Ignacio, he cousa indigna.* He o homiem insignie em bazofias. Este livrinho he hum compendio, que ensina o que devemos saber para bem pedir, crer, e obrar. Ha quasi dous seculos, que por elle aprendeo Portugal os mysterios da Fé, conservando-se sem herefias; tem sido impresso muitas vezes, e sempre approvado pelo Santo Officio. Deste pois com todo o desaforo diz, que he cousa indigna. Tenha muita faude, e Deos o faça santo. Se quer compor alguma Cartilha livre destes erros, que aqui vaõ advertidos, mostre-a a quem lha possa emendar.

Por estas proposiçoens brevemente apontadas póde Vossa Caridade formar conceito da Theologia dogmatica do nosso Critico, e dizendo, sem mais fundamento que o do seu juizo, que se não sabe no Reino, esse he o primeiro que muito necessita de a aprender, pois mostra, que só della alcança o que sem escolha de bom, e máo foy trasladando dos livrinhos. Se tem desculpa, por não ser esta a sua profissão, he culpado em fallar no que não sabe,

be, e era-lhe muito melhor acommodar-le com o proverbio latino: *Nec sutor ultra crepidam.*

R E F L E X A M IV.

Da sua Orthographia.

S Aõ as palavras tanto proferidas, como escritas, huns finaes arbitrarios, que as naçoens deputaraõ; as vozes para com ellas significarem os seus conceitos, e a eicritura para substituirem as palavras; de sorte, que o uzo de cada naçaõ he a ley, que introduz humas, conserva outras, e abroga as que lhe parece: *Quem penes arbitrium est, & jus, & norma loquendi*, como diz Horacio. He este principio certo, e assentado em todas as naçoens, ainda as mais barbaras, do qual se infere o erro do graõ Critico em nos querer introduzir novas palavras, e novo modo de escrever, sem legitima authoridade, nem ao menos apresentar procuraçaõ bastante feita em publica fôrma. Elle meimo arroga para si esta authoridade, como se iõ bastasse, e fosse *unus pro cunctis*. As palavras, que uza, saõ boa fazenda, como estas, que de passo notei: *noto, inoto, aquistar, imprimido, crins do cavallo, acostumar, obscuro, Maen, decernimento, esfogada*, e outras que para se entenderem he necessario hum commento.

Pertende tambem introduzir novo modo de escrever, e muitas se contradiz, que assim succede a quem quer dar regras em tudo. Manda desterrar para fóra do Reino as letras dobradas, e toda a culpa he, por se naõ expressarem na pronuncia, e lá vay tambem desterrado o *h* pelo mesmo peccado. Tomara saber, que intercessaõ lhe meteo a letra *u*, ou que privilegio teve, para que tambem naõ fosse desterrada das palavras, em que se naõ exprime, como saõ: *guerra, guiar, esquecer, que, quix, quem, quero, &c.* Além de que he contra o estylo, e uzo commum, que faz ley consuetudinaria; e vindo ás palavras de letras dobradas das latinas, que as tem, he bema que se conservem, e naõ sejaõ sentenciadas sem serem ouvidas, como *amassem, lessẽm, de amavissent, legissent*. Outras vezes servem para distincão da pronuncia de breve, ou longa; como *andasse, anda-se, conservasse, conserva-se*; e o remedio que lhe quer pôr com as ritquinhas, bem o póde riscar.

Elle meimo concede, que se escreva com *h* Herodes, e outros semelhantes, porque o tem no seu original; e porque naõ bastara a mesma razãõ para as letras dobradas, e *h*? Accrescenta, que tambem se escreva o *h* na palavra, por naõ escandalizar aos leitores: de sorte que nos escandalizará faltar a Herodes hum *h*, e naõ devemos receber escandalo de o tirarem ás outras palavras? Por ventura tem mais privilegio *Herodes*, que foy Rey tyranno, do que *Henrique* nome de hum Imperador santo?

Aqui

Aqui nos quer dar huma nova explicação do *ã* Portuguez, e nos quer persuadir, que tem hum *m* no fim, e talvez levado deste engano costuma escrever: *razam, mam, amaram, vieram*. Com este modo engana a qualquer estrangeiro, que quizer ler as taes palavras na mesma forma, que as vê escritas, e lhe dará sem duvida o mesmo som, que a estas latinas: *aman-dam, quendam, legendam, &c.* É ainda dado, que o nosso *ã* leve no fim *m*, devia nesse caso escrever *razam, maom, amaram, vieram*, e teria sua galantaria. Não há duvida, que o nosso *ã* leva *m*, mas não no fim depois do *o*, leva-o entre o *a*, e *o*, v. g. *rezamo*; porém com esta advertencia, que o *m*, não deve juntar-se, nem fazer syllaba com o *o*, mas deve fazer huma syllaba junto com o *a*, e para significarmos isto, se inventou affinar huma plica entre o *a*, e *o*: desta sorte escrevendo tudo, devia ser assim: *re-zam-o, vi-e-ram-o*. Faça-se agora reflexão em querer ajuntar as taes syllabas na pronuncia, e achar-se-ha; que daõ o mesmo som, que damos, quando pronunciamos *razão, vierão*. Daqui vem, que muitos escrevendo esta palavra huma lhe tiraõ o *m*, e em seu lugar affinaõ entre o *u*, e o *a* huma plica, e escrevem *hũa*, e he evidente, que a tal palavras não tem *m* no fim.

Temos tambem huma reprehensão contra os que no sobrescritos das cartas escrevem o titulo de pay, mãy, irmão, cunhado, &c., e no mesmo tempo concede se ponha algum dos titulos da quelle, a quem se escreve, v. g. Ao Senhor Dom Fulano Marquez de tal. É porque razão, escrevendo a quem me não he nada, lhe devo escrever o seu titulo, v. g. de Marquez, e não o hey de pôr a meu pay, a quem devo tanto? Reprova o que fazem alguns nas cartas, que da mesma terra vão de huma para outra parte, e escrevem por baixo o seu nome, v. g. de Pedro João Castello-Novo. Escuzadas advertencias, e exemplos, que traz de outros Reinos. São muito diversas as politicas das naçoens. Na China consiste a politica das cartas em multiplicar as capas de diversas cores, mais, ou menos, conforme a graduacão daquelle, a quem se escreve. Em França, e Inglaterra são tão breves nos sobrescritos, que muitos fazem só menção do sobrenome, e assim o tenho visto. Cá em Portugal temos outro uzo, e he destempero chamar ridicularia ao costume politico introduzido em toda huma nação.

Sobre a pontuacão tem muita graça, em dizer, que depois do ponto nem sempre se deve começar por letra grande. He resolução muito especial, e por ser contra o sentir commum, he sem duvida, que se moveo a isto obrigado de algum valente, e irrefragavel fundamento, em que até aqui ninguem tinha reparado. Mas qual será elle? Diz que *a letra grande offende a vista*. Que vos parece Irmão? He razão de Cabo de Esquadra, ou não? Nós cá que temos a vista mais gorda, cuidavamos que a letra pequena, quanto menor, se fazia menos visível, e que a grande se via me-

lhor.

hor. Bem grande he o Torriaõ do Paço, e a cada passo entraõ no Tejo. nãos de linha, e de bom tamanho, e nunca ouvi queixar, que por serem objectos grandes offendeffem a vista. O que vos posso segurar he, que quando eu vou pedir a esmola para o Convento, nunca se me offendeo a vista por ver hum paõ grande, quando mo daõ de esmola; se me daõ hum me-rendeiro-pequeninõ, se me naõ offende, ao menos naõ o diviso tantõ como ao grande.

E que diremos de julgar, que se devem introduzir no Reino escolas para os rapazes aprenderem a lingua Portugueza? Haverá esta moda em França? O homem tem bellas idéas; he boa moda, que os pays gastem dinheiro para que os seus filhos fallem. Nas escolas de ler, escrever, e Grammatica tanto fallaõ elles em Portuguez, que amofinaõ aos Mestres, e he necessario castigallos, para que se callem. A nossa lingua naõ he morta, para que os naturaes necessitem de tal diligencia. As razoes, com que prova a sua resoluçaõ, sãõ taes como o methodo. Diz que as primeiras palavras, que ouvem as crianças, sãõ das amas, e das mãys, que as costumãõ pronunciar mal. Se ellas fõffem Mazombas, alguma razaõ teria; mas cá no Reino fallaõ com certeza, e bom acerto grande parte dellas. Demos porém, que quasi todas naõ sejaõ cultas na pronuncia, será necessario abrir escolas de lingua para as amas, e mãys; e logo huma ley, que nenhuma mulher possa cazar, nem criar, sem ser examinada, e approvada pelo Mestre da lingua, e o officio será de boa renda.

E se em todo o Reino se ha de introducir este estudo, em humas partes dirãõ, que já sabem, e que naõ querem ao Mestre; em outras, que naõ querem mudar de linguagem, allegando que tal cousa se naõ uza nos mais Reinos, porque em França há diversidade de fallar nas suas provincias, e o mesmo se experimenta em Italia, e Castella. Verdade he, que os Romanos tinhaõ escolas da sua Grammatica; para isso tinhaõ especial razaõ, por ser a lingua Latina cheya de muitas regras, e excepçoens, falta de nomes, e verbos anomaios, e summamente miuda na conjugaçãõ dos verbos, e na syllaba, e foylhes preciso este meyo para fallarem certo, e cultamente. Porém na nossa naõ há effas miudezas, e com uzo se aprende muito bem, como vemos por experiencia.

O methodo, que manda guardar a estes novos Mestres da lingua tem cousas lepidas. Diz, que ensinem aos rapazes conhecer a propriedade das palavras, naturalidade da fraze, fugir da affectaçãõ, e escrever cartas. Mas quem ha de meter na cabeça a rapazes, ou crianças de poucos annos sabermos distinguir, que cousa he affectaçãõ de palavras, naturalidade de fraze, e escrever cartas? Se naõ hajaõ de sahir da escola sem saberem tudo isso, eu jurara, que lá se deteriaõ até serem barbados, e casados. Só naõ approva, que nestas escolas se reja a Grammatica, que he nota, que poem ao Padre Argote: bem podera advertir, que este douto Padre naõ compoz

a sua arte para os naturaes, mas muito em particular para os estrangeiros a quem a nossa lingua não he materna.

Tambem réquer hum bom dicionario, que o da Profodia não presta; e não se accomoda com o do Padre Bluteau, porque he em muitos tomos, e se fosse em poucos, teria o achaque de ser breve; e tambem lhe nota, que traz palavras plebeias, e antigas. Pois se estas já se não uzaõ ordinariamente, como saberemos o que significavaõ, se nos não ficar lembrança dellas nos dicionarios? Quanto ás palavras plebeias, bom remedio seria, se as fossem aggregando á nobreza, e as de mayor merecimentos alcançassem seu filhamento. Por ultima conclusaõ, esta primeira Carta he escuzada, e o tempo, em que se escreveo, melhor seria gastallo em rezar pelas contas.

R E F L E X A M V.

Da Grammatica, e Latinidade.

N.Esta Carta promete com grande segurança, que a Grammatica se aprenderá fundamental em hum anno. Bem sey que o prometter he facil, e muito diverso de cumprir. Para isto reprova os Cartapacios, que andaõ em vulgar, e para fazer o cazo mais feyo, multiplica os que saõ identicos, e declara os que não andaõ em uzo geral para accrescentar o seu catalogo. A Arte de Manoel Alvares fica no seu supremo tribunal reprovada, e sentenciada a desterro, por ter máo methodo; ser composta em latim, e trazer muita coula escuzada. Mas fazendo reflexaõ em quanto diz nesta sua Carta, nada apparece ao intento: ao menos nos contentariamos se apparecesse com o livrinho em doze, que segura póde incluir tudo, quanto he necessario para se saber Grammatica; mas ainda não julgou, que merecíamos esse seu favor: não deixe de o fazer quando for servido.

Em primeiro lugar, quanto ao ser composta em latim, tem mostrado a experiencia, contra aqual he imprudencia argumentar, que com ella tem estudado, e estuda muita gente boa, e com grande aproveitamento, tanto no Reino, como fóra delle; e bastará por prova, que estudando Sua Merce por ella, sahio taõ eminente na Latinidade, como em tudo o mais, que admiramos neste seu methodo geral. Ella lá traz as Languages com o Portuguez correspondente; para os Nominativos era escuzado, como se vê; o mais estudado logo na lingua Latina conserva-se muito melhor na memoria, do que se fosse em Portuguez. Eu tambem andey nas classes, e posso affirmar, que alguma coula, que me lembra das suas regras, saõ das Latinas, e dellas me valho para construir quatro palavras, e escrever outras quatro; e o mesmo haõ de experimentar todos, porque o Latim he para
se

se conservar na memoria, e não para se deixar nas classes, quando se deixo para subir a outras mayores.

Para que os rapazes, em quanto aprendem, entendão as regras, se lhes poem o seu sentido no Cartapacio de Gencros, e Preteritos, e isto meſmo se uza nas outras Provincias. A Syntaxe traz na Arte o preciso das regras; como porém he só compendio: a falta de muitos usos de Verbos, e nomes se ſuppre com o Cartapacio, ainda que não se obrigaõ os estudantes a darem conta de tudo, reſervando para os que pelo tempo adiante quizerem ſaber todas as miudezas, o mais que fica no Cartapacio, e tambem as curiosidades do Promptuario, que he huma breve, e pequena parte do muito, que adverte o insigne, e erudito Padre Vellez. Tudo isto he preciso, para se apreuder huma lingua tão vaſta em preceitos, excepções, diversos modos no uſo dos Verbos, e Nomes, que até os meſmos naturaes della se valiaõ de livros, e eſcolás para a ſaberem-bem; e muito mais ſendo para nós morta, e ſómente tirada dos livros, que ſão os monumentos, que della nos ficaraõ. E quem com madureza de juizo ponderar as difficuldades, que tem o aprender eſta Grammatica, tem por fatuidade affirmar, que se póde ſaber em hum anno.

O methodo, que ſegue Manoel Alvares, he o melhor, que até aqui tem apparecido, em quanto não ſahe à luz o livrinho em doze, que nos promette; e eſta foy a cauſa porque o Geral da Companhia com o maduro conſelho de homens doutos quiz a introduziſſem nos eſtudos; mas iſto, não podia obrigar aos outros Meſtres, que em todas as partes abraçaraõ, e ſervir de preceitos para uſarem della. Para credito deſta Arte baſta ver, que em toda a Europa he venerada, e ſeguida com bem pouca mudança accidental; e que eſtudando por ella tem ſahido muitos eminentes na lingua Latina; e era impoſſivel ſahirem bons Latinos eſtudando por regras más, aſſim como não podem ſahir rectas as linhas tiradas por regra torta.

Mas para que se veja o nada, que contra o methodo deſta Arte prova o Senhor Critico, façamos eſte diſcurſo. He ſem duvida, que para o Latim he preciso ſaber Nominativos, para declinar os nomes, tanto os regulares, como os anomalos; e tambem ſaber Linguagens para a declinação dos Verbos. He igualmente preciso ſaber os Gencros dos nomes, e os Preteritos, e Supinos dos Verbos para a formação dos mais tempos. Não se póde negar a neceſſidade, que ha de ſaber Syntaxe para pôr certos os caſos, e a Syllaba para não errar na pronuncia. Não haverá quem negue ſerem *necceſſario* eſtas coiſas, ſalvo ſe nunca aprendeo *Muſa*, *Muſa*. Pois iſto he o que traz a dita Arte de Manoel Alvares: e para ſer completa, e acharem nella tudo o que reſta para aprender com perfeição, enſina a Syntaxe figurada, medição, e variedade de verſos, que se achaõ nos Poetas, e finalmente o uſo dos acentos. Para o Critico provar alguma couſa ao ponto, devia moſtrar huma de trez couſas contra a Arte; erros nas re-

gras, falta das precisas, e superfluidade. Em quanto não mostrar alguma destas cousas, não diga mal de huma Arte, que tem por assumpto ensinar a fallar bem.

Os estudantes negligentes lhe devem estar muito obrigados, porque não quer os mandem os Mestres castigar, mas que os soffraõ com paciencia, e procurem attrahillos com premios. Bom conselho. Mas o pay, ou mãy, que se acha em casa com cinco, ou seis, vê-se amofinada com elles, e que fará hum pobre Mestre às vezes com duzentos? Os pays castigã-nos, e os Mestres que os tratem como se fossem de vidro de Veneza? Castigar os discipulos com a palmatoria era tão uzado entre os meismos Romanos, que para Juvenal explicar, que andara no estudo do Latim, explicou-se com dizer, que tambem nos primeiros annos levãra suas palmatoadas: *Et nos ergo manum ferula subduximus*: de modo que he synonymo andar na classe, e provar a palmatoria.

E sem duvida, que não sabe que ha rapazes, que levarãõ os premios dos Mestres, e nem por isso pegarãõ em hum livro; e saõ como os peixes, que comem a isca, e não ficaõ prezos no anzol. Diga-nos neste caso, que remedio lhe occorre, e muito mais, quando os meismos pays os vem accusar, e encommendar aos Mestres, que os castiguem: e que haõ de fazer, quando por sua culpa faltaõ ao estudo, huns jogãõ os murros com os outros? Quando andey no pateo, ainda que fuy negligente, bem conhecia, que o Mestre tinha muita razãõ em me fazer castigar; tambem conheci os que nunca levarãõ castigo, porque eraõ tão cuidadosos, que não o mereceraõ; mas estes saõ poucos, aos mais he necessario às vezes levallos por medo; porque aquella idade ordinariamente não he ainda capaz de se levar por brio. Se o Critico era dos que nunca mereceraõ castigo, e trouxe o brio do primeiro dia, em que nasceo, dê graça a Deos, e deixe aos Mestres fazer o que entendem, que o castigo das classes não faz damno à saude dos estudantes.

Se dermos attençaõ ao que manda neste seu Methodo, que estudem, os que frequentaõ a Latinidade, he insopportavel a carga, que lhe quer acrescentar. Ordena-lhe, que estudem Geografia, Chronologia, escrever cartas, e Historia para entenderem os Poetas, além de repetirem comprimentos em Portuguez huns aos outros, e outras arengas, que saõ fóra de tempo, e lugar. Para se construir este verso de Virgilio: *Troiaque nunc stare, Priamique arce alta maneres*, he preciso saber, em que parte da Asia menor, hoje Natolia, ficava Troya; se longe, ou perto da praya; quanto distava da Grecia; quando se fundou, e por quem; quando se queimou; que idade tinha Priamo, e quantos filhos tinha. Que parentesco tem estas erudiçoens com o Latim?

Finalmente diz, que he superfluo, que se estudem versos de cór, porque he cançar a memoria; sem advertir, que o estudo de cór não a can-

sa, antes a faz mais prompta, conforme o axioma bem vulgar: *Memoria excolendo fit.* Por despedida ordena, que os Humanistas saibaõ lingua Grega, e Hebraico para entenderem os livros, como se não estivesse tudo muito bem explicado nos commentos latinos. Não sey porque não lhe aconselha, que aibaõ Francez, Italiano, Tudesco, Inglez, e por curiosidade a lingua de Angola, e a dos Tapuyas do Brasil. O certo he, que as suas criticas da Grammatica, e Latinidade, bem se pôdem levar *ad vendentes thus, & odores.*

R E F L E X A M VI.

Da Rhetorica, e modo de a estudar.

N Esta Critica parece, que se alteraraõ os humores do Muito Reverendo, e fez huma sátira bem detcomedida. Antes de tudo supponho, que ha duás Rhetoricas, huma natural, que se acha nos homens com bastante desigualdade, e pôde acontecer, que hum rustico exceda nella a hum grande estudante; e por esta razaõ pouco se devia Sua Reverencia admirar, quando vio (como diz) hum sujeito sem letras exprimir o seu sentimento melhor, que muitos Rhetoricos. A outra he artificial, de que se trata aqui, e serve para aperfeiçoar a natural, porque *ars perficit naturam.* Não ha duvida, que he bom o estudo desta, e que he util para Oradores sagrados, e profanos, Poetas, Historiadores, Compositores de cartas, e qualquer outra composiçaõ, e em qualquer lingua. Tambem concedo, que ha muitos, ainda entre os Prégadores, que pouco usaõ desta arte de fallar, e observaõ mal os preceitos della, e quando muito servindo-se só do natural conforme Deos lha concedeo; mas não queira impurrarnos todo o panal, que tambem pelas outras naçoens ha bons, e máos; porque nos bosques ha páos direitos, e muito tortos.

Porém, que culpa tem disto a Rhetorica de Pomey no seu *Candidatus*, e a do *Ariadne Rhetorum*, para dizer, que não são boas? Talvez cuidaria, que os Authores eraõ Portuguezes, e esqueceolhe de censurar a celebrada do nosso Cypriano. Para ser racionavel a sua censura, devia affinar os eros, que achou nellas, mas a sua teima he dizer mal, e basta que lo diga yo: quando muito acode à sua costumada cantilena: *Que não tem methodo, e que he escura*; e com isso se mete tambem no escuro passando adiante, tudo em geral, e nada ao ponto. E he de advertir, que querendo mostrar o que se deve aprender da Rhetorica, nada aponta, que se não ache nos mesmos Authores, que censura, nem era possivel o contrario, salvo se quizesse inventar nova Rhetorica, que para tudo he o seu grande talento. Lá diz que sabe de huma, cousa boa, em Portuguez, e nos deixa o desejo de avermos; mas não a quizeramos em Portuguez, seria mais engraçada

graçada em Latim, e de caminho admirariamos a sua culta Latinidade: em tanto que ella se não publica, aconselha-nos, que a estudemos por Aristoteles, Cicero, Quintiliano, e Longino; e como se disera, que para ir a Roma, vamos pela Perúia. Se ca a temos mais perto, para que he bucca longa?

Vale muito pouco a digressão, que faz, satyrizando aos Prégadores. Algumas cousas fuge, mas se são verdadeiras, sejaõ embora: já disse, que em todas as partes ha bom, e máo. Para ficar mais celebre a tua Critica, desfaz no Padre Vieira, querendo persuadir, que não fora Prégador, nem tivera estimacão em Roma, e traz notadas varias clausulas dos seus Sermoens. De nenhuma sorte quero gastar tempo em defença de Vieira, elle de tal sorte mereceo os applausos; tanto em Portugal, como fóra d'elle, e particularmente em Roma, que per si se defende, e he Mestre dos Prégadores: *Rumpatur quisquis rumpitur invidia.*

O Critico diz, que as Cinco pedras de David, que prégou em Roma foraõ seixadas espirituaes, alguém diria, que a censura era de couces; eu tal não digo, só me quer parecer, que fallar em pedradas he rapaziada. Se lesse em Santo Agostinho no *tr. 58. in Joannem* explicar, e moralizar as duas vezes, que Moysés ferio a pedra no deserto: *Gemina percussio duo ligna crucis significat*, que pancadas não daria contra a explicacão do Santo! Se lesse no Sermão de *Tempore* 197. fallando do desafio de David contra Goliath: *Venit verus David Christus, qui contra diabolum pugnaturus suam crucem ipse portavit: videte ubi David Goliath percussit, in fronte utique, ubi crucis signaculum non habebat; sicut enim baculus crucis typum habuit, ita lapis ille, de quo percussus est, Christum Dominum figurabat.* Aqui diria, que andava Santo Agostinho às seixadas? Seria bom conselho não se meter a fallar no que não sabe; e escuzaria de affirmar, que a Historia do futuro era o *Clavis Prophetarum*. Bem mostra, que o não vio, porque este he *De regno Christi in terris confirmato*, e póde casar sem dispensa com a Historia do futuro, que foy huma mera curiosidade do Vieira.

Tornando ao ponto. Ha dous modos de prégar, hum puramente oratorio, sem uzo de conceitos, e só apontando os textos da Biblia no sentido literal. Este he o estylo do Padre Señeri, e muito usado em Italia, e d'elle usa o Padre Bordalo, Francez; he proprio para sermoens de missão, porque serve para melhor excitar o auditorio à penitencia, e emenda das vidas; e por isso prudentemente se conclue o seu epilogo com o acto de contrição, lugar muito proprio, quando já os ouvintes se suppoem dispostos; o que com affaz imprudencia impugna o Critico, dando nos com isto a conhecer, que não querendo a misericordia, será mercedor do Hospital.

O outro methodo he usando de conceitos tirados do sentido allegorico da Escritura, de que mais se agradaõ os nossos Prégadores, e os Helpanhoes.

panhoes. E se o Prégador une o bom discurso, e bem deduzido do seu assumpto com o conceito posto em seu lugar, não ha duvida, que he agradável; e por esta causa foraõ ainda em Italia taõ applaudidos os Sermoens de Vieira. Nem este modo de usar das Escrituras he alheyo, antes muito familiar aos Santos Padres. Assim o mostra o lugar acima apontado de Santo Agostinho. O mesmo estylo se le no *Serm. 45. de diversis*, e na *q. 13. ex. Mat.* e outros lugares. Este uso he familiarissimo a S. Gregorio Papa: basta por exemplo ler a sua Homilia 29. na qual expoem o texto: *Elevatus est Sol, & Luna stetit in ordine suo*, accommodando a Christo o nome de Sol, e à Igreja Catholica o de Lua. O mesmo estylo se acha em S. Jeronymo na *Epist. 2. ad Nepotianum*, tom. 1. E he taõ frequente este sentido na Escritura, que tem muitos lugares, que de nenhuma sorte se podem tomar no sentido literal, como quando se diz no Gen. que Deos se arrependera de ter creado ao homem. Não quero dizer, que todo o Sermão deve constar de conceitos huns enfiados com outros; que se estes criticasse o Author, *vade in pace.*

Não me fica sem reparo dizer o Critico, que a obrigação dos Qualificadores do Santo Officio he serem defensores dos livros; mas he ignorancia, porque são Censores, que devem informar ao Tribunal; se os livros são dignos de se imprimirem, e tambem denunciar os que apparecem impressos, e trazem cousas dignas de censura, como este Methodo, que por isso ficou recluso nos carcerees da Inquisição. De caminho os culpa de fazerem aos livros approvaçoens laudatorias. Não se compadeça de que tomem esse trabalho; e se lhe parecer, não as leya, que não he obrigação. Se tem disão inveja, bom conselho, mande imprimir no Reino estas suas Cartas, e eu lhe prometto, que não faltará a lhe fazerem os elogios merecidos: ainda que seja seu Revisor aquelle panegyrista, a quem argúe de *presumpção desmedida*. Veja, não lhe dê o rayo em casa, e saiba, que tem o telhado de vidro: mas não ha cego, que se veja.

R E F L E X A M VII.

Da Poesia.

Nesta Critica diz, sem mais que o seu querer, que os Portuguezes não são Poetas, mas huns meros versadores. Lendo porém toda a sua arenga, só encontro hum largo discurso da diversidade, que ha de composições, como se nos fosse necessaria essa erudição, e culpando no seu tribunal os elogios, e pelas notas, que traz contra os que aponta, bem mostra, que não sabe, qual deve ser o seu estylo. No titulo da Carta promette a nova idéa de huma Arte Poetica, mas esquece-lhe, julgando não ser obrigado a cumprir todas as suas promessas. Salvo se a Arte

promettida se inclue naquellas regras, em que diz, que se faça o Poema com arte, com invenção, e com modo. Grande idéa! Muitas outras darey eu da mesma casta V. g. para fundir finos de boas vozes. Derretaõ-se os metaes com devida proporção; faça-se a fôrma com arte, e com a grossura, e altura, que manda a regra, e sahirá hum bom fino, que não tenha inveja aos de Mafra. Prepare-se a madeira, como he bem, a quilha se arme na sua justa proporção, as cavernas levem a altura, e bojo necessario, os mastros, e velas na medida proporcionada, e temos huma não bem feita; e assim discorrendo pelos mais artefactos.

O seu mayor empenho he censurar as obras poeticas, e nem Virgilio nas Eclogas lhe escapou, sendo que estas são as mais celebradas. Camões nada vale, e ainda que o verteraõ em Italiano, diz, que não soy porque o estimassem; e dá por prova, que tambem o Vieira se traduzio em Italiano, sem que aquella nação o estimasse. A prova he de rapaz. Não se canse, que não ha de tirar a Camões a estimação, que merece de Principe dos Poetas Portuguezes. Dá outra prova tão boa como a primeira, e he porque usa de muita finaliza. E que dirá de Virgilio naquelle seu verso, que não he das Eclogas: *Monstrum horrendum, informe, ingens, cui lumen ademptum?* Accrescenta, que traz versos errados. E não seja culpa das muitas impressões, que delle se tem feito, quando este seu Methodo, cahio em tantos erros logo nesta primeira impressão, como mostraõ as suas erratas? Se porém errou Camões, não imite os erros, porque esses não impedem, que o mais seja bom, e *hominum est errare*; e por satisfação construa estes versinhos: *Ubi plura nitent in carmine, non ego paucis offendar maculis, quas aut incuria fudit, aut humana parum cavit natura.*

Passa logo à censura dos versos de Fr. Antonio das Chagas, e vem-se o mundo abaixo, porque differa em hum verso *agradables danos*, julgando, que andaõ alli os trocadilhos aos murros. E porque? Porque os damnos se nam podem dizer agradaveis? Grande difficuldade! Não achou a Igreja Catholica inconveniente em chamar à culpa original de Adão, como lemos no Officio do Sabbado santo: *O' felix culpa, quæ talem meruit habere Redemptorem*; e he grande desacordo dizer, que ha damnos agradaveis. Ha erros, que são acertos, e por isto he adagio latino: *Rectum ab errore*. Quantas vezes de hum damno nasce huma grande felicidade? Em huma occasião deraõ huma estocada a hum homem, e a espada lhe furou huma postema, que tinha no interior, e lançando-a pela ferida, ficou livre della. Outro, dando huma grande pancada com a cabeça, ficou com seu juizo perfeito, sendo até entãõ mentecapto; e porque se não podia dizer, e muito mais na Poesia, que aquella pancada, e estocada foraõ agradaveis? Outros peccados teria o Chagas, que chorar, que aqui não ha materia de absolvição. Causa seu divertimento ler a censura, que

à descripção de hum grande nariz nos versos seguintes. Era-

*Era-se un-espõlon de una galera,
Era-se una pyramide de Egypto,
Las doze tribus de narizes era,
Era-se un narizissimo infinito
Muchiissima nariz, nariz tan fiera,
Que en la cara de Anax fuera delicto.*

Nam pode levar à paciencia, que o Poeta pintasse em hum só homem hum nariz, que se podia repartir por muitos mil, e que he cousa alheia da razaõ, que haja nariz do tamanho de huma pyramide de Egypto. Pois, nõsso Irmaõ, nõ quer dar licença aos Poetas para uzarem de hyperboles? *Pictoribus, atque poetis Quidlibet audiendi semper fuit æqua potestas*: e repare no *semper*, que denota posse immemorial: e de mais de cem, e duzentos annos. Se as exaggeraçõens nõ sèrvem os Poetas, a quem quer que sirvaõ?

Consultemos neste grande cazo a Virgilio, que tem voto na materia. Quiz elle explicar o grande olho, que Polifemo tinha na testa, e disse que era do tamanho de hum eicudo Grego, e nõ menor, que o globo do Sol, conforme parece à nõssa vista. *Argolici clypei, aut Phæbea lampadis instar*. Para dizer que era de estatura agigantada, diz que entrando até o meyo do mar, ainda as ondas lhe nõ chegavaõ ás costas: *Graditurque per æquor jam medium, nec dum fluctus latera ardua tinxit*. Disse, que o cavallo de Troya era como hum monte *Instar montis equum*; e as obras da fortaleza de Carthago as poz na altura do Ceo. *Pendent opera interrupta, minaque Murorum ingentes, æquataque machina Cælo*. Se quer mais, affinarey exemplos sem conto. Sendo pois este modo de exaggerar taõ familiar aos Poetas, que lhe fez aquelle nariz para cortar por elle? He verdade, que como he grande, ainda lhe fica que repartir.

Empenha-se em louvar hum Soneto, de que está taõ pago, que duas vezes o repete na sua obra por exemplar, e devia ser obra sua. Tem por assumpto mostrar, que huma dama era fermoza por ser feya. Só quero apontar as primeiras quatro regras por amostra do panno, e saõ as seguintes.

*Es feya, mas desorte, que horrorosa
À tua vista he bella a fealdade;
Mas tens tal fortuna, que a enormidade
Te consegue os tributos de formozã, &c.*

Euge, Poeta, nõ há mais que dizer. Mas com sua licença, se vay a fallar sem lisonja, o Soneto nõ tem pés, nem cabeça. Duas vezes repete aqui a palavra *mas* sem graça, e com mão artificio. Nas quatro regras

gras se acha hum horrendo pleonasmo, porque as primeiras duas dizem o mesmo que as ultimas, como se disseramos: Bacalhao com ovos, ovos com bacalháo. E ainda não está toda a conta nestes reparos. Os Poetas tem licença para uzar de hyperboles, mas ainda não alcançaraõ facultade para unirem hum contraditorio com outro, porque isso he impossivel. A fealdade he contradictoria da fermosura, e tanto póde o feyo ser fermoso, como a luz escuridade, o bom máo, e o torto direito. Póde huma mulher ser fermosa por huns predicados, e feia por outros, v. g. feya na cara, e fermosa no entendimento, e graça no cantar; feya nos olhos, se for bem torta, e bem feita no corpo; mas a fealdade ser fermosa, e a fermosura feya, he impossivel, e querer pertuadillo he bom despropósito. O mais que diz sobre a Poesia não merece resposta, mas total desprezo.

R E F L E X A M VIII.

Da Logica Aristotelica.

Muito perdeu Aristoteles por não viver neste tempo, em que podia aprender deste Critico geral novo methodo de compor: na verdade diz delle tantos males, que se soubesse onde estavaõ seus ossos, era capaz de os mandar á queima. A principal causa he porque admittio formas substanciaes, e accidentaes; muitas vezes repete esta queixa, e eu podendo desprezalla, sempre venho a cahir na tentação de responder alguma cousa, tendo já dito o que basta, e sobeja na Reflexão III. Digo agora pelo contrario, que entãõ seria culpado, se não admittisse taes formas substanciaes, e accidentaes distinctas; e que não he pequeno louvor de hum Filosofo gentio, que sem a luz da Fé atinasse com verdades taõ proprias dos dogmas da nossa Religião, e dou razaõ do meu parecer, *habita venia* de Sua Reverendissima, ou Sua Merce.

Não póde negar, que a alma racional seja fôrma do corpo, como lhe chamou o Concilio Lateranense, nem tambem que haja accidentes na substancia, pois além dos accidentes da Eucharistia, de que fallarey em a Reflexão X. da Fyfica, sabemos que ha actos do entendimento, e da vontade assim naturaes como sobre naturaes de atrição, contrição, &c. Ha habitos infusos de Fé Esperança, e Charidade, e esta se perde pelo peccado grave, e se recupera com a graça, que tambem he accidente, e este, e os mais distinctos da alma. Sua Merce não póde negar isto *salva fide*; pois estamos concordes na realidade. Se o confessa, toda a bulha consistirá no nome: nós chamamos-lhe formas accidentaes, e à alma racional fôrma substancial: bautize-as lá com outros nomes, ainda que não sejam dos que manda o Ritual Romano, que nem lho impediremos, nem nos fará novidade, *et sublata est omnis dubitatio.*

Nesta

Nesta Carta vay trasladando huma grande, e erudita narraçãõ de Filosofias, que houve, e como se propagaraõ, e extinguiãõ, os seculos em que floreceraõ, e os Authores que as ensinaraõ, com tanto magisterio, que tremem os cunhaes do palacio Filosofico, e de Minerva. Todas effas historias, sejaõ ou não sejaõ assim, lhe concedemos de boa vontade; e que se tira dahi? Nada. Tambem confessamos com todo o coraçãõ, que a Filosofia experimental, e os seus instrumentos são dignos de toda a estimaçãõ; mas com tudo isso, ainda que sue pela testa, não ha de provar, que effas experiencias destroem o systema Aristotelico: appareçaõ as balanças para pezar o ar, que para bem se devia fazer a experiencia junto da Lua, onde o ar não tem mixtura de vapores, e exhalaçõens, que facilmente podem causar esse pezo; mas dado que peze o ar, diremos que Aristoteles, se disse que o ar era leve, ou fallou respectivé aos corpos crassos, ou se enganou; e por taõ leve culpa logo o havemos de desterrar? He muito rigor; quanto mais, que terá a desculpa, que *pelo peccado ficamos sujeitos ao engano*, como Sua Merce diz na r. p. fol. 253, e Aristoteles tambem era filho de Adãõ para incorrer nessa pena. E aqui mesmo o mostra nesta Critica discorrendo largamente sobre as cauzas, que temos dos enganõs, e das más idéas, que formamos; e só Sua Reverencia pela graça de Deos está izento dellas.

Arma logo huma grande bateria contra a ponte de Aristoteles, que intitula dos Años; e com razaõ, porque nella se daõ a conhecer os que o são. Não se atreve com tudo a affirmar, que a formaçãõ dos syllogismos nas suas figuras contenha erros; mas sim que são embaraçados, e que tirando alguns da primeira figura, são superfluos, e niuguem uza delles argumentando. Tudo isso cá para nós he já velho, e o confessamos com o Padre Arriaga, que he Aristotelico. Já que fallamos em argumentos, saibaõ todos os arguentes, que não devem gritar nas conclusõens, porque se escandaliza muito disso Sua Reverencia, e he justo, que se lhe faça a vontade. Tambem confesso, que as nossas Filosofias andaõ cheyas de muitas questõens, que se podiaõ omittir, e disto tem culpa os arguentes, que deraõ em levantar tantas duvidas, que são a cauza de que os Mestres as tratem. Ao menos servem para apurar o discurso, e com a percepçãõ destas chamadas galantarias da Escola fica um estudante habil para perceber qualquer difficuldade mais embaraçada. Se não está por esta razaõ, e diz que são superfluas, *transeat*. De quantas superfluidades se uza para o ornato do corpo, como são polvilhos, cabelleiras, sedas bordadas, &c.? Quanto dinheiro se gasta em adereçar huma sala com cadeiras, espelhos, cortinas, pannos, e vidraças? Que peccado he, que os studiosos lidem com questõens, que ornaõ, e desembaraçaõ o bom discurso?

E que diremos da incoherencia, com que falla dos syllogismos? Humas vezes os condemna, e logo os approva; já diz, que entraõ em tudo,

e a poucos passos, que sem elles se póde discorrer. Ora asentemos em huma cousa. Tambem se esfórça a provar, que ha questuens mais fáceis de entender sem explicação do que com ella: traz este exemplo do vinho, que he de prova. Se dissermos a hum rapaz: Vês aquelle ramo na porta? pois significa, que alli se vende vinho; mais facilmente o entenderá do que se lhe disser: Este ramo signal arbitrario, e com dependencia da vontade he imposto para significar vinho. Vio-se frioleira semelhante? Tambem se eu disser ao rapaz: *Ramus ad osium appensus significat vinum venale*, não me ha de entender, não por ser escura a explicação, mas que póde entender quem não sabe Latim? Da mesma sorte mal entenderá a explicação em termos Filosoficos, quem não he filosofo. Se eu disser a hum rústico: O Sol anda á roda da terra, e huns mezes faz huns dias maiores, e outros menores, melhor me entenderá, do que se lhe fallar por termos mathematicos em Equinocio, Solsticio, Zenith, Apogeo, Perigeo, Meto recto, obliquo, e de trepidação. Sem duvida, que a explicação deve ser em termos acomodados ao que ouve, e não como fazia hum, que rogando ao barqueiro o trouxesse de Santarem a Lisboa, lhe disse assim: Douto, e perito nauta, levaine na vossa cava cimba pelas ondas de Amphitrite até a minha cara patria.

Deixando porém o cazo da explicação do vinho, que he cousa de rapaziada, vamos ao principal. No titulo da sua Carta nos promette o Critico dar a idéa de huma boa Logica, e nella se não acha outra, senão esta, que traslado pelas suas mesmas palavras da pagina 262. e são as seguintes: *Entender os vocabulos, determinar as questuens, separar as partes dellas, fugir de todo o genero de equivocos, fugir das escuridades, estabelecer termos communs, e claros, entender os testemunhos para a historia, antiguidades, cronologia, geografia. Para a Fysica as noticias das melhores expertencias, ler o contexto, e ver as mais cousas, que apontão os outros para não errar no criterio, ter presentes os canones, que communmente se assinaõ para distinguir as obras suppostas das verdadeiras.* Que vos parece a ingrezia? Nam póde haver coisa mais escura, tudo palavras geraes sem alguma explicação, como se dissera: Ideia para fazer papeleiras: Preparese madeira, não falte grude, tornos, tinta, e o que mais for necessario, tudo se ajuste conforme a arte, e temos papeleira. E pergunto eu: que cousa he entender os vocabulos, e quaes são? Que cousa he determinar questuens, e separar parte dellas! Nada disto se explica; e se tomarmos estes preceitos na generalidade, que soão, não basta a vida de Matusalem para se saber esta Logica. Cuidaráõ alguns, que fugir das escuridades he estar sempre com luz. A verdade he, que quando o Critico escreveu esta idéa logica, estava cuidando em outra cousa.

R E F L E X A M IX.

Da Metafizica.

Muito se empenha este grande homem em censurar o modo, com que os Aristotelicos tratao a Metafizica, compadecendo-se do trabalho inutil, que tomam em tratar tantas questoens. Agradecemos a charidade fraterna, e o zelo que tem do nosso decaço. Tambem louvamos muito a grande urbanidade com que aceita os elogios, que lhe dá o seu correpondente, e isto sem sombra de vaidade, pela idéa da nova Logica, que deu na Carta antecedente, que he excellente, e póde servir para embrulhar cozinheiros. De caminhar lhe encomenda não publique as suas Cartas, tenão a quem as entenda. Oh quem seraõ estes ditos! E logo dá a razão porque ha juizos de pedra, e cal, e cabeças duras.

E V. m. meu amo entende, que não são bons estes juizos? Vá vendo as circumstancias, que tem as paredes de pedra; e cal. Ellas tem fundamento, e começo de lugar mais solido; e assim deve ser o juizo do homem, ser bem fundado em alicerces solidos de boa doutrina. Estas paredes compoem-se de pedras postas em boa ordem, muitas dellas lavradas todas, direitas, e a prumo. E não he proprio de hum bom juizo compor-se de noticias bem ordenadas, lavradas com o trabalho dos estudos, noticias, que vão direitas á verdade, e por isso bem aprumadas! As taes paredes são fixas, e firmes no seu lugar, e sempre com pezo: e não he este juizo melhor, que o leve, o qual se inclina para onde correm os ventos, e com perigo de dar muita cabeçada? A parede de pedra, e cal toda he solida por dentro; e juizo, que não tem esta solidez, he vão, e oco. Chamalhe V. m. cabeças duras: pois agradao-lhe as moles, que não tenhaõ casco, ou se os tem, são de cebola! Se são duras, por se não amolgarem aos seus documentos, fazem muito bem, e não querem consentir em destemperos; tenha paciencia, e busque quem o creya, que o mundo he largo, e nelle há gente para tudo.

Tornando ao nosso ponto. Depois de fazer huma digressão, explicando que cousa he Metafizica, assenta que he inseparavel da Logica, e Fyzica. Se quizer dizemos, que humas partes tem connexão com as outras, tudo lhe dou; e ainda digo mais, que de baixo do unico titulo de Ente metafizico se póde tratar toda a Filosofia, como fez o Padre Soar. Graciat. em hum só tomo. E se quer ainda mais, digo, que o titulo de Ente he tão universal, que de baixo delle se podem tratar todas as artes, e sciencias, porque tudo he ente: isto porém não obsta, que se possa tratar estas partes do ente separadas, e devididas em varias materias; huma considerando o ente de hum modo, e outra de outro; nem nisto haverá peccado, que levemos aos pés do Confessor. Def-

Deſta digreſſão deu-lhe o flato em cenſurar a Feijó , e a culpa maior he , porque nos ſeus livros ſe aproveitou do que traziaõ os outros: bem podera advertir no noſſo adagio: Em caſa de ladraõ naõ fallemos em corda. As obras do Padre Feijó ſão muito eruditas, e ſobre modestas, e comedidas, naõ nomeaõ peſſoas determinadas, dizendo que eſtes ſão máos, aquelles peyores; huns naõ eraõ taõ ſabios, como ſe dizia, e outros naõ tiveraõ a eſtimaçaõ, que ſe inculca; fulano naõ ſoube prégar, e fulano naõ entendeo o que diſſe. Mas para ſe alcançar de huma obra, ſe he eſtimada, repare-ſe no gaſto da impreſſaõ; a de Feijó todos a querem, a do Critico geralmente he aborrecida, e deſprezada, como merecc. Conclue afirmando, que naõ necessita de Feijó, quem tem boa Logica, como ſe eſta foſſe hum conglobado, de todas as couzas. Eu naõ ſou muito verſado em historias, mas ainda me atrevo a contar-lhe hum par de duzias, ſem eſtar nenhuma dellas na ſua celebrada Logica.

Segue-ſe agora huma grave, e muito ſéria reprehençaõ aos Peripaticos, porque ſe fundaõ no prejuizo das fórmãs diſtinctas, e por iſſo naõ merecem, que ſe lhes reſponda. Grande perda! E alguẽm pergunta-lhe por iſſo? Mas dezejo ſaber, ſe as fórmãs diſtinctas ſão alguns manjares de má qualidade, que cauſem prejuizo na ſaude, ou ſe ſão como arpias, que roubem o dinheiro; porque neſta ſuppoſiçaõ iremos mais attentos com ellas. Notavel he a lida, que tem com as fórmãs diſtinctas! Mas viſto falar nellas tantas vezes, tambem me dará licença para eu fazer o meſmo, e viſto naõ nos fazer a graça de reſponder, ao menos tenha a bondade de ouvir.

Huma couza a que chamaõ *Alma racional*, e he eſpiritual, ſerá diſtincta do corpo, com o qual faz hum compoſto, que ſe chama *Homem*? Affim o diz Santo Athanaſio no ſymbolo da Fé, e aprovado pela Igreja Catholica: *Sicut anima rationalis, & caro unus eſt homo*. Como ella he ſuſtancia, e naõ materia, poderemos chamalla *Fórma*? O Concilio Lateranenſe na Seſſ. 8. dalhe eſte nome. Ora pela bondade de Deos já temos tantos milhares de fórmãs eſpirituaes, quantos ſão, foraõ, e haõ de ſer os homens; e tudo iſto ſem perda, ou prejuizo. Vamos ás fórmãs ſubſtanciaes materiaes. Os peixes (e daqui ſe argumenta para os outros animaes) teraõ alma, que he o meſmo, que fórma material, que os faz ter vida? Se nega, lá ſe avenha com S. Joaõ no ſeu Apoc. cap. 8. no qual diz: *Facta eſt tertia pars maris ſanguis, & mortua eſt tertia pars creatura eorum, quæ habebant animas in mari*.

Paſſemos ás formas accidentaes. A graça ſantificante he inherente a alma do juſto, como diz o Tridentino, que he bom Author; com ella ſe infundem os habitos ſobrenaturaes das virtudes, o que tambem diz o Concillio Moguntino. Alem diſto, Deos nos dá auxilios da ſua graça para obrarmos bem: temos actos de entendimento, com que julgamos, e

da vontade com que amamos, ou aborrecemos; temos nossos actos de fantasia, e outros de dor, tristeza, alegria &c. Estas couzas são distinctas da alma, e não são substancia: pois que são? Os que vamos direitos com os dogmas da Fé, chamamos-lhes fórmulas accidentaes, V. m. bautize tudo com o nome, que quizer, mas se não admite na realidade o mesmo, que nós, não vay muito direito com a Fé, e então direy eu, que todo o prejuizo está em não as admittir distinctas.

Finalmente reparo nesta Carta, o muito que se a gasta contra os actos primeiros proximos, e remotos, porque são arengas, que confundem o juizo. Por curiosidade quizera saber, se confundem o seu, ou não? Se lho confundem, não entende o que elles significão, e sendo assim não deve censurar o que não entende: porém se entende; para que diz, que confundem o juizo, por quanto se não confundem o seu, *a fortiori* não confundirão os dos mais. É na verdade causa admiração, que chame arengas, e confusoens a estes termos *proximo*, *remoto* sendo couza que ainda os rústicos alcançam, porque sabem qual he o campo proximo, ou remoto do seu; hum negro de Angola sabe, se o outro he seu parente proximo, ou remoto. Os banqueiros também sabem estes termos para procurarem as dispensas; os Parocos para darem a Unção ao enfermo sabem, que lha devem dar, quando está em perigo proximo de morte, e não remoto; os Confessores devem saber para absolverem a hum penitente, se a occasião do seu peccado he proxima, ou remota, e assim se podem amontoar exemplos em grande numero. Que arengas logo são estas, e para que he meter medo á gente, como se estes actos fossem fantasmas do outro mundo? Não he ben claro dizer, que quando a huma potencia nada lhe falta para obrar, está em acto primeiro proximo; e quando ainda lhe falta algum requisito está em acto primeiro remoto. Applique isto com o seu agudo engenho a qualquer causa, e saberá quando está em acto proximo, ou remoto. O mais que se lê nesta Carta, nem prova contra os estudos da Metafysica, nem impugna os principios Aristotelicos. Só confessa, que nestas materias ha muita questão impertinente; e quem as não quizer estudar, pode fazello em boa consciência.

R E F L E X A M X.

Fysica.

E mpenha-se nesta sua Critica a provar, que em Portugal se não sabe tratar Fysica; e todas as provas se fundão em louvores da Experimental: dado porem que esta seja melhor, por isso se ha de desterrar a outra? Fiquem ambas, e cada hum estude a que quizer. Porque a perdiz he melhor que a vaca, e o salmao excede a sardinha, haõ de prohibirse no Rei-

no as fardinhas, e a vaca? Não ha duvida que a Fyfica experimental he boa, engenhosa, e nella se usa de bellas mahinas artificiaes, e com ellas se tem obiervado muita couza, que os antigos ignoraraõ, e a experiencia o ensinou. Santo Agostinho com a opiniaõ ordinaria daquelle tempo julgava não haver antipodas, e com a frequencia da navegacão se soube o contrario. Cuidaraõ muitos, que a Zona torrida era inhabitavel, e vem os Portuguezes com seus olhos os innumeraveis povos, que na America, e Africa habitao debaixo della. Porem daqui nada se infere contra a Fyfica especulativa; e o que mais he, que todos os instrumentos da mechanica não desfazem o Sistema de Aristoteles, nem até aqui se pode provar.

Não ha duvida que alguns Peripateticos mais antigos foraõ demasiados em admittirem innumeraveis fórmas distinctas, como saõ relaçoens, ubicaçoens, sitos duraçoens, e ainda acçoens, e unioens, que muitos Aristotelicos negaõ; e nem por isso desamparaõ ao seu Filozofõ, e se o fizerem em alguma couza, nem por isso ficaraõ excommungados. Os mesmos Thomistas, que seguem ao Doutor Angelico, e os Escotistas, que defendem ao Sutil, levaõ em seus livros opinioens oppostas; e huns, e outros as querem authorizar com textos dos Mestres, que seguem; eles bem conhecem que ou huns, ou outros vaõ contra os mesmos Mestres Angelico, ou Sutil, porque elles não ensinaraõ couzas contradictorias na mesma questao; dizendo sim, e não; isso porem não he bastante para se dizer, que largaõ a sua escola.

Não se contenta com isso o Critico mór, quer que se não falle em Fyfica especulativa; mas não somos obrigados a lhe fazer a vontade como a doente; se a não quer estudar, *bonis avibus*, sem isto se pode salvar; deixe-nos cá com o nosso trabalho. Se toda a nossa culpa consiste em admittirmos fórmas distinctas, deixe o caso sobre a nossa consciencia, mas não diga com tanto arrojo, que se S. Thomaz admittio fórmas não disse bem; porque o Santo não só era sabio, mas bom catholico, e como tal não podia negar as que vaõ apontadas na Reflexao passada.

Nesta carta algumas couzas lhe daõ cuidado, e huma dellas he a condemnacão da segunda proposicão de Wiclef, a qual pertende identificar com a primeira. Diz a proposicão segunda: *Accidentia panis non manent sine subjecto in eodem Sacramento*; acode dizendo, que o intento do Concilio foy definir, que na Hostia consagrada não ficava a substancia do paõ. Com tudo isso a primeira proposicão do hereje dizia, que no Sacramento ficava a substancia do paõ, o que podia ser na sua errada opiniao, se ella alli ficasse sem accidentes alguns, e com tudo isso dizia mal, e se condenou, ainda que fosse no tal sentido. Na segunda proposicão he que diz claramente, que no Sacramento ficao accidentes juntos com a substancia do paõ, e por isso tambem se condenou; daqui se colhe que nestas duas proposicoens, se encerraõ dous erros distinctos, hum erro em admittir a sub-

substancia do pão no Sacramento ; o outro em admittir a substancia , e mais os accidentes no mesmo Sacramento ; de que tudo se infere que não são idênticas ambas as proposições , ao menos não he tão certo , como diz.

Accrescenta-se , que se como define o Concillio , he falso dizer : *Accidentia non manent sine subjecto in eodem Sacramento : eo ipso* he verdadeiro dizer : *Accidentia manent sine subjecto in eodem Sacramento* ; e assim o entendeo S. Thomaz nas lições do Officio deste mysterio approvadas pela Igreja ibi : *Accidentia autem sine subjecto in eodem subsistunt*. Diga-nos agora o Critico , como pode verificarle esta proposição , tanto a verdadeira , que se segue da condemnação , como a de S. Thomaz , não havendo accidentes distinctos da substancia ? Em lugar de serem verdadeiras , o serão falsas , por suporem accidentes de pão na Eucharistia , não os havendo nella , conforme a opinião , que infinita o Critico , e por esta causa dizem os que seguem a Carthesio , que na Eucharistia não ha accidentes , mas huma mera apparencia delles. Dado porém , que não haja taes accidentes , não póde negar , *salva fide* , ou mais que apontey na Reflexão passada.

Tambem lhe dá cuidado a explicação da graça santificante , e diz com toda a brevidade , que os Santos Padres a explicaram muito bem , e vay-se safando , porque lhe não serve a tal explicação à vista do Tridentino allegado na Reflexão segunda , onde diz , que he inherente a alma do justo ; e como pela culpa grave se perde com os habitos supernaturaes , que com ella se infundem , menos os de Fé , e Esperança , que se não perdem por qualquer culpa ; e todos se tornão a ganhar pela reconciliação de homem com Deos , nada disto lhe servia dizer , por se não ver obrigado a confessar , que eraõ accidentes distinctos. Contenta-se porém com dizer , que os Fyficos Aristotelicos não sabem dar razão , porque desce o rayo sendo fogo ? Pergunte por isso aos foqueteiros , que lançaõ huns foquetes ao ar , e em pegando o fogo na materia sulfurea , não sobem , mas descem as suas lagrimas ; e aos caçadores , que ao disparar a sua espingarda lhe sahe o fogo para onde está virada a boca , ainda que seja para baixo.

E por não tornar mais a fallar em Carthesio , nem em Filósofos , que tenhaõ parentesco com elle , digo , que o seu Systema ha muitos seculos , que morreo ; e os Hespanhoes , que tem o juizo em seu lugar , prohibirão o livros delle , e os mandarão sepultar na cova do desprezo , por dizer cousas boas para encaixar na cabeça de rapazes ; quem agora lhe quer desenterrar os ossos , que os venere. Melhor que Carthesio foy Platon , a quem muito se encoistou S. Agostinho , e bem celebrado foy Epicuro , Anaxagoras , Empedocles , e outros juntos com os Chimicos ; e com tudo veyo-se a alcançar , que o Systema de Aristoteles concordava mais com os dogmas da Religião , como direi na Reflexão da Theologia.

Ordena mais o Reverendo Critico , que se não pergunte , por quem

se determina a vontade. Venho em que obedeção os que jurarem *in verba illius*; porem se algum, dos que não são da sua confraria, perguntar por isso a hum seu contrade, ha de este responder, que não sabe, porque só estudou a questão do rayo, que sendo fogo desce? Vergonhosa resposta para discipulos de tão grande Mestre, e muito mais em materia de liberdade, que elle tanto exercita no estylo destas suas Cartas! Talvez que a causa de não querer semelhante pergunta, seja por não dizer, que a vontade se determina para actos distinctos, que são accidentes reaes, e daqui lhe fação forte paridade para os materiaes.

Causa eipanto ouvir a grande digressão, que faz para persuadir, que para saber Fyfica he preciso o estudo da Mathematica, e no mesmo tempo haverem liçoens de Algebra, Geometria, e outras. Tudo he bom, mas se he preciso, como nos ha de meter na cabeça, que se pode saber a sua Fyfica em breve tempo, e para que he enganar a gente? A Mathematica será necessaria para muita cousa, que se chama Fyfica, mas não para a que trata do Composto, e das suas partes, e causas. Não deixo de reparar, que em todas as regras do seu grande Methodo sempre intime o estudo da Geografia; terá alguma boa impressão de mappas, a que queira dar gasto com esta traça!

Finalmente para prova do que tem dito conta dous casos, que me parecem de Trancofo. He o primeiro, que ensinando a hum rapaz, lhe mandou, que não uzasse de livros; e que praticando com elle, em breve tempo o adiantou grandemente nos estudos, e poz em termos de ser um famoso letrado. O mesmo lhe succedeo ensinando huma Senhora, que hoje pode dar dias santos na sciencia. Sem duvida, que este par de discipulos tinha memoria angelica; mas com tudo quizeramos ver huma certidão authentica desta historia, porque ha juizos de pedra, e cal, que não querem dar credito a tudo.

O segundo caso foy com hum Jesuita, a quem referio, que vira hum homem de grandes forças meter a agua de huma siringa dentro de huma redoma de metal, que já estava antecedentemente cheia de agua. O Padre disse, que só podia ser, se a redoma se descarregasse pelos seus poros de alguma parte da agua, que já tinha, e ambos na sua conferencia ajustaraõ, que assim seria, e que tambem na agua haveria partes de ar, que sahisses para fóra; e podiaõ accrescentar, que tambem a siringa se alivaria de alguma agua pelos seus poros; e em huma, e outra parte haveria vacuo introsperio, que muitos admittem com grande probabilidade; e nestes termos se podia na redoma fazer lugar para admittir a agua da siringa. Este o caso, que nem nego, nem parece inverosimil.

A graça está na exclamação, que diz fizera o Jesuita neste caso, a saber, que á vista de tal experiencia lá hiaõ pela agua abaixo as suas Aristotelicas filosofias. Se tal disse o bom Jesuita, apostarey, que ou era lei-

go da Ordem, ou sabendo-lhe o genio, lhe quiz meter essa pala na cabeça. E se não faça-nos graça ou elle, ou alguem por elle de nos mostrar, que principio Aristotelico se desfez com o tal caso, *ŉ erit mihi magnus Apollo.* Sem eu ter corrido mundo já vi caso semelhante, e tambem na agua. Hum aguadeiro levava duas quartas cheyas, vieraõ dous mariolas com fede, e em quanto elle se divertio a fallar com hum amigo, cada hum lhe bebeo ametade da agua de cada quarta; advertindo o pobre no que lhe tinhaõ feito, ajuntou em huma a agua de ambas ficando a outra vazia. E confesso, que vendo a tal experiencia, não me occorreo cousa alguma contra Aristoteles. Não me canso em apontar o mais, que traz esta Carta, porque não são cousas, que metaõ medo.

R E F L E X A M XI.

Da Ethica.

HE insigue este Critico em lançar proposições absolutas, e sempre lhe esquecem as provas. Nesta Carta he importuno em querer persuadir, que a Ethica he precisa ao Theologo. Reparo porém, que lá diz, que a Theologia reconhece a verdadeira origem da natureza corrupta, apontar os meyoos tirados da revelação, ensina a conformarse com a ley natural, e positiva universal, e tambem alguns officios, que o Filosofo ignora. Logo reflectiremos nestas suas proposições. Por ora pergunto: ie a Theologia ensina tudo isso, que necessidade tem o Theologo da Ethica? Aqui se anima a dar duas razões. Primeira he, porque a Ethica confirma as suas razões com a authoridade dos Filosofos. Pode haver razão mais futil? Basta que para sabermos a origem da natureza corrupta, e os meyoos tirados da revelação, devemos buscar a authoridade dos Filosofos! Visto isso diremos, que o mundo he *ab aeterna*, que ha Fado inevitavel, que ha transmigração das almas, que estas morrem com os corpos, e semelhantes disparates, porque assim o disseraõ muitos Filosofos; e o que mais he, que culpa aos Casuistas porque se fundaõ na authoridade dos outros, e agora quer que para a Theologia se vaõ buscar confirmações aos Filosofos. Devia dizer pelo contrario, que a Theologia mostra quaes foraõ os Filosofos, que em algumas materias discorreraõ bem, e quaes os que se enganaraõ.

Dá segunda razão: e diz, que a Ethica dispoem ao homem para a Religiaõ. *Erit error peior priori.* Por ventura nós ainda não escolhemos Religiaõ, para que a vamos buscar á Ethica? Se he para que persuadamos aos Gentios a seguir a nossa Religiaõ, essa diligencia não se faz por Ethica, mostrase-lhe com a razão natural, que ha hum só Deos, e não pode haver muitos; que os preceitos do Decalogo são conformes ao dictames da

mesma razaõ; aponta-se os motivos da credibilidade que ensinaõ aos Theologos; e introduzidos estes principios se vaõ ensinando os mais dogmas, como saõ castigo aos maõs, e premio aos bons Assim começou S. Paulo o seu arrozoado no tribunal dos Areopagitas, e naõ se cansou com mais Ethica; e se nos ensina esta á conformidade com a ley natural, e positiva universal; tudo isso ensina melhor a Cartilha na explicação dos Mandamentos da Ley de Deos, e da Santa Madre Igreja. Os de mais casos, que daqui se podem deduzir, lá tem seu lugar na Theologia moral.

Voltando ao que prometti no principio, naõ entendo, que significa dizer, que a Theologia reconhece a origem da natureza corrupta; e na verdade a lição vay escura. Se quer dizer, que o peccado original nos privou da graça, e justiça original, concedo; mas bom he explicar-se melhor, quem tantas vezes accuza aos Filozofos, e Theologos de escuros; e se quer dizer outra cousa, explique-se sem uzar de enigmas. A outra proposição, que diz *aponta os meyois tirados da revelação*, he escurissima. Sabemos, que ha motivos para crer a revelação; e entendemos que as revelações divinas nos servem de motivos para obrarmos bem, como he a revelação das penas eternas, da conta que se nos pedirá no dia de Juizo, da certeza da morte, e incerteza do dia; conhecemos que outras servem para amarmos a Deos, como he a da Encarnação, e Morte de Christo. Se quer dizer outra cousa, falle de modo, que o entendamos, os que naõ sabemos Grego, e Hebreo. Diz a terceira *que a Ethica ensina alguns officios, que o Filozofos ignora*. Que officios seraõ estes? Os de sapateiro, barbeiro, cosinheiro, carpinteiro, e os mais que acabaõ em eiro? Todos estes supponho, que ignoraõ os Filozofos; porém se a proposição encerra algum segredo mais recondito, fique-se com elle, que me naõ canso em lho perguntar.

Continuando a sua prégacão para intimar o estudo da Ethica, como se alguem lhe dissesse, que naõ era boa, e digna de se saber, lança esta proposição: *Basta saber as regras de Direito para os casos repentinos*. A lição he breve, façamos agora a experiencia. Furta o ladraõ a bolsa alheya, vay para casa, entra em remorsos de consciencia, e quasi estava resolute a mandalla dar a seu dono; como porém lha naõ pede, determinou retella em si, porque dizia a regra *Melior est conditio possidentis*. Querem vender hum Mouro, o qual se cativou pela guarda coita, escrupuliza o comprador, se o Mouro he escravo, e resolve que naõ, porque diz a regra: *homo liber non usucapitur*. Fez Pedro hum crime de furtar o sinal de hum Tabelliaõ para fazer escritura falsa; he accusado naõ só de falsario, mas de homicida, porque diz a regra. *Offendens in uno factus est omnium reus*. Pergunta o pay a seu filho se jogou, e quanto perdeu: o pobre mancebo temendo a aspereza e condição do pay, que se tal perda sabe, o ha de tratar com grande rigor, e neste aperto jura, e torna a jurar que nem jogou, nem perdeu, e assenta, que naõ peccou, ainda que a Ley divina pro-

prohiba os juramentos falsos, porque naquelle repente lhe occorre a regra: *Quod non est licitum in lege, necessitas facit licitum.*

Quem póde duvidar, que estas resoluçoens são erradas, porque se applicaraõ muito mal as regras; não basta sabellas para se evitar o erro, he necessario entender o sentido, e termos em que fallaõ, e a excepçoens, que padecem. Não ha peccado, que se não opponha a algum mandamento, e com tudo para saber se esta, ou aquella acção he contra elle, necessita-se de muito estudo, e ir consultar os Doutores, e casos ha em que se não acaba de saber de certo, se são, ou não são prohibidos, v. g. se he licito pintar no dia santo; e porque são diversos os juizos dos homens dontos, condemnaõ huns, o que outros absolvem, e mais sabem todos os mesmos mandamentos do Decalogo; e daqui se segue, que não basta saber a regra, para logo decidir rectamente o caso.

Vem outra proposição sua ejusdem furfuris: *Os authores Casuistas não assinaõ razão.* Estou persuadido que este homem nunca abriu hum livro de casos; e se o abriu, porque não allega algum para abono do seu dito! Os Authores que trataõ as materias de Moral *ex professo*, o menos que dizem he a resolução da questão, o mais são os fundamentos, em que se estribaõ, e a solução do que em contrario se pode dizer: os que compozeraõ Summas para que os Moralistas possãõ com mais brevidade saber o que devem resolver no confessorio, ou fóra d'elle, apontaõ brevemente a razão, em que se fundaõ; e para prova disto não allego hum, ou outro, mas todos, e o póde alcançar quem não for demasiadamente idiota.

Profeguindo o seu assumpto, que consiste em dizer mal, accrescenta, *que ouvir a Frades, e Clerigos dixerem parvoices em cousas pertencentes ao direito natural.* Talvez seja esta tão verdadeira como a passada; mas se assim foy, tambem agora dizem muitos Frades, e Clerigos, que estas suas Cartas dizem parvoices em toda a materia. Eu porém por mayor cautella, como tenho cabeça dura, e juizo de pedra, e cal, nego a sua proposição, e dou a razão. O direito natural entronca com o divino, e das gentes. Ha direito natural permissivo, e perceptivo, absoluto, e condicionado; hum segue-se de conclusões immediata, outro de mediata, hum diz ordem a actos, que sempre tem bondade, ou malicia intrinseca, outro que só respeita a actos bons, ou máos em certas circumstancias; hum não depende da ley humana, outro depende; e destes ultimos diz Aristoteles 5. Ethic. cap. 7. que muitas vezes as cousas, que são de direito natural, se podem mudar, não todas, mas algumas.

Como pois para sabermos casar algumas resoluçoens com o direito natural desta, ou daquella casta, muitas vezes he necessario formar consequencias deduzidas de principios, que não são *per se notos*; he muito facil errarmos, quando se falla de repente nas materias. Veja agora a difficulda da que tem esta, e como facilmente podia acontecer, que os taes Frades,

e Clerigos dissessem bem, e o Reverendo Critico costumado a censurar tudo sem ser letrado, como nestas Cartas o mostra, fosse o que julgasse mal, e se persuadissem que a parvoice vinha dos que fallavaõ, sendo muito facil, que se apozentasse no que ouvia: e he para admirar a facilidade com que nos traz por exemplo de coulas faceis as resoluçoens, que se podem deduzir do direito natural, porque não sabe, que este direito com todas as suas pertenças envolve grandes materias; os que tem lidado com ellas vaõ mais attento; quem as não sabe, cuida que todo o mato he ouregaõ, e falla com mais confiança. Lembra-me o cazo do negro, que em qualquer pendencia logo se arrojava a meter mão a espada sem ter medo; vendo o senhor a sua valentia, e animo, mandou-o ensinar a jogar a espada preta, e quanto que soube, fugia de se meter nas bulhas, porque já advertia na facilidade com que lhe podiaõ correr huma estocada. Applique el cuento.

Tambem nos persuade, que a Ethica serve para distinguir a virtude do vicio. Sim senhor venho nisso, mas he necessario consultar a Theologia especulativa na materia de *Actibus humanis*. Na Theologia moral se aprende isso muito bem. Como Sua merce esta taõ insigne na Ethica, desejamos que o esteja nas virtudes, como he a humildade, charidade, e modestia no fallar, e que fuja da soberba, inveja, jaçtancia, vaidade, e desprezo do proximo. Boa virtude he honrar a todos, e não vituperar os mayores.

E para que he a digressaõ, que aqui faz contra a fidalguia? Ella he precisa nos Reinos para o seu lustre, e para os postos de mayor supposiçaõ, que requerem pessoas, que conciliem respeito. Boa he, e muito para estimar a fidalguia espirital, que consiste nas virtudes, como com grande devoçaõ nos intima com o versinho: *Nobilitas sola est, atque unica virtus*; assim o confessava Ulysses, e mais era Rey, respondendo a Ajax: *Qua non fecimus ipsi, vix ea nostra voco*. Mas esta não se oppoem á fidalguia humana, e se se unem ambas, tem mais lustre, e não a desprezou o nosso Redemptor, que nasceo de huma Máy muito illustre, como descendentes de Reys. Se ha fidalgos, como diz, que o não mostraõ nas açoens, encommende-os a Deos nos seus sacrificios, se não são de missa secca; e para os venerar a todos, saiba que os avós delles foraõ os que deraõ a Portugal o melhor nome, e lhe conseguiraõ grande gloria; e bom conselho, seria não fallar no que lhe não toca.

Finalmente deixando as mais arengas da sua Carta, reparo em asseverar, que em quatro annos póde hum estudante saber toda a Filosofia com Ethica, Chronologia, Geografia, e Astrologia. Eu nego de todo o coração, porque he pouco tempo para taõ grande jornada.

REFLEXAM XII.

Da Medicina.

A Tudo topa este celebre homem. Nesta sua Critica, quer; que os Medicos sejam Cirurgioens, e dá huma razaõ forte porque em Lisboa ha hum Medico, que he Cirurgiaõ mór. Boa prova! Nesta Corte temos hum Grande do Reino, e Illustrissimo com o titulo de Meirinho mór, ha tambem Almotacé mór, e Alcaide mór; e a quem virá a cabeça, que estes devem hum servir de Meirinho, outro de Almotacé, e outro de Alcaide? Sendo taõ noticioso dos outros Reinos, bem podia saber, que nelles são distinctos os Cirurgioens dos Medicos. O Medico cura as enfermidades internas, o Cirurgiaõ as externas, como são feridas, nascidas &c. E quando alguma doença se mostra no exterior, mas se entende que nasce de desconcerto interior de humores, acode o Medico; são porém occupaçoens distinctas, e o Cirurgiaõ mór he para incumbencia diversa do exercicio da Cirurgia.

Quer tambem, que os Medicos saibaõ Anotomia. Não ha duvida ser muito bom este conhecimento, e a ella pouco se applicaõ os Portuguezes em abrir os corpos humanos; mas os que são curiosos se contentaõ com a estudar pelos livros de que ha muitos, e com estampar, muito bons, e com miuda explicação, por final que ás vezes não concordaõ entre si. Com tudo esta perfeita indagação da anatomia he menos necessaria, ao menos com tanta miudeza nos Medicos, e muito mais preciza nos Cirurgioens, aos quaes pertencem as operaçoens, e he lhe necessario ver por onde haõ de cortar. Demos que o Medico seja insigne anatomico; como ha de curar o doente, se não vê com os olhos a parte interior donde vem o mal? Hum bom relojoeiro bem sabe quantas peças tem hum relógio, mas se lhe mostrar hum que pára, e que diga onde está o erro, seguro que mo não dirá sem o abrir.

Bem sey a differença que vay do relógio ao doente, porque aquelle nenhum final dá de si, e este dá informação, e tambem o pulso indica, que ha desconcerto naquella fabrica humana, que tem muito mayor, e mais admiravel, e miuda architectura: mas tudo isso serve para que o Medico possa conjecturar, qual seja a causa da doença; porque a mesma febre, tosse, ou afflicção pode nascer de varios principios, e para atinar com o verdadeiro muito ajuda a experiencia com o bom discurso, e muito pouco a Anatomia. Supponhamos hum doente abrazando-se com febre, que vay que o Medico saiba, que por aqui vão os musculos, por alli as arterias, que lá está a vea da arca, lá a do figado; a circulação do sangue tem o seu principio nesta parte, e acaba naquella? O ponto he indagar,

qual seja o principio do mal, e qual deve ser o remedio. Esta he a razão, porque nas epidemias se abrem alguns cadaveres, para verem os Medicos se tem alguma parte offendida; porque em quanto os não abrem, não o podem saber com certeza. Aqui falla, como cousa uzual, que devera os Cirurgioens saber, quando haõ de sangrar a arteria: esta casta de sangria, ainda na cabeça, que por ser solida dá lugar a se apertar a arteria picada, he muito perigoza; e nas mais partes he perigosissima.

Mas que diremos da celebre cura, que conta fez hum amigo a outro, que padecia grandes dores de almorreimas, e lhas fez parar com o leo de nabos? A respeito disto diz duas cousas selectas, a primeira que não seria o oleo quem abrandou as dores, mas porque era já tempo de se acabarem, e por isso falsamente se attribuiria a melhoria ao oleo. Quando sentir alguma molestia, tome esse dictame, não chame Medicos, nem cuide em remedios, esperando que ella á boamente acabe, e uze sómente de agua da fonte; porque quando Deos quer, agua fria he mézinha.

Accrescenta, que tal vez estivesse o remedio no oleo, e não nos nabos. Tudo podia ser, mas a historia he huma frioleira. E daqui infere, que muitas vezes receitaõ os Medicos hum composto de cinco cousas, e tal vez só huma dellas seja a que fez bem ao doente. Estarey por isso, mas não pelo que accrescenta, que deve o Medico fazer experiencia naquelle remedio, vendo primeiro se cada hum dos simples he o que aproveita, e depois acompanhado com outro até acabar a complicação dos cinco, por não accumular ingredientes. Tal vez não saiba o grande numero de vezes, que se pode fazer a tal combinaçãõ: e para que he andar com taes esperas, quando o Medico já sabe, que o composto dos cinco he proveitozo, e se entre elles vay algum superfluo, não he nocivo, que he o que basta.

A principal censura desta Carta he contra os Medicos Galenicos, o qual methodo, para o pintar mais feyo, diz, que veyo dos Arabes; e vimos a entender, que daquella terra não pode sahir cousa boa, como dizia o outro da de Nazareth: *A Nazareth potest aliquid boni esse?* Ouvi contar a pessoa muito fidedigna, que no certão de Angola havia hum negro, que sabia curar perfeitamente aos eticos; se assim he, seria bem, que os nossos Medicos não quizessem uzar daquelle methodo, porque veyo dos Cafres? Se a doutrina de Galeno he boa, ou não, cousa he, que não posso decidir, e muito menos o Critico mór; só posso dizer, que muito do que aqui apparece, foy feito em Francez, não para dizer mal de Galeno, mas para mostrar, que quem seguisse o methodo daquelle Medico, o podia estudar pelo modo, que a hi aponta, nomeando juntamente os livros de que podia uzar: querernos porém encaixar que Galeno não presta, por isso mesmo que diz mal delle, venho a entender, que deve de ser bom. Se eu vejo que diz mal de S. Thomaz, Escoto, Soares, Vieira, Camoens, e outros, que são excellentes nas suas faculdades, com razão hey de inferir, que Galeno he bom, porque diz, que o não he.

O certo he, que alguns Medicos não seguem a Galeno, nem por isso os vemos fazer milagres, e não deixão de lhe morrer doentes, que pertencem curar. Fóra de Portugal, e em Cortes donde há Medicos afamados, se são Galenicos, he final de ser a sua doutrina ainda hoje seguida: se o não são, nem por isso vemos, que lá morra menos gente, antes lemos nas gazetas, que tal Rey, Principe, ou Princeza, ou Senhora grande foy acommettida desta, ou daquella doença, e depois de dizer que está afflittida pelo celebre Doutor Fulano, e Sierano, vem a noticia de que morrera. Pois se o seu methodo he o verdadeiro, e o Galenico errado, porque razão cá, e lá más fadas ha, e morrem huns, livrando outros? e quantas noticias se conservaõ entre nós de Medicos antigos, que tivemos, e fizeraõ curas prodigiosas, sem que nesse tempo se loubessem estas curas à moda, como as quer o Critico? O que sey he, que ao nosso Reino chegaõ alguns Medicos de fóra, e se curaõ sem conhecer o clima do paiz, mataõ muita gente; e depois de o conhecerem, se começaõ a curar com os nossos, erraõ menos. Certo Medico Portuguez sahindo fóra do Reino, disse que deixava nelle enterrado a Galeno; quiz lá fóra seguir outro rumo, matou a muitos, como elle confessou, e para enterrar, menos, desenterrou outra vez a Galeno.

Qual porém será a culpa de Galeno para ser desterrado? Por ventura manda sangrar, purgar, dar vomitorios, e cordiaes fóra de tempo, e em doenças que não pedem, ou a tempo, e occasião opportuna? Se fóra de tempo, e lugar, nunca os Galenicos acertariaõ, e nós vemos o contrario; se a tempo, e occasião propria, porque se não ha de seguir? E se mostrar a experiencia, que em alguma couza errou, não se siga; mas isso não he razão para se não louvar a hum Author, que sem ter as experiencias, que depois d'elle tem crescido tanto, com tudo isso ainda os seus axiomas são venerados pelos doutos na faculdade. Poderá tambem ser culpa de Galeno seguir o systema filosofico de Aristoteles, Plataõ, ou qualquer outro; mas nada disso prova contra elle. Se mostra a experiencia, que manda sangrar, ou purgar a tempo, e com isso alivia o doente, que nos importa, que a sua Filosofia seja desta, ou daquella casta?

Para melhor me explicar ponho este exemplo da quina, a qual he bom remedio para as sezoes, como mostra a experiencia. Dirá hum filosofo, que ella se compoem de materia prima, forma substancial, a qual na arvore era de vivente vegetativo, e que depois de secca tem outra diversa, que tem accidentes distinctos, como quantidade, cor, amargo, pezo, e calor. Venha outro, e clame que tal não há, e diga com Leusippo, que a sua materia são huns certos atomos, ou tambem particulas eterogeneas. Grite Empedocles, ou alguem por elle, que se compoem de corpusculos, ou atomos elementares, e depois de ouvirmos a Carthesio, e a quantos se quizerem admittir, perguntara eu a todos: Componha-se a quina; como

V. m. quizerem, serve ella para curar as fezoens? Devem dizer, que serve pois applique-se ao doente para o sarar, e infirmos, que assim como effes systemas não dão, nem tiraõ a virtude á quina, assim são impertinentes para a cura das fezoens: e o que digo deste medicamento, se pode dizer de qualquer outro.

A mesma razaõ acharemos discorrendo pela cura dos animaes. Os alveitares curaõ hum cavallo de huma terçaõ, ou dor de barriga, polmoeira &c. porém nenhum delles se mete, em que o cavallo seja machina insensível, tenha, ou não tenha fórma, e accidentes distinctos; applica o seu remedio, e da mesma sorte o curaria neste, ou naquelle systema de philosophia, e para a cura não lerve essa indagaçaõ. O mesmo argumento milita na cura dos homens. Diga o Medico, que não he boa a definiçaõ *animal racional* como diz o Critico mór; teime que a alma não assiste em todo o corpo, mas em huma pequena parte da cabeça; que a dor, que diz o doente estar no lado esquerdo, não se fórma ahí, mas lá na casa, ou gabinete da alma; que a cor palida, que tem, não he distincta da substancia; ou diga, que o corpo daquelle homem se compoem dos cinco elementos chymicos. Sim, Sim senhor, dirá o doente, mas perguntará, se o haõ da curar com os remedios, que tem mostrado a experiencia seraõ bons para a cura do pleuriz? Dira o Medico (para dizer bem) que sim. Pois effes systemas tanto servem para a cura do pleuriz, como serve a lingua dos pretos para entender Latim.

R E F L E X A M XIII.

Direito Civil, e Canonico.

Sendo o estudo de Direito hum dos que mais florecem em Portugal, e assim reconhecido pelas mais naçoens, onde sempre tiveraõ estimaçaõ os livros, e postillas, que cá se compozeraõ: tendo os tribunacs do Reino Ministros, e Advogados doutissimos; vendo-se a Universidade de Coimbra cheya de professores de hum, e outro Direito com grande, e merecido applauso, e com o mesmo muitos, que deixaraõ a mesma Universidade pela Corte, onde são venerados os seus talentos, e grande erudiçaõ, começa este Critico a sua satyra com extraordinaria ousadia, e injuria de toda a naçaõ a dizer, que em Portugal se não sabe Direito, nem há Advogados, e Ministros que saibaõ por onde elle corre. Mas se em todas as suas Cartas manifesta a sua vaidade, e mal fundada presumpçaõ, nesta, e na seguinte parece mentecapto. Vi há tempos hum moço, que andava na Capella, como entaõ se chamava, perguntando aos tendeiros se queriaõ aceitarlo por seu caixeiro? Perguntavaõ-lhe se sabia escrever; e respondia com toda a fizeza, que sim: davaõ-lhe logo papel para mostrar a sua letra,

tra, e com todo o desembaraço tomava a penna, e fazia varias riscas para baixo, e para cima; parava a experiencia em rizadas, e virem a entender, que o pobre moço era doudo. Eu porém não me ria, mas compadecia-me d'elle considerando a desgraça de quem tem perdido a melhor joya do homem. Esta he a causa, porque ainda que me escandalizem as criticas deste fingido Barbadinho, sempre me compadeço d'elle, considerando que o mesmo achaque me póde sobrevir a mim, e a outros muito melhores do que eu.

As razoens com que pertende provar a sua these, são partos muito proprios do seu talento. Diz não menos, que os nossos Cathedraicos, Juizes, e Advogados acabaõ os annos da Universidade sem saber cousa de substancia contentes com quatro textos de cór, e que sem mais noticia que a de hum par de titulos do Digesto, e Decretaes entraõ huns a Lentes, outros a Juizes, e os mais a Advogados, persuadidos que ja são capazes do seu emprego, e de o exercitarem com grande satisfação. Esta a substancia da prova, e he tão forte, que será preciso gastar muitas horas de especulação, muito trabalho em revolver os livros, e finalmente consultar o cazo fóra do Reino, visto não haver nelle, quem saiba responder. Mas porque elle não cuide, que eu fallava de veras, que he capaz de tudo, eu me desdigo. Devemos fazer distincão entre os que se matriculaõ para ouvir Direito; huns tem habilidade, e applicação, outros tendo muito bom engenho passaõ os annos da Universidade sem cuidarem em estudos; outros finalmente não são dotados de boa percepção; e o mesmo acontece nas mais Universidades, porque os nossos não são de menos capacidade.

Supposta esta divisaõ, digo que os primeiros acabaõ os seus annos com muito bom aproveitamento, fazendoos seus actos com muito lustre; os segundos ao menos ficaõ com alguma noticia dos Authores, por quem devem estudar, e as materias, que devem saber em primeiro lugar; e querendo recuperar o tempo que perderaõ, se applicaõ com cuidado ao estudo da sua faculdade; e a mesma diligencia fazem os primeiros, que nomeey. Fallando pois destes (que dos terceiros não fazemos menção) he sem duvida, que acabando os annos da Universidade, tenhaõ, ou não tenhaõ estudado, não estaõ logo consumados Juristas, porque o Direito he largo; mas com a applicação aos livros, e depois com o muito exercicio huns de advogar, outros de julgar as causas, e ponderando as razoens, que se allegaõ, e estudando o que devem decidir; e outros finalmente preparando-se nos Collegios da Universidade para a opposição das cadeiras, se vem a fazer todos com a continuacão dos estudos huns grandes Juristas. Assim o vemos na Universidade com Lentes doutisimos, posto que não estejaõ adiantados na praxe forense, que facilmente a sabem, se entraõ nos tribunaes. O mesmo se conhece nos que para outras occupaçoens a largaraõ; e tambem nos que estaõ providos nos tribunaes de mayor graduacão, e em ou-

tros que actualmente servem nas judicaturas do Reino, e suas Conquistas. Dos Advogados se deve dizer o mesmo; porque a applicação a tanta variedade de causas, e em tão diversas materias os faz eminentes na sua faculdade, e muitos o tem mostrado nos doutissimos livros, que deão a prelo, e nos seus eruditos arrazoados manuscritos, que cada dia estão compondo.

He pois grande frioleira dizer o Critico, que em hum Jurista sabendo quatro textos, ou hum par de titulos, já cuida que está grande letrado, porque com pouco cabedal ninguém se deve imaginar rico, salvo se nelle sobrepujar a vaidade, e presumpção; nem tambem nos persuadimos que bastem os actos para a formatura, ou doutoramento; porque o letrado faz-se, como diz o nosso adagio, e o Direito Canonico, e muito mais o Civil são vastissimos; e para explicar a sua vastidão dizia hum grande Mestre na Universidade de Coimbra, que o Direito era tão comprido, como a estrada daquella Cidade até Lisboa, e que elle apenas teria andado a primeira legua. Isto dizia, quem era venerado por suas grandes letras, e sabia a difficuldade, que ha em comprehender tantas materias. Tal vez não dirá isto o Critico, e outros como elle, que em lendo dous livrinhos com quatro noticias geraes postas em Francez, que são muito boas para dar alguma instrucção, já fallão em Direito com grande confiança, persuadidos, que tem esgotado oCodigo, Digesto, Novelas, Decretaes, Sexto, Clementinas, e Extravagantes; e nem com pão quente haverá quem os tire desta sua errada imaginação; mas o certo he, como confessaõ os Medicos, que os flatos não tem cura.

Aqui não sey porque estrada, ou traveffa se mete Sua mercè a dar documentos sobre as qualidades, que devem ter os Conselheiros ultramarinos, e isto sem mostrar procuração bastante para o seu requerimento; o qual consiste em dizer, que naquelle Tribunal só se devem admittir pessoas, que tenham visto mundo; porque se não sabem o que vay lá por fóra, não saberão votar com a certeza necessaria em os negocios, que pertencem ás terras de fóra do Reino; como tambem não póde tratar negocios, que tocam com as outras Cortes, quem não tem andado por ellas. Esta a substancia, e em confirmação conta huma historia das razoens, que Socrates deu a Glauco para lhe provar, que não tinha bastante noticia para servir o em prego, a que aspirava. Bem faz em nos insinuar a grande capacidade, que tem para semelhantes em pregos; porém melhor fóra, que assim o dissessem os vizinhos, que he louvdr de S. Antonio: *Dicant Paduani.*

Posto o seu axioma, estão de grande partido para o Conselho do Ultramar os Capitaens de navios, e Pilotos, que tenham navegado muito: para o da Fazenda Contratadores, que como sabem augmentar a sua, bem podem administrar a alheya; para o Paço da madeira Carpinteiros; para a Casa das carnes Marchantes; para a da fruta os maridos das Colarejas; pa-
ra

ra a Mesa da Conciencia Melhores de cazos; e para a Junta dos Tres Estados, os que se ordenarão depois de viubar, por terem tido os estados de folteiros, cazados, e ordens sacras. A verdade he, que para as resoluçoens do Conselho do Ultramar bastaõ as noticias que temos daquellas partes, os informes dos Governadores, e Ministros dellas, com a praxe do que se tem ordenado em casos semelhantes, e sobre tudo a prudencia, e capacidade do Conselheiro; aliás será necessario, que tenha corrido todas as quatro partes do mundo; porque em todas tem a Coroa dominio. O mesmo bastará para o Conselho de estado, e mais Tribunaes.

Sem hum homem sair do Reino, só com ler algum livro, que trate das outras Potencias, e com as noticias, que facilmente se alcançaõ, se póde saber, que o Turco, Persa, e Russia são Potencias muito grandes; que qualquer dellas póde sustentar guerra contra a outra sem ajuda dos vizinhos; que o Imperio, e França podem formar grandes exercitos; que Inglaterra he grande Potencia maritima; Hollanda com ser pequeno paiz he rica, e respeitada; Suecia he grande Reino; Dinamarca não he para desprezar, Castellá he Monarchia dilatada, mais rica, que povoada, &c. Esta noticia, e as mais, que eu não tenho, unidas a huma boa capacidade, podem constituir hum bom Ministro para o Conselho, ou para huma Embaixada, sem para isso ser necessario, que primeiro vá tomar conta dos milhoens, que França tem de renda, nem que as peça ao Parlamento de Inglaterra, ou ás Assembleas dos Estados Geraes. E se lá lhe não quizerem dar taes contas, como he factivel, há de voltar para o Reino dizendo, que não traz bastantes instruçoens para ser Ministro naquella Corte? Não façamos o cazo tão difficultozo.

Antes que me esqueça, he bem fazer mençaõ de huma sentença, que allega proferira hum douto, o qual disse, que depois que os Commentadores explicaraõ a S. Thomaz, ninguem o entendeu. He valente dizer! Sem duvida o doutor era de Tibi quoque. He possivel que se o Commentador he máo, e escuro, teve poder sympatico para pegar a mesma escuridaõ ás obras do Santo, sendo antes claras! Eu que não sey, que ha taes commentos no mundo, vou ler huma questãõ no Santo, e não entendo o que elle diz, por culpa de hum Commento, que nunca vi! Parece cousa de encantamento. E o Senhor Critico sendo tão grande logico, como temos visto, ficou persuadido que dizia bem aquelle douto? Se se não persuadio a isso, escudadissimo foy dizello; e se assim se persuade, digo de veras, que he bom homem.

Eu indo cá pela Logica velha, argumento assim. Aquelles Commentadores explicaõ, ou não explicaõ a S. Thomaz? Se o não explicaõ, não são Commentadores; e nessa supposiçaõ, *tollitur questio*. Se o explicaõ he implicancia nos termos, que embaracem, e façãõ escuro o que na realidade de explicaõ; porque explicar não he embaracar, antes pelo contrario he desem-

desembaraçar. He o que em outra materia disse hum Poeta fallando dos zelos, que eraõ *una imaginacion preñada, si son zelos, no son nada, si son algo, non son zelos.* Se explicaõ os Commentadores, naõ embaraçaõ a intelligencia; se a embaraçaõ, naõ explicaõ. Tambem aqui se queixa, que vio muitos Authores, e que naõ prestavaõ. E quem lho disse, quando tal vez o achaque estaria da parte do que lia? Mas se era culpa dos livros, taes feriaõ elles, que falle muita verdade, que tambem anim me aconteeço o mesmo com estas suas Cartas, e tive paciencia, considerando que neste mundo ha bom, e máo. Se differ o mesmo remoque contra estas Reflexoens, eu naõ lho posso impedir, diga o que quizer.

Nesta materia de Direito quiz tomar o trabalho de repetir hum largo catalago de Authores na materia, approvando huns, e reprovando outros, como lhe pareceo, e cuida que com isso nos poz de ré. Se eu quizer fazer o mesmo, mandava vir o Catalago da Livraria de Coimbra, e junto com o de outras, que aqui há, o atogava com livros, e lhe daria cento por hum. Tambem faz outra digressão muito comprida do estylo, que há em Roma para Advogados, Solicitadores, e Juizes, o methodo, com que trabalhaõ, e vaõ subindo. Passe tudo; mas que tiramos dahi? Nada mais, que ficar presumindo, que já foy a Roma. Lá estudaõ as Decisoens da Rota, que assim lhe serve, e cá os Arestos: Lá tambem se revogaõ em hum tribunal as sentenças do outro; na mesma Rota hoje se decide huma cousa, e daqui a tempos outra, porque *tot capita tot sententia;* mas nada disto prova, que naõ tenhamos cá bom juristas, *quod erat demonstrandum.*

O modo, que aponta para se aprender Direito Civil, e Canonico, pode guardallo para quando fizer novos Estatutos da Universidade: em tanto lá sabem o que devem seguir, e do modo que se uza, tem sahido sujeitos de grandes esféras. Muito menos he necessario intimar aos Juristas a necessidade de aprenderem a lingua Grega, e historia Romana, e Ecclesiastica. O Direito Civil todo está em Latim muito puro, e os Authores o explicaõ muito bem, e he o que sobeja para se entenderem os textos, ou alguns sejaõ na realidade antinomicos, como Sua merce define, ou o naõ sejaõ, como querem os que se empenhaõ em os concordar, que he questaõ, em que vay pouco. Boa curiosidade he estudar as linguas, e historias, mas he impertinencia, que sendo o Direito taõ vasto, lhe queira pôr mais esses dous contrapezos taõ grandes, sem serem precisos para o intento. E se quer ver se tenho razaõ, suponha que hum ocioso vertia este seu quasi meyo baralho de Cartas em bom Francez; seria necessario que para se entenderem as muitas Leys, a que podemos intitular Novelas, que nellas promulga, aprendesse Portuguez qualquer Francez, que as quizesse estudar! Applique a paridade ao nosso cazo.

O mesmo digo do estudo da historia. A Ley promulgada, e aceita

ta obriga ao subdito em quanto se não abroga; e para obrigar tem mais força que seja de Justiniano, ou de Adriano! O ponto está em saber o que ella manda, e que está em seu vigor, para o que já se entende que foy ordenada por quem tinha authoridade legitima; porém que o Legislador fosse Pedro, ou Sancho; que se promulgasse neste, ou naquelle anno, nada faz ao caso, como tudo o que diz nesta grande Carta. Perdoe-me a confiança.

Quanto ao que em Carta separada diz dos Canonistas, asseverando com a sua costumada urbanidade que este Direito se não sabe em Portugal, merece tanta fé, como em tudo o mais. Os fundamentos para provar o seu assumpto não apparecem, e assim não merecem nova Reflexão, e esta basta. Porém de passagem lhe encommenda, que se não cansasse muito em nos querer persuadir, que o Author do Decreto nem era sabio, nem deixa de ter muitos erros. Como sabemos, que elle não tem mais authoridade, que a que lograõ os Authores, de quem tirou as sentenças, diga o que quizer, e delenfade-se com elle como muito lhe parecer; mas saiba, que Gregorio XIII. mandou expurgar os erros de Graciano, e que ficou coherente com os originaes de quem foy compilado.

Torna a encomendar aos Canonistas, que aprendaõ Grego, e historia sagrada, e profana. He boa teima! Elles dirão, que não querem, e que sendo a Ley revestida das circumstancias necessarias para obrigar, nada faz ao caso, que seja mais deste, que daquelle Papa. Dirão que os Canones estão em bom Latim, e que para se entenderem he escuzado o Grego. Hum exemplo aclara muito. Houve na China hum grande Filosofo, por nome Confusio, que seguia a Ley natural, e foy o seu primeiro Legislador grandemente venerado hoje naquelle vasto Imperio; andaõ as suas obras vertidas em bello Latim. Digame agora, se para eu entender as sentenças deste homem, tenho necessidade de aprender a lingua dos Chinas; porque conforme o seu conselho me determinarey ao que devo fazer. O methodo, que dá para se aprenderem os Canones, lá o guarde para os seus ouvintes, que os da nossa Universidade dizem, que o não querem seguir.

Não passe porém em silencio, hum caso estranho, que succedeo ao nosso Critico. Em huma das suas conversações mais eruditas, que as noites Atticas de Aulo Gelio, disse a certa pessoa, que a materia de Sacramentos era de Direito Canonico, e que o ouvinte não teve vergonha de dizer, que não era, mas que pertencia aos Moralistas. E não diz mais o caso, que na verdade fará chorar as pedras. Mas se eu tivesse a fortuna de estar presente, e dissesse, que a materia de *Sacramentis*, que vem nos Canones era de Gramatica, tal vez diria, que não, e eu teimaria, que tambem lá pertencia, porque me não mostraria nella palavra, de que não tratassem os Gramaticos; acodiria porém em sua defeza dizendo, que não
he